

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Gramática Comentada com Interpretação de Textos

TEORIA COMPLETA E QUESTÕES COMENTADAS

2ª EDIÇÃO

Adriana Figueiredo
Fernando Figueiredo

CAMPUS
CONCURSOS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Gramática Comentada com Interpretação de Textos

TEORIA COMPLETA E QUESTÕES COMENTADAS

2ª EDIÇÃO

Adriana Figueiredo

Fernando Figueiredo





Copidesque: Adriana Araújo Kramer
Revisão Gráfica: Carla das Neves
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-5682-6 (recurso eletrônico)



Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F488g
Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos [recurso eletrônico] / Adriana Figueiredo e Fernando Figueiredo. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
recurso digital

Formato: PDF
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-352-5682-6 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público - Brasil - Concursos. 4. Livros eletrônicos. I. Figueiredo, Fernando. II. Título.

11-7910. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3’36

Agradecimentos

Aos nossos tão queridos alunos, pelo estímulo e participação constantes, fundamentais para a execução deste trabalho.

A Fernanda e Guilherme, “as mais brilhantes luzes na mais escura noite”.

página deixada intencionalmente em branco

Os Autores

Adriana Figueiredo é graduada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Exerceu a função de Analista Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, e atualmente atua como professora de Língua Portuguesa também na área de concursos públicos, com experiência de mais de 10 anos no magistério.

Fernando Figueiredo é graduado em Letras (Português – Literatura) pela Sociedade Universitária Augusto Mota. Atua como professor de Língua Portuguesa há mais de 17 anos em vários cursos para concursos públicos em diversos estados.

Assista aos cursos dos professores, *on line*, com a mesma metodologia utilizada neste livro, nos sites ***www.canaldosconcursos.com.br*** e ***www.concursovirtual.com.br***.

página deixada intencionalmente em branco

Apresentação

Esta obra compreende as três etapas que consideramos essenciais para a preparação em concursos:

A primeira é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma breve e objetiva, para que o candidato não se perca em meio a uma série de informações amontoadas, com as quais deverá lidar diante da questão. Acreditamos que cabe ao professor filtrar, da teoria, apenas as informações indispensáveis às resoluções das questões.

A segunda etapa da didática desta gramática é essencial. Consiste na fixação dos conceitos apresentados, por meio de frases curtas, seguidas de sua explicação. Assim, você pratica os fundamentos recém aprendidos, para, posteriormente, aplicar nas questões de concursos. Por fim, na terceira etapa, apresentamos questões de concursos das mais variadas bancas, comentadas. É importante que o aluno compreenda que, em Língua Portuguesa, há necessidade de se realizar um treinamento de provas, independentemente de qual seja a banca. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso. Pensando nisso, selecionamos questões das principais instituições organizadoras de concursos públicos, para que você tenha uma preparação completa.

Procuramos, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaboramos para você: toda comentada, com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Nesta 2ª edição, dividimos a gramática em quatro partes: Ortografia e Semântica; Morfologia; Sintaxe e Interpretação de Textos. Com isso, conseguimos adequá-la ainda mais aos editais de concursos públicos. Nossa gramática espelha a forma como os editais são publicados, o que facilitará a rápida identificação dos tópicos a serem acessados. Além disso, ao final de cada assunto, você encontrará ainda mais questões propostas, para seu aperfeiçoamento.

Vale ressaltar que a Parte 4, Interpretação de Textos, vem com uma teoria completa, acompanhada de mais questões e exercícios de fixação comentados. Tudo isso faz com que nossa gramática tenha este diferencial no mercado: gramática com interpretação de textos. Tudo isso em um só livro.

Os Autores

página deixada intencionalmente em branco

Sumário

Parte 1
ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA

Parte 2
MORFOLOGIA

Parte 3
SINTAXE

Parte 4

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Parte 1

ORTOGRAFIA E SEMÂNTICA

página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 1

Estudo da Sílaba

1.1. Sílaba tônica

Primeiramente, vamos a uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) **oxítonas** – a sílaba tônica é a última sílaba da palavra:
maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) **paroxítonas** – a sílaba tônica é a penúltima sílaba da palavra:
ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) **proparoxítonas** – a sílaba tônica é a antepenúltima sílaba da palavra:
sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como **/mi/**, o **lhe** como **/lhi/**, o **o** como **/u/**. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de um vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos

de ditongo: no ditongo **crescente,** a semivogal vem antes da vogal; (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal; (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente*. Além desses dois tipos, o ditongo pode ser **oral –** quando a vogal é oral; (mág**oa**) ou **nasais –** quando a vogal é nasal. (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo,** que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.3. Encontros Consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa/ **pr**a-ta/ a**f**-**t**a/ a**p**-**n**eia.

1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

> **Atenção:** As letras **m** e **n** não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras

de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles...

1. **Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir:**

   a) saguão
   Resposta: sa-g**uão – tritongo**

   b) ruim
   Resposta: r**u**-**i**m – **hiato**

   c) séria
   Resposta: sé-r**ia – ditongo crescente**

   d) seria
   Resposta: se-r**i**-**a** – **hiato**

   e) enxaguais
   Respostas: en-xa-g**uais** – **tritongo**
   en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

   f) álcoois
   Respostas: ál-c**o**-**o**is – **hiato**
   ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

   g) minguou
   Respostas: min-g**uou – tritongo**
   m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

   h) quieto
   Respostas: q**ui**-e-to – **dígrafo**
   qu**i**-**e**-to – **hiato**

   i) voo
   Resposta: v**o**-**o – hiato**

2. **Identifique os encontros consonantais a seguir:**

   a) Castro
   Resposta: Cas-**tr**o

   b) flecha
   Resposta: **fl**e-cha

   c) ritmo
   Resposta: ri**t**-**m**o

   d) trabalho
   Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos:

a) prorromper
Respostas: pro**rr*om***per (**rr / om**)

b) digníssimo
Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele
Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo
Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem
Resposta: **qu**em (**qu**)

Finalmente, vamos às regras de Acentuação Gráfica. Destacamos as regras que mudaram com o Novo Acordo no que se refere à Acentuação Gráfica, mantendo as regras em que não houve alteração. Toda vez, então, que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o novo acordo, avisaremos, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Regra geral

1. **Oxítonos**: são acentuados os terminados em A (s), E (s), O (s), EM (ens).
   Ex.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. **Paroxítonos**: são acentuados os **não** terminados em A (s), E (s), O (s), EM (ens) e os terminados em **ditongo**.
   Ex.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. **Proparoxítonos**: todos são acentuados.
   Ex.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados **ocasionais**, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. **Monossílabos Tônicos**: terminados em A (s), E (s), O (s).
   Ex.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo uma questão do Cespe/UnB, apresentada a seguir:

1. **Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:**
   1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.
   2) Em "más", há emprego de acento diferencial.
   3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.
   4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: C.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: E.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminaram em *i* e *us*.

Resposta: C.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em – *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: E.

2.2. Outros casos

1. **Ditongos abertos (ÉI, ÉU, ÓI):** acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.
   Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói...

> **Atenção:** Pelo Novo Acordo, **não** são acentuados os ditongos EI e OI de palavras **paroxítonas** terminadas em a, o.
>
> Ex.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2ª vogal do hiato** for **"I" ou "U", tônica.**
   Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú...

> **Observação 1:** se após a 2ª vogal do hiato aparecer NH ou outra letra, **sem ser o S**, na mesma sílaba, não haverá acento:
>
> Ex.: rai**nh**a, bai**nh**a, jui**z**, cai**r**des.

> **Observação 2:** não se acentua a 2ª vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em – oo:
>
> Ex.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

> **Atenção:** Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em – eem (verbos LER, VER, CRER, DAR e DERIVADOS). Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção: Pelo Novo Acordo, não se acentuam I e U quando formam hiato com um ditongo anterior.

Ex.: feiura, baiuca...

Exceção: as vogais tônicas I e U, **em posição final, das palavras oxítonas** precedidas de ditongo **levam acento**. Ex.: Piauí, teiú...

3. **Acentos diferenciais**: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:
   a) TER, VIR e DERIVADOS na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.
   Ex.: eles têm, retêm, vêm, intervêm.

   b) DE INTENSIDADE (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): PÔR (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição POR.

   c) DE TIMBRE, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: PÔDE (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma PODE (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora uma questão da NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. **Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.**
   a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.
   b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.
   c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.
   d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.
   e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários:

Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (– *ia*, – *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em – *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em – *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm...")

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em – *r* e – *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór-gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: Letra C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) **Itaipú / Icaraí;**

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) **Bocaiúva / chapéu;**

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2ª do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo);

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí;

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm;

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em – **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê;

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, releem, veem, reveem, creem, descreem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico;

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter, destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio;

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem;

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em – **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst) / pôneis;

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos – **oi** e – **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, hein, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

Capítulo 3

Hífen

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupam as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante**, **anti**, **circum**, **contra**, **entre**, **extra**, **hiper**, **infra**, **intra**, **semi**, **sobre**, **sub...**; ou falsos prefixos **aero**, **agro**, **arqui**, **auto**, **bio**, **eletro**, **geo**, **inter**, **macro**, **maxi**, **mega**, **micro**, **mini**, **multi**, **neo**, **proto**, **pseudo**, **poli**, **retro**, **tele...**:
   Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:
   Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.
   Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo <u>**co**</u> –, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:

a) Se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, **sem hífen**.
   Ex.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...

b) Quando o **1º elemento terminar por vogal** e o 2º elemento começa por **r** ou **s**, devemos **dobrar as consoantes**, sem hífen.
   Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...

c) Com os prefixos **hiper, inter** e **super**, usaremos hífen se o 2º elemento iniciar por **h** ou **r**
   Ex.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...

d) Haverá hífen com os prefixos **circum** e **pan**, quando o 2º elemento começar por **vogal**, **m** ou **n** (além de **h**, como aparece na regra 1)
   Ex.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilarmos todas as regras.

Observação 2:

a) Se não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com **h**, serão usadas as duas formas gráficas:
   Ex.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.

b) Havendo perda do som da vogal do 1º elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita **sem hífen**.
   Ex.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...

c) Com os prefixos **des** e **in** não se emprega o hífen quando o 2º elemento perde o **h** inicial; se a palavra **não** aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.
   Ex.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex**, **recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).
   Ex.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas,benfazejo, benfeitor), recém-casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...
   Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.
   Ex.: precondicionamento, propor, pospor...
   b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.
   Ex.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab–**, **ob–**, **sob–**, **sub–**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Ex.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...
Obs.: com o prefixo **ad–**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d,** usaremos o hífen.
Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **– açu**, **– guaçu**, **– mirim**
Ex.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Ex.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já consagrou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece nos vocábulos que o uso consagrou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Ex.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...
Mas: (consagrados pelo uso) água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

1. Marque a forma correta:
1) contra-atacar / contraatacar;

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2) anti-sociável / antissociável;

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina (*i*) ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem *s* ou *r*, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3) mini-saia / minissaia;

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4) contra-balançar / contrabalançar;

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen. A letra que inicia o 2º elemento não é **s** nem **r**, então se dobram essas consoantes.

Resposta: contrabalançar.

5) contra-regra / contrarregra;

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6) anti-imperialismo / antiimperialismo;

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7) anti-horário / antiorário;

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8) mini-retrospectiva / minirretrospectiva;

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9) co-seno / cosseno;

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10) micro-onda / microonda;

Comentários: O prefixo **micro** termina em *o* e a palavra **onda** inicia por *o*, hífen.

Resposta: micro-onda.

11) hiper-realista / hiperrealista;

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12) sub-região / subrregião;

13) sub-braquial / subraquial;

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14) pré-gravação / pregravação;

15) pré-estabelecido / preestabelecido;

16) pré-eminente / preemininte;

17) pró-britânico / probritânico;

18) pró-romper / prorromper;

19) pré-fixado / prefixado;

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos, eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20) poli-híbrido / poliíbrido;

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21) contra-indicação / contraindicação;

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por *a* e sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22) contra-senso / contrassenso;

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou *s* após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23) infra-estrutura / infraestrutura;

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24) auto-análise / autoanálise;

Comentários: A explicação da anterior vale para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por *a*. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25) ante-estreia / anteestreia;

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26) ante-sala / antessala;

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27) mal-assombrado / malassombrado;

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28) multi-racial / multirracial;

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.
Resposta: multirracial.

29) vice-imperador / viceimperador;

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex...vice...**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.
Resposta: vice-imperador.

Capítulo 4

Homônimos e Parônimos

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:
colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:
seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:
lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que você memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e Parônimos

Asado (que tem asas, alado)	**Azado** (marcado, determinado)
Acender (pôr fogo)	**Ascender** (elevar-se, subir)
Arrear (pôr os arreios)	**Arriar** (abaixar, descer)
Acessório (secundário)	**Assessório** (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	**Apressar** (correr, acelerar)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	**Broxa** (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	**Cassar** (anular)
Cesta (guarda objetos)	**Sesta** (descanso após o almoço)
Cela (quarto pequeno)	**Sela** (arreio)
Cerrar (fechar)	**Serrar** (cortar)
Coser (costurar)	**Cozer** (cozinhar)
Chá (bebida)	**Xá** (soberano do Irã)

Despercebido (sem ser notado)
Desapercebido (desatento)
Deferir (despachar)
Diferir (divergir, discordar)
Descriminar (inocentar)
Discriminar (separar, distinguir)
Destratar (maltratar)
Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)
Docente (que ensina, professor)
Descrição (enumeração)
Discrição (prudência, recato)
Eminente (elevado, sublime)
Iminente (ameaça acontecer)
Esperto (inteligente, ativo)
Experto (experiente)
Espiar (observar)
Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)
Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)
Extrato (resumo)
Esbaforido (ofegante)
Espavorido (apavorado)
Infringir (transgredir, violar)
Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)
Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)
Intemerato (íntegro, puro)
Incipiente (inexperiente)
Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)
Enfestado (empinado, dobrado)
Incerto (impreciso)
Inserto (introduzido)
Mandado (ordem judicial)
Mandato (procuração, incumbência)
Prescrever (determinar, ordenar)
Proscrever (banir, expulsar)
Pleito (eleição, debate)
Preito (homenagem)
Remissão (perdão, clemência)
Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)
Ratificar (confirmar)
Vultoso (volumoso)
Vultuoso (congestão na face)

Capítulo 5

Uso de por que, por quê, porque e porquê

As frases de 1 a 6 mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso desse vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (*com* ou *sem* ponto de interrogação), ou quando equivale a *pelo qual*, *pela qual* (nesse caso, o **que** será pronome relativo).

Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").

O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, vamos às frases.

1. _________ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades ________ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos...).

Resposta: por que.

3. Você saiu _________? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _________ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.
Resposta: porquê.

5. Não sabemos _________ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.
Resposta: por que.

6. Faltei _________ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.
Resposta: porque.

Capítulo 6

Uso de expressões cotidianas

6.1. Uso de *há* e *a*

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

1. Não o via _________ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.
Resposta: há.

2. _________ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).
Resposta: Há.

3. Daqui _________ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.
Resposta: a.

Agora, veja outras expressões que costumam também suscitar dúvidas dos alunos:

4. Conversávamos _________ música. (acerca de / há cerca de)

5. _________ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _________ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4) acerca de; 5) Há cerca de; 6) Cerca de.

7. _________ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _________ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _______ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento..."). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo...").

Respostas: 7) Se não; 8) senão; 9) senão.

10. Assim que chegou, foi _________ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _________ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10) ao encontro de; 11) **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. __________ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. __________ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12) Ao invés de; 13) Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, senão acordará tarde amanhã.
b) Mal começou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que há cinco anos ganhou na loteria.
d) Estava mau informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje a dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra *mal* usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é <u>inadequado</u> preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, ____________ o telegrama. (tampouco)
b) As novas funcionárias trabalhavam ali ____________ de duas semanas. (há cerca)
c) Chegou finalmente o momento ____________ todos esperavam. (por que)
d) O funcionário veterano não esqueceu o ____________ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)
e) As chuvas causaram ____________ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra <u>tráfico</u> não deve ser confundida com <u>tráfego</u>, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.
b) flagrante/fragrante.
c) eminente/iminente.
d) inflação/infração.
e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) <u>A</u>(1) <u>cerca</u>(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, <u>só</u>(3) na última edição do matutino de circulação nacional, <u>acerca</u>(4) das suspeitas de corrupção nas <u>adjacências</u>(5) do Governo.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Comentários:

A expressão **A(1) cerca(2)** equivale a *aproximadamente*. Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias...". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição <u>sobre</u>, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

página deixada intencionalmente em branco

Parte 2

MORFOLOGIA

página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 7

Classes Gramaticais

7.1. Artigo

São as palavras **O** e **UM**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Ex.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Ex.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"...era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*
que caminha para a morte
pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução Adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo abaixo:
Ex.: "... eu quero que o meu caixão
tenha uma forma bizarra
a forma *de coração*
a forma *de guitarra*"

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o que um adjetivo faz: modificam o substantivo.

Vamos treinar?

➢ Classifique as palavras grifadas abaixo como substantivo ou adjetivo:

1. Recebeu uma vaia monstro.
   Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o. Adjetivo.

2. Veio fantasiado de monstro.
   Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*. Substantivo.

3. O seu viver é um exemplo para todos.
   O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*. Substantivo.

4. O orgulhoso não se deu por vencido.
   Orgulhoso, aqui, foi substantivado, está nomeando. Substantivo.

5. Era um homem muito orgulhoso.
   Nessa frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*. Adjetivo.

6. Possuía muita confiança.
   A confiança que possuía. Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco confiante.
   Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*. Adjetivo.

8. "Não sou propriamente um autor defunto,
   Trata-se de um autor que é defunto. *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. ... mas um defunto autor." (M. Assis)
   Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*. *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita calma.
    A calma que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo. Substantivo.

11. Extasiou-se com o azul do céu.
Azul, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras. Substantivo.

12. O bicho homem precisa evoluir mais.
Homem qualifica *bicho*. É o bicho que é homem. Adjetivo.

13. Deu um drible moleque no guarda.
Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*. Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora, que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução Adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo sair indicando circunstância de modo: é a locução adverbial de modo.

Aqui, vale um recado:

Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

- Classifique as expressões grifadas como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial**:

As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

Disparado é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo. Advérbio.

Ele é muito **melhor** que você.

Melhor refere-se ao pronome *ele*, qualificando. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são <u>melhores</u>*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural. Adjetivo.

Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem...

Grosso é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam <u>grosso</u>". Advérbio.

O professor saiu **sério** da sala.

Sério é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram <u>sérios</u>". Adjetivo.

O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério". A não variação é uma dica de que é advérbio.

Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.
Duro é o modo como os corintianos entravam. Advérbio.

Ela se mostrava como uma mulher à toa.
À toa qualifica o substantivo *mulher*. Locução adjetiva.

Trabalhou à toa nos últimos anos.
À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo. Locução adverbial.

As festas **de dezembro** já iniciarão.
De dezembro refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o. Locução adjetiva.

As festas iniciarão **em dezembro**.
Em dezembro refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo. Locução adverbial.

Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**
Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*. Locução adjetiva.

Resumindo:
Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.

Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.

Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.
a) ... funcionam de maneira mais <u>livre</u>...
b) ... lançar o mundo numa <u>profunda</u> recessão.
c) ... na promoção de uma <u>melhor</u> operação...
d) ... essas frases devem nos deixar <u>algo</u> perplexos.
e) ... <u>após</u> algumas décadas...

Comentários:
Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo denotando *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas opções B

e C (*profunda* e *melhor* modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Gabarito: letra D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os terríveis efeitos...
b) E, a partir de 1934,...
c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...
d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...
e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Gabarito: letra D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."
No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.
b) Três adjetivos.
c) Dois adjetivos.
d) Um adjetivo.
e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nessa questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Nesse trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Gabarito: letra D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "... existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.
II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra a poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
III. Em *levar a saúde a toda a população*, a primeira ocorrência da palavra a poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se todos os itens estiverem corretos.
c) Se nenhum item estiver correto.
d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o 1º *a* preposição (levar saúde *a*...) e o 2º, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A 1ª tem valor de *inteira*, *completa*. A 2ª, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* ou *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Gabarito: letra E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."
No trecho acima há:
a) Sete artigos.
b) Seis artigos.
c) Cinco artigos.
d) Quatro artigos.
e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O 1º artigo aparece antes do substantivo *região*, o 2º, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Gabarito: letra B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
No trecho acima, há
a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.
b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.
c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.
d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.
e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas
2º ... d*a* imigração
3º ... *a* integração
4º ... d*os* estrangeiros
6º ... d*a* miséria
7º ... d*a* desesperança
8º ... *a* larga franja
9º ... *o* futuro
5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...
2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...
3ª ... *a* fim de (*fim* é pal. masc., logo esse *a* só pode ser prep.)
4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Gabarito: letra A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O pronome *essa* tem valor anafórico.
II. A palavra *aguda* classifica-se como advérbio.
III. Há, no trecho, oito substantivos.
Assinale:
a) Se todos os itens estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.
c) Se nenhum item estiver correto.
d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso desse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles (para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade
2. barbárie
3. governo
4. EUA
5. mundo
6. autoridade
7. valores
8. governo

Gabarito: letra A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado <u>não</u> tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram <u>ampliadas</u>.
b) ... configura <u>alguns</u> desafios.
c) ... a existência de <u>muitos</u> dispositivos.
d) <u>Esse</u> pacto...
e) ... resolvidos na <u>atual</u> Constituição...

Comentários:

Atente, nessa questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois.

Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*.

Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Gabarito: letra A.

9. Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em <u>dois</u> sistemas.
b) ... o custo de <u>todo</u> o petróleo.
c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e <u>derrubado</u> pelos ingleses.
d) ... sistemas capitalista e <u>socialista</u>.
e) Se a queda ... trouxe <u>mais</u> liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido. *Todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "...o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses." Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade*.

Gabarito: letra C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios...
b) Aeromoça nervosa pede calma.
c) Aeromoça nervosa pede calma.
d) ... avisto alguma salvação.
e) Qual esquina dobrei...

Comentários:

Já sabemos que esse enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Gabarito: letra B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição...
b) ... não faz mais sentido opor...
c) ... entre as diversas etnias...
d) ... direito inalienável dos índios.
e) Dois pontos merecem...

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer uma advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que*. Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais*. Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Gabarito: letra B.

12. Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para essa consolidação.
b) ... essa era a primeira coisa...
c) ... o código tem de ser preservado e respeitado para que a disputa...
d) ... deixar de ser um texto abstrato e distante.
e) ... escrever com bico de pena...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

Por outro lado, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Gabarito: letra C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com alguma frequência...
b) Seus governantes.
c) Tal tipo de dívida...
d) Tal tipo de dívida foi contraída...
e) Empresa de capital nacional...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Gabarito: letra D.

Capítulo 8

Verbos

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);
Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);
Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).
(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo
- presente – eu falo...
- pretérito
  - imperfeito – eu falava...
  - perfeito – eu falei
  - mais-que-perfeito – eu falara...
- futuro
  - do presente – eu falarei
  - do pretérito – eu falaria

II – Subjuntivo
- presente – que eu fale
- pretérito imperfeito – se eu falasse...
- futuro – quando eu falar...

III – Imperativo
- afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês.
- negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:
1. Indicativo: é o modo que assegura algo.
2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.
3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que os tempos derivados você não precisa saber conjugar. A notícia ruim é que, sem os primitivos, não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

	PRIMITIVOS		DERIVADOS
1)	Presente do indicativo **(Radical da 1ª pessoa do sing.)**		Presente do subjuntivo (-**e**, -**a**)
	agredir__________________	⟶	__________________

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu <u>agrid</u>*o* ⟶ que eu <u>agrid</u>*a*

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**<u>s</u>, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**<u>mos</u>, que vós agrid**a**<u>is</u>, que eles agrid**a**<u>m</u>.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

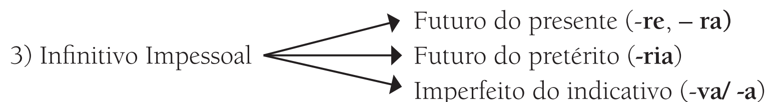
2) Pretérito perfeito ⟶ Pret. mais-que-perfeito (-**ra**)
⟶ Imperfeito do subjuntivo (-**sse**)
⟶ Futuro do subjuntivo (-**r**)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência –*ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles <u>coube</u>*ram* ⟶ coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:



Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir...*), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo, temos duas possibilidades de D.M.T.: -**va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* ⟶ digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

> Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos *pôr, ser, ir, haver,* entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade apontava os pesticidas e herbicidas químicos...
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo grifado acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.
b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.
c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...
d) As algas se *multiplicam* a rodo...
e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência *-va*). As letras *a)* e *e)* trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra *b)* apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é *–a*. A letra *c)* mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra *d)*.

Resposta: B.

Mais uma para você treinar flexão dos tempos verbais:

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.
b) davam – dão – dariam.
c) exigiram – exigem – exigerão.
d) permitiam – permitem – permitirão.
e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei que saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. 1ª Parte: Principais verbos que se conjugam a partir de outros

- **PÔR (*líder*)**

  Modo Indicativo:

  Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito**: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito**: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram**; futuro do Presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito**: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

  Modo Subjuntivo:

  Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo PÔR, conjugam-se ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, PROPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SUPOR.

- **TER (*líder*)**
  Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito**: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito**: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do Presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito**: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenhas, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo TER, conjugam-se ABSTER-SE, ATER-SE, CONTER, DETER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER, SUSTER.

- **VER (*líder*)**
  Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito**: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito**: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do Presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito**: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo VER, conjugam-se ENTREVER, ANTEVER, PREVER, REVER.

- **VIR (*líder*)**
  Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito**: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito**: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do Presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito**: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo VIR, conjugam-se ADVIR, AVIR-SE, CONVIR, DESAVIR-SE, INTERVIR, PROVIR, SOBREVIR.

- **DIZER (*líder*)**

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito**: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito**: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do Presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito**: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo DIZER, conjugam-se BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER (Assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*...).

- **FAZER (*líder*)**

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito**: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito**: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do Presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito**: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo FAZER, conjugam-se AFAZER, BENFAZER, DESFAZER, REFAZER, SATISFAZER (Assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*...).

- **QUERER (*líder*)**

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito**: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito**: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do Presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos,

querereis, quererão; **futuro do pretérito**: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo QUERER, conjugam-se BEM-QUERER, DESQUERER, MAL-QUERER (Assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

- **VALER (*líder*)**

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito**: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito**: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do Presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito**: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo VALER, conjugam-se DESVALER, EQUIVALER (Assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse mentalmente esses verbos derivados, partindo dos seus líderes. Exemplo: treine oralmente a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. 2ª Parte: Falsos Amigos Conjugados

- **PROVER**

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito**: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito**: provera, proveras,

provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do Presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

> **Resumindo:**
>
> Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria *se eu provisse*, enquanto o correto é *se eu provesse* (tal qual o BEBER – *se eu bebesse*).

- **REQUERER**

  Modo Indicativo:

  Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito**: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito**: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do Presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito**: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; **futuro:** requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

> **Resumindo:** Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal *i*, após o 2º *e* do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria *eu requis* e não *eu requeri* (tal qual o BEBER: *eu bebi*).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. 3ª Parte: Verbos Defectivos

- **REAVER**

  Modo Indicativo:

  No presente do indicativo só possui *nós* e *vós* (*reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito –** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito –** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito –** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente –** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito –** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

  Modo Subjuntivo:

  pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

- **PRECAVER-SE**

  Modo Indicativo:

  No presente do indicativo só possui *nós* e *vós* (*precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito –** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito –** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito –** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente –** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito –** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será *se eu me precavesse* (como *se eu bebesse*), e não *se eu me precavisse* (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o 2º deriva da primeira pessoa do singular do 1º.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais-que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite estas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia*...); para conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. 4ª Parte: Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial

- **AGREDIR**

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito**: agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito**: agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do Presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito**: agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo AGREDIR, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – CERZIR, DENEGRIR, PREVENIR, PROGREDIR, REGREDIR, TRANSGREDIR (Assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radicar vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

- **FERIR**

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito**: feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito**: ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente**; ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do Presente:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo FERIR, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – ADERIR, ADVERTIR, AFERIR, ASPERGIR, ASSENTIR, AUFERIR, COMPELIR, COMPETIR, CONSENTIR, DEFERIR, DIGERIR, DISCERNIR, DIVERGIR, EXPELIR, PREFERIR, PROSSEGUIR, VESTIR, REFERIR, REPELIR, REPETIR, RESSENTIR. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

- **FUGIR**

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito**: fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito**: fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do Presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito**: fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo FUGIR, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – ACUDIR, BULIR, CONSUMIR, CUSPIR, DESENTUPIR, ENTUPIR, ESCAPULIR, SACUDIR, SUBIR, SUMIR. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

- **CRER**

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do Presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo CRER, conjugam-se os verbos DESCRER, LER e RELER. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*... Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

- **IR**

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito**: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito**: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do Presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito**: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; **futuro:** for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo **ir** é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados:

1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, **nós** e **eles** possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: *nós sempre vamos à biblioteca*. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria *nossos pais querem que nós vamos à biblioteca.*
2. Não confunda a forma **vós ides** no presente do indicativo com **vós vades** no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: *vós ides à biblioteca sempre?* (presente do indicativo); e *desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência* (presente do subjuntivo).

> 3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (**nós vimos**) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (**nós viemos**). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: ***hoje*** *nós* ***"viemos"*** *aqui*, e não ***hoje nós vimos*** *aqui*.

- **HAVER**

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito**: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito**: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do Presente:** haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito**: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam**; pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

> Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de *existir* e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (*há, houve, havia, haverá*). Assim, teríamos: *havia muitas pessoas na festa* (*haver* com sentido de *existir*).
>
> Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "*Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar*" (aqui, o *haver* significa *dignar-se, julgar oportuno*); "*Elas se houveram bem sem empregada*" (nesse caso, *haver* é pronominal e tem sentido de *portar-se*); "*Eles haviam estudado todo o assunto*" (aqui, o *haver* é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses:

1. Para que todos .... bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

Resposta: viajem.

2. Ontem eles .... todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito, o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não *"reaveram"*.

Resposta: reouveram.

3. O juiz não .... na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos ...., poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste*..., *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir*...

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós .... esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: PROPOR vem do PÔR. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando eu propuser*, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"*...

Resposta: propusermos.

6. Eles não .... os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: DETER vem do TER. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno .... o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no QUERER! REQUERER, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu* = *ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só .... paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não .... tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha*...

Resposta: valho.

10. Estes homens .... de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo PROVIR deriva do VIR. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe .... a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo DIZER, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser*...

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles .... o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo MANTER deriva do TER. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse*...

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros .... (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo EXPOR deriva do PÔR. Logo, se o pretérito perfeito do PÔR é *eu pus, tu puseste, ele pôs*..., o pretérito perfeito do EXPOR será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu .... até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá*...

Resposta: vás.

15. Aqui eu não .... (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo CABER possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós .... outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo LER conjuga-se como o CRER: *que eu creia, que tu creias, que ele creia* = *que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu .... que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: SUPOR conjuga-se como o PÔR. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós .... até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não .... à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Resposta: viemos.

20. Se eles .... e não te ...., retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo VIR na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo VER no presente do indicativo é *ele vê*, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós .... com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós .... conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles .... a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o PROVER só se conjuga como o VER nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o BEBER. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem*", se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.
b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.
c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.
d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.
e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra **E** apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio <u>manteram-se</u> atentos às previsões de escassez de chuvas.
b) Técnicos do governo <u>creem</u> que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.
c) O governo, atentos às instáveis condições do mercado, <u>interviu</u> na cotação do dólar.
d) Como <u>sobreviram</u> contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.
e) Técnicos <u>preveram</u> queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra **A** está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se*.

A letra **B** está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver**, perde o acento circunflexo.

A letra **C** traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é i*nterveio* e não *interviu*.

A letra **D** apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra **E**, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. **(Cesgranrio/Petrobras) "Para que se DIGA...","que o governo GARANTA...". Se em lugar dos verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:**
   a) proveja / intervinha;
   b) prove / interveja;
   c) provenha / intervisse;
   d) proveja / intervenha;
   e) provenha / interveja.

Comentários:

Nessa questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, no presente do subjuntivo, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação EAR/IAR, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. Verbos em EAR

Todos os verbos terminados em EAR são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em EAR é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

- Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.
- Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Reparem que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo se conjugam CEAR, PASSEAR, RECEAR, SEMEAR, MACAQUEAR, ESTREAR...

O verbo ESTREAR, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am./ estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. Verbos em IAR

Os verbos terminados em **iar** são regulares.

Exemplo: ARRIAR (= abaixar-se)

- Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.
- Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, se conjugam COPIAR, ADIAR, MAQUIAR, NEGLIGENCIAR, PREMIAR...

Há, porém, cinco verbos em IAR que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.**

São eles: **M**EDIAR, **A**NSIAR, **R**EMEDIAR, **I**NCENDIAR, **O**DIAR.

As letras iniciais desses verbos formam a palavra MARIO.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto se conjuga por este.

Exemplo: MEDIAR

Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo se conjugam INTERMEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR e ODIAR.

Resumindo: Todos os verbos terminados em EAR e os cincos verbos em IAR recebem um **(EI)** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF) Na oração "como o que Bush experimentou ao <u>nomear</u> Harvey Pitt", o verbo <u>nomear</u> foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em <u>-ear</u>, bem como alguns terminados em <u>-iar</u>, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:**
   a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.
   b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.
   c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.
   d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.
   e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos HASTEAR e RECEAR possuem a terminação EAR. O verbo HASTEAR, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo RECEAR, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ANSIAR e REMEDIAR, que terminam em IAR. Esses verbos fazem parte do MARIO. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo FREAR não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo FREAR, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais <u>cerceia</u> a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em –ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite;
b) A civilização sofre freadas em seu progresso;
c) O homem receoso não luta pela liberdade;
d) Todos nós ceamos no Natal;
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo PASSEAR flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria PASSEEMOS.

Na letra B, o verbo FREAR não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, RECEOSO é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo CEAR aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo CERCEAR está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.
b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.
c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.
d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.
e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em IAR. Com essa terminação vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa

do plural nos tempos do PRESENTE (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos PREMIAR e PRINCIPIAR não pertencem ao MARIO, portanto não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ANSIAR e INCENDIAR pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo NOMEAR pertence a terminação EAR, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo, vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. Tempos Compostos

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1) **Pretérito Perfeito Composto**: verbo auxiliar no presente mais o particípio.
   Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.
   Tem falado, **tenho** contado...
2) **Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto**: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.
   É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.
   Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Reparem que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. **(Técnico Judiciário/TJ) "... que realmente <u>havia levado</u> a máquina para casa..."; a forma verbal sublinhada equivale a:**
   a) levava;
   b) levou;
   c) leva;

d) levara;
e) levasse.

Comentários:

A forma verbal HAVIA LEVADO traz o verbo auxiliar (HAVER) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

Resposta: D.

2. (Auxiliar Judiciário/TJ) "Publicidade oficial, <u>tem sido</u>, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados;
b) um fato futuro, mas próximo;
c) uma ação passada habitual ou repetida;
d) uma ação produzida em certo momento do passado;
e) a continuidade de um ato até o presente.

Comentários:

A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (TER) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, reparem que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

Resposta: E.

3. (FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo;
b) presente do indicativo e presente do subjuntivo;
c) presente do subjuntivo e presente do indicativo;
d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo;
e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam*. Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra **A**, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, tem sido muito comum nas provas questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos aprender a conjugar esses tempos?

8.8. Formação do Imperativo

Quando aparecem verbos denotando *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se formam da seguinte maneira:

1) **Afirmativo**:
tu e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.
Fala (tu), falai(vós).
você, nós e vocês*:* retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.
Fale(você), falemos(nós), falem(vocês).
Obs.:
1) Verbo SER: Sê tu / Sede vós;
2) Terminação –ZER / –ZIR: faze ou faz tu;
Conduze ou conduz tu.

2) **Negativo**: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.
Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) ... respeite pai e mãe...
O verbo flexionado de modo idêntico ao do grifado acima está também grifado na frase:
a) Todos desejavam que o recém-chegado se comportasse de acordo com os costumes locais.
b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.
c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.
d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.
e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo RESPEITAR (respeite) denotando uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas TU e VÓS são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase

retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo COMPORTAR-SE está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo ESPERAR aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra ***C***, o verbo LER aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual...*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo DEPENDER aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca;
b) recusas / não trocas;
c) recusa / não troques;
d) recuse / não troca;
e) recuses / não trocas.

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo RECUSAR aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo TROCAR no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (TU e VÓS) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo RECUSAR, então, ficaria RECUSA. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria TROQUES.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada



(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.
b) Acordai, gatos.
c) Acordem, gatos.
d) Acordeis, gatos.
e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) "Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*, **grita entusiasmado." Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.**

a) Não mudas, Brasil!
b) Não mudais, Brasil!
c) Não mudai, Brasil!
d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

Formas Nominais

Ao se estudar Conjugação Verbal, é preciso que se dê especial atenção às ***formas nominais*** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo está exercendo papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio está exercendo papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveitem para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós.** Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de se enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em Concordância Verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Reparem que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los? A seguir duas dicas que ajudarão a distinguir tais formas verbais:

1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma **fazer** e como futuro do subjuntivo **fizer**.

Abaixo, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) ... não se deve *dizer* mal de ninguém...; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.
b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.
c) Assim que lanchar, partirei.
d) Se viajar, será de avião.
e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser.*

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

Por outro lado, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta...";
b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro;
c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro;
d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma;
e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio indicando uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das Formas Nominais do Verbo, vamos falar sobre o Particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

1. Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *–do*) e o irregular (que não possui terminação *–do*). Eis alguns exemplos:
   aceitar: aceitado, aceito;
   entregar: entregado, entregue;
   limpar: limpado, limpo;
   inserir: inserido, inserto;
   suspender: suspendido, suspenso;
   prender: prendido, preso;
   imprimir: imprimido, impresso.
   (...)

O que se convém é usar a forma regular de particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo Aceitar:

Duplo Particípio — regular (ter ou haver / tenho aceitado)
— irregular (ser ou estar / foi aceito)

2. Em algumas questões, cobra-se o verbo VIR e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:
   Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo VIR no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* **é forma do gerúndio do verbo** *noticiar;* **a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:**

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.
b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.
d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.
e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo VIR que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado..."), como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo VIR:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema –NDO forma gerúndios, de que *fazendo* **é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:**

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.
b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.
c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.
d) TENDO tempo, todos participarão do exame.
e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo VIR no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado...*

Resposta: letra C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos, estudou os verbos terminados em EAR/IAR, entendeu como se conjuga o imperativo e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...),, vale complementar seus estudos com um breve passeio por semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.9. A semântica dos verbos

8.9.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) **Presente**

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias.

- descrever um fato permanente.
  Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.
- expressar um hábito.
  Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.
- conferir realidade a fatos passados.
  Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.
- indicar futuro próximo.
  Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) **Pretérito imperfeito**

Pode ser utilizado para expressar:

- fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.
  Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

- uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu.
  Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto que a ação de *o telefone tocar* é instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

- uma ação planejada, esperada, e não realizada.
  Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) **Pretérito perfeito simples**

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) **Pretérito mais-que-perfeito**

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também:

- incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

g) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

- Para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

- Para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

- Para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.9.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

- Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Ex.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)
Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

- Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Ex.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.
Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

- Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **Semântica dos Tempos e Modos Verbais** e seus respectivos comentários.

1. **(NCE-UFRJ/Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.**
Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:
a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. **No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:**
a) aventure;
b) cogitará;
c) vem;
d) respeita;
e) transcende.

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos que achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure*.

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a. C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico;
b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito;
c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado;
d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez;
e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais verificando se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa tomava conta.
(2) Chegou o doente de quem Vanessa tomou conta.
(3) Estamos afirmando hoje que amanhã viajaremos.
(4) Afirmamos anteontem que ontem viajaríamos.
(5) Afirmamos ontem que anteontem viajáramos.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo;
b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado;
c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente;
d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado;
e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no **Presente:** hoje *afirmamos* que amanhã *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – anteontem *afirmamos* que ontem *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação ANTERIOR e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.
b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.
c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.
d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.
e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Alternativa A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria:

Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

Letra D: nesse caso, o que temos que mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam*... O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Gabarito: letra B.

6. Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.
b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.
c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.
d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.
e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de idéias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo – *fosse*. Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*), expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora...*, e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na seqüência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Gabarito: letra D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases <u>não produzem riqueza</u> e <u>que produzam riqueza</u>.
É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.
c) A mudança de flexão entre ***produzem*** e ***produzam*** deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.
d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma ***produzem***, registrada na 1ª frase.
e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem* temos a forma do indicativo e em *produzam*, subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Gabarito: letra B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário;
b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário;
c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário;
d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário;
e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar-se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Gabarito: letra B.

9. (TRF – 5ªR) Não .... nos surpreender se a minoria econômica dominante .... de prestar contas a quem mais ....
Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar
b) devemos – deixa – esteja prejudicando
c) deveríamos – deixou – prejudicaria
d) deveríamos – deixe – prejudicaria
e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, reparem que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Na C e D, o futuro do pret. (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (pres. subj.), teríamos *deixa, prejudique*.

Gabarito: letra B.

Algumas questões de concursos anteriores (com gabarito no final).

1. Assinale a alternativa em que a flexão verbal está correta.

a) Ontem me entreti muito no circo.
b) Aliás, o circo sempre entreteu todo mundo.
c) O domador interviu numa briga entre leões.
d) Se vocês virem que o circo é bom, vão logo lá.
e) O palhaço entretia a criançada com alegria.

2. (FCC) Mesmo com prejuízo, o gerente ... a palavra e ... as condições do contrato, para que o cliente não se ... com ele.

a) manteu – reviu – desavisse;
b) manteu – reveu – desaviesse;
c) manteve – reviu – desaviesse;
d) manteve – reviu – desavisse;
e) manteu – reveu – desavisse.

3. (FCC) Como a alta ... de especulação, as autoridades monetárias não se ... a um papel apenas regulamentador e ... diretamente no mercado.

a) proviu – ateram – interviram;
b) proveio – ativeram – interveram;
c) proveio – ateram – intervieram;
d) proviu – ativeram – intervieram;
e) proveio – ativeram – intervieram.

4. (FCC) Sem que ninguém tivesse ___ o próprio menino ___ -se contra os falsos amigos.

a) intervindo – precaviu;
b) intervindo – precaveio;
c) intervido – precaveu;
d) intervido – precaveio;
e) intervindo – precaveu.

5. A expressão verbal não está de acordo com as normas gramaticais.

a) Os dois amigos desavieram-se por uma bagatela.
b) A natureza proveu os animais por meios de defesa.
c) Ela sempre creu nas minhas palavras.
d) A polícia interviu naquela algazarra.
e) Precavemo-nos contra as intempéries.

6. Assinale o exemplo em que há erro na conjugação da forma verbal:

a) O regulamento dizia: nunca odeies teus inimigos mortais!
b) Hoje remedeio o que ontem não pude remediar.
c) Ela sempre arria o jogo antes de o parceiro arriar o dele.
d) Ocorreu o choque dos trens porque não freiaram a tempo.
e) Passeastes com vossos primos pela praia?

7. A flexão do verbo <u>macaquear</u> está em desacordo com a norma culta na opção:

a) Nós macaqueiamos a visão do português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do português.
c) Talvez macaqueemos a visão do português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do português.

8. Reescrevendo o período "*Vem até aqui, saúda teus pais***;** *depois vai ao encontro de teus amigos***", na segunda pessoa do plural, tem-se:**

a) Venhai até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
b) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois vade ao encontro de vossos amigos.
c) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
d) Vem até aqui, saudais vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.

9. (Cesgranrio) No período "Fecha os olhos e esquece", os verbos estão na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo. Damos a seguir algumas variações desse mesmo período, mudando ora o tratamento, ora a forma do imperativo; uma delas é incorreta. Assinale-a:

a) Não feches os olhos, nem esqueças.
b) Fechai os olhos e esquecei.
c) Feche V.Exª. os olhos e esqueça.
d) Não fecheis os olhos, nem esqueçais.
e) Não fechai os olhos, nem esquecei.

Texto

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

10. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

11. "... que realmente <u>havia levado</u> a máquina para casa..."; a forma verbal sublinhada equivale a:

a) levava;
b) levou;
c) leva;
d) levara;
e) levasse.

12. Atentando-se para a adequada articulação entre os tempos e os modos verbais, completa-se a frase *Caso não fossem necessárias as instituições* com o seguinte segmento:

a) haverão os homens de tê-las criado?
b) por que os homens as haverão de criar?
c) tê-las-íamos criado?
d) ainda assim as teremos criado?
e) tê-las-emos criado?

13. Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.
b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.
c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.
d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.
e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

(Cespe-UnB) Julgue com C (certo) ou E (errado).

Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias. Brasil e Portugal, por exemplo, possuem línguas de sinais diferentes.

14. Em "Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias" a substituição da forma verbal "exista", no presente do subjuntivo, pela forma verbal "existe", no presente do indicativo, manteria a correção gramatical do período.

O mundo do trabalho <u>tem mudado</u> numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.
Só que ele <u>está mudando</u> de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

15. A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

O crescimento mundial da consciência ambiental está aumentando na sociedade o desejo de consumir produtos ambientalmente saudáveis.

16. Na linha 2, a forma verbal "consumir" poderia estar flexionada no plural — consumirem —, sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Do ponto de vista do "pai de família pobre" da década de 1920 ou 1930, o Estado aparece como aquele que deve prover os cidadãos do conforto material mínimo à sobrevivência, na forma de emprego ou de outras condições mais diretas, como moradia, saúde ou educação. Não se trata de emitir um juízo de valor sobre esta concepção, mas de constatar sua existência.

17. O infinitivo verbal "emitir" não admite emprego na flexão plural por concordar com "um juízo".

Gabarito

1. D	6. D	10. A	14. Errado
2. C	7. A	11. D	15. Certo
3. E	8. C	12. C	16. Errado
4. E	9. E	13. D	17. Errado
5. D			

Capítulo 9

Pronomes

O 1º conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos) ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado



pronome adjetivo

Isto é importado



pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. **(TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:**
   a) de uma etnia e de uma cultura;
   b) que exterminassem as demais;
   c) depois de vários séculos;
   d) marcada muitas vezes;
   e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Observe que todos os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, isto é, os acompanham: na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura**; na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos**; na letra D, **muitas** se refere a **vezes**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo**. Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as**. Daí exercer uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. Pronomes Pessoais

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **Retos** e **Oblíquos.**

PESSOA	CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
		ÁTONO	TÔNICO
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela *
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas *

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **R, S, Z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s)**, ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **L (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **N** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as)/ Expusemo-**la**.(Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o).

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro...
suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.
o.d. o.i. c.n

Agora vamos a dois exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de nome.

- Use eu/tu, mim/ti.

  Exemplos:

1. Você só sairá se ________ permitir.

Resposta: **eu –** aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos que achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Resposta: **mim –** nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

3. Entre _______ pedir e você atender...

Resposta: **eu –** neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender.* O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

4. Houve muitos desentendimentos entre ____ e ____.

Respostas: **mim** e **ti –** aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito e sim com complementos *mim* e *ti*.

- Substitua o termo sublinhado pelo pronome correspondente.

  Exemplos:

1. O movimento visa encontrar <u>soluções</u>.

Resposta: **encontrá-las –** o termo sublinhado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever a frase, o objeto, que é um <u>complemento</u> de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

2. Deixaram <u>as chaves</u> no carro.

Resposta: **Deixaram-nas** – outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

3. Faltaram <u>os aplausos</u> no fim do espetáculo.

Resposta: **Faltaram eles** ou, na ordem direta, **Eles faltaram –** reparem que nessa frase a expressão destacada funciona como <u>sujeito</u> do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

4. A violência começa a gerar expectativas.

Respostas: **Ela** e **gerá-las** – nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência* temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente *-las*.

9.1.2.1. Colocação dos Pronomes Oblíquos Átonos

me – te – se – o (os) – a(s) – lhe (s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.
Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.
Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.
Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;
Ex.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)
Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.
Ex.: Direi-**te** a verdade. (errado)
Havia falado-**me** a verdade. (errado)
Dir-**te**-ei a verdade. (certo)
Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1) Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo...) antes do verbo, próclise.
Ex.: **Para** me responder.../ **Não** te ouvi.

Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.
Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)
Ninguém me queria ouvir. (certo)

2) Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.
   Ex.: Para responder-me ...
   Ninguém queria ouvir-me.

3) Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas, ...*): próclise ou ênclise.
   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de Colocação Pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parentes em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. **_____ dize _____ com que andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)**

Respostas: **Dize-me** e **dir-te-ei –** observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

Resposta: **Caber-lhe-ia –** nesse caso, não podemos a usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

Resposta: **que lhe entreguei –** nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Resposta: **Os falantes de português se tornaram** ou **tornaram-se –** aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro e nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Agora, algumas questões de concursos anteriores.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não <u>tem devaneios</u>? <u>Têm devaneios</u> as crianças e os jovens, <u>dão aos devaneios</u> menos crédito os adultos, mas é impossível <u>abolir os devaneios</u> completamente.
Evitam-se as indesejáveis repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes;
b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes;
c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los;
d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles;
e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los.

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nessa questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No 1º caso o **não** atrai o pronome (*não os tem*). No 2º e 3º, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na 4ª ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. **(FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não <u>se empreste às eleições</u> um valor absoluto, ainda que muitos ainda <u>vejam as eleições</u> como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que <u>consideram as eleições</u> uma aborrecida obrigação.**
Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
a) se lhes empreste – as vejam – as consideram;
b) se as empresta – as vejam – lhes consideram;
c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram;
d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram;
e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas.

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto <u>às eleições</u>*). Nas outras ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. **(FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população <u>admirava os guardas-noturnos</u>, como <u>confiava aos guardas-noturnos</u> a tarefa de velar pelo sono de todos, como <u>tomava os guardas-noturnos</u> como exemplo de dedicação profissional.**
Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
a) admirava eles – confiava neles – os tomava;
b) os admirava – lhes confiava – os tomava;
c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes;
d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes;
e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava.

Comentários:

Nas 1ª e 3ª passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na 1ª, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam "... *a população os admirava*" ou "... *a população admirava-os*", mas na 3ª a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na 2ª ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo**, **a si mesmo** etc.

Ex.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Ex.: Eles **se** abraçaram.
Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. **(NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem..."
O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento destacado do texto é:**
a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.
b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.
c) Pascal se declarou irracionalista.
d) A ciência e a fé se digladiam.
e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em Vozes Verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. Pronomes de Tratamento

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Ex.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. **(FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:**
   "Esperamos que............, senhor prefeito,......... verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas...
   A......... dispor, atentos às providências,
   Os moradores."
   As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
   a) V.Sa. – mandeis – vosso;
   b) V.Exa. – mande – seu;
   c) V.Exa. – mandeis – seu;
   d) V.Sa. – mande – vosso;
   e) V.Exa. – mande – vosso.

Comentários:

Essa é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exª* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos...). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. Pronomes Possessivos

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu (s), minha (s), nosso (s), nossa (s)

2ª pessoa: teu (s), tua (s), vosso (s), vossa (s)

3ª pessoa: seu (s), sua (s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de se indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isto: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":
Obs.: Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.
(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)
b) Aconteceu-lhe uma desgraça.
(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)
c) Tudo lhe era indiferente.
(Tudo era indiferente a ele.)
d) Afastou-lhe os cabelos.
(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)
e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.
(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)
f) Não lhe contei o segredo.
(Não contei o segredo a ele.)
g) Apertou-lhe gentilmente a mão.
(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são a), d) e g).

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. **(Cespe-UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".**
a) Afagou-lhe os cabelos com amor.
b) A luz sempre lhe afugenta o sono.
c) O marido sempre lhe nega a resposta.
d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor")

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* NÃO tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.
b) Não lhe pude conhecer a generosidade.
c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.
d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.
e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E, o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. Pronomes Indefinidos

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Os pronomes indefinidos têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. Pronomes Interrogativos

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: *desconheço*, *gostaria de saber*, *não sei*...

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio no Capítulo 10, sobre concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Aqui, vale um recado:

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:
(1) Adjetivo ou locução adjetiva
(2) Advérbio ou locução adverbial
(3) Pronome indefinido

( ) Maria é **muito** calma.
Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

( ) Precisou de **muita** calma para resolver o impasse.
Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

( ) Precisou de **muito** dinheiro para comprar a casa.
Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

( ) Beijo pouco, falo **menos** ainda.
Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

( ) ( ) Hoje disponho de **pouco** tempo para diversão; e o que é pior, de **menos** disposição.
Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo. Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

( ) Cantava bem **baixo** para ninguém ouvi-lo.
Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

( ) Tinha **bastante** orgulho da irmã.
Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

( ) Era uma pessoa **bastante** orgulhosa.
Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

( ) Depositava confiança **bastante** no bom senso da filha.
Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

( ) Tenha **mais** paciência.
Mais se refere a substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

( ) Seja **mais** paciente.
Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

( ) Sempre leio os jornais **da manhã**.
Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

( ) Sempre leio os jornais **de manhã**.
A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

A sequência correta que responde ao exercício acima é: (2), (3), (3), (2), (3) e (3), (2), (3), (2), (1), (3), (2), (1) e (2).

Vejamos algumas questões de concursos anteriores.

1. (Cesgranrio) Na oração: '<u>Certos</u> amigos não chegaram a ser jamais amigos <u>certos</u>.' Os termos sublinhados são respectivamente:
a) adjetivo e pronome adjetivo;
b) pronome adjetivo e adjetivo;
c) pronome substantivo e pronome adjetivo;
d) pronome adjetivo e pronome indefinido;
e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo...)

2. **(Cesgranrio/2009) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.**
   I. "O vento da noite cortava-<u>lhes</u> o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.
   II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com <u>certo</u> desprezo." – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo <u>desprezo</u>.
   III. "Era como se <u>todo</u> o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido <u>todo</u> equivalendo a <u>qualquer</u>.
   É (São) verdadeira (s), <u>APENAS</u>, a(s) afirmação(ões):
   a) I
   b) II
   c) III
   d) I e II
   e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

> **Atenção:** Não confunda *todo mundo* com *todo o mundo*. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! *Todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* quer dizer *qualquer pessoa*.

Observe tal assunto em questões de concursos anteriores:

3. **(TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.**

O candidato leu todo o Edital do concurso.
Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital;
b) Parte do Edital/o Edital inteiro;
c) Qualquer Edital/parte do Edital;
d) O Edital inteiro/qualquer Edital;
e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. **(Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:**

a) O jogador percorreu todo o mundo;
b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas;
c) Ele conhecia todo o mundo na festa;
d) Via todo o mundo em seus filmes;
e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. Pronomes Demonstrativos

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

- O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.
- O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.
- O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No Espaço	**No Tempo**	**No Texto**
Isto / Este(s) / Esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: **Este** material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: **Estes** dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: **Nestas** férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: **Este** número é a dica do teste – sete.
Isso / Esse(s) / Essa(s)	Apontam para o que está perto do ouvinte. Ex.: **Esse** material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: **Nesse** domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – **Esse**/**Este** número é a dica do teste.
Aquilo / Aquele(s) Aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: **Aquele** material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: **Aquelas** férias de 2000/2020 foram / serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "Este" para o mais próximo; "Aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. **Este** (João)/ **Aquele** (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecermos a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos **este (s)**, **esta (s)**, **isto** para o termo mais **próximo** e **aquele(s)**, **aquela (s)**, **aquilo** para o mais **distante**. Veja um exemplo:

"Há que se fazer a distinção entre **acidentes** do trabalho e **doença** do trabalho. Enquanto **esta** é inerente a determinados ramos de atividade, **aqueles** ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados:

1. ____________ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.
Resposta: Esse.

2. Não. ____________ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.
Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me ____________ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.
Resposta: Aquele.

4. Um dia d ____________ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.
Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me ____________ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.
Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A ____________ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.
Resposta: Essa.

7. ____________ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.
Resposta: Esta.

8. Luísa, ____________ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. ___________ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. N ___________ mês que passou choveu muito. Para ___________ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse/este.

11. ___________ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência ___________ sobre cada um ___________.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste e daqueles.

13. Atentem para ___________: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. ___________, simpáticas e elegantes. ___________, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair d ___________ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Vejamos algumas questões de concursos.

1. **(NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:**
a) este / aquele;
b) este / esse;
c) aquele / este;
d) aquele / esse;
e) esse / este.

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo
José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (...)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...".

2. **O emprego de *naquele*, neste contexto:**
a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro;
b) mostra que o dia referido está distante no tempo;
c) assinala uma distância de lugar;
d) identifica o dia como algo a ser esquecido;
e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo fazendo referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

3. (FCC/ANS – Técnico) *... os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. <u>Esses</u> são alguns dos efeitos das marés vermelhas...*
Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:
a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto;
b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados;
c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados;
d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única;
e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

4. Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):
a) Li a regulamentação publicitária. E, **nesse** instante, compreendi-a melhor.
b) Ainda repercute aqui, **nesse** cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.
c) As leis foram publicadas e contra **essa** publicação se voltaram os anunciantes.
d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor **essa** regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.
e) As recomendações aí estão e são **essas** a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação...diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s), aquela (s), aquilo, isso**. Veja o exemplo:
Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.
Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:
Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra **o** – e suas variações – pode ser:
1) Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou."
2) Pronome Pessoal Oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei *a ele*").
3) Pronome Demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o *que* você comprou"/"Prefiro a *de* tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer."
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". Por outro lado, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que você indicou").

Resposta: E.

9.7. As funções textuais dos pronomes

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse (s) / essa (s) / isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este (s) / esta (s) / isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

"A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas."

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também serem chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

Por outro lado, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

"**Nesta** casa todos são felizes."

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

"**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia."

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

"**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo."

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto, o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: "Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto:

Quem? (autor do texto)

Quando? (quando o texto foi produzido)

Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados.

Classifique os pronomes grifados segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:
(a) função anafórica
(b) função catafórica
(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal – função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação* – função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-**lo** imediatamente."

Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo pagamento: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a **este** notificada [...]"

Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor* – função anafórica.

5. **Este** país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

Comentários: O pronome depende do local de produção do texto: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando **esta** a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher – função anafórica.

7. "... o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início **deste** mês..."

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido: função exofórica.

Finalmente, vamos às questões de concursos:

1. **O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:**
   a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica".
   b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo".
   c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos".
   d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico".
   e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica..."

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. Por outro lado, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

2. **Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: "Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus."**

   Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:
   a) hoje;
   b) aqui;
   c) eu;
   d) minha família;
   e) isso.

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – "hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis", possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

3. O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais.
b) ... pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado comum conosco ...
c) e também sabem o que esperar de nós...
d) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

9.8. Pronomes Relativos

Referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 14 (Predicação Verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.
Or. Subord. Adj. Restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."
Or. Subord. Adj. Explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

Que, **O Qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*

Quem: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;

Cujo (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;

Onde: quando o antecedente indica *lugar*;

Como: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*...

Quando: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

Quanto: quando o antecedente dá ideia de *quantidade*.

Importante:
Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:
a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);
b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.
Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei o livro)
Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi ao livro)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto ___________ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos " O assunto **a que me referi**. Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa ___________ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor ___________ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade ___________ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em*. Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não

aonde. Repare que, com os relativos *que* e *a qual*, teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade ___________ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade ___________ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de*..." (*de* + *onde* = *donde*.

Resposta: donde.

Resumindo: Uso de onde, aonde e donde:

Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for **em**.

Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for **a**.

Donde ou **de onde:** usaremos esse conectivo se a preposição exigida for **de**.

Agora vamos a uma questão comentada do Tribunal Regional Federal que trata do uso dos pronomes relativos.

1. **(TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:**
   a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores;
   b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História;
   c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica;
   d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas;
   e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: "Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo

como é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

Vejamos algumas questões concursos anteriores.

1. Outra dificuldade encontrada por quem lida com a língua diariamente é o emprego dos pronomes, uma vez que o uso popular consolidou formas que não têm respaldo na gramática.
Assinale a alternativa em que ocorra erro no uso do pronome.

a) Para mim, é difícil entender a gramática.
b) Essa gramática não é para eu estudar.
c) Ele sempre carrega a gramática consigo.
d) Entre mim e ti não há diferenças.
e) Vou dividir os produtos entre eu e você.

2. Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-<u>lhes</u> o lombo," – Pronome pessoal com sentido possessivo.
II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com <u>certo</u> desprezo" – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo <u>desprezo</u>.
III. "Era como se <u>todo</u> o mundo se aproximasse para aconchegá-los" – Pronome indefinido <u>todo</u> equivalendo a <u>qualquer</u>.

É(São) verdadeira(s), <u>apenas</u>, a(s) afirmação(ões):

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

3. Assinale a única frase em que o pronome <u>lhe</u> NÃO tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.
b) Não lhe pude conhecer a generosidade.
c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.
d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.
e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

4. As palavras em destaque não podem ser substituídas pelos pronomes à direita em:

a) José suspendeu o **envio da correspondência.** (suspendeu-o)
b) João viu **o relatório** antes da reunião. (viu-o)
c) A concessionária vendeu **os carros** em poucas horas. (vendeu-os)
d) Os congestionamentos trazem danos **para os empresários.** (trazem-lhes)
e) O diretor convidou **os funcionários** para um evento. (convidou-lhes)

5. Indique a opção em que a expressão em destaque pode ser substituída por "lhe", assim como em "... uma parte do mérito lhe cabe".

a) O economista chamou **o colega** de benfeitor da natureza.
b) A Fundação convidou **o professor** para o cargo de diretor.
c) O projeto pertence **ao renomado cientista**.
d) O governo criou recentemente o **Bolsa-Floresta**.
e) A diretora gosta muito **de sua assistente**.

6. A alternativa abaixo em que não se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:

a) "traz uma reportagem" = trá-la;
b) "doar 85% de sua fortuna" = doá-los;
c) "indicam um caminho" = indicam-lo;
d) "estimula a filantropia" = estimula-a;
e) "fazer filantropia" – fazê-la.

7. 'É quase impossível enxergá-lo'.
Na frase, foi empregado corretamente o pronome oblíquo 'o'. A frase que não se completa com esse pronome é:

a) Abracei- ______ com entusiasmo;
b) Vi- ______ ontem na esquina da rua;
c) Felicitei- ______ pela aprovação;
d) A ele, devolvi- ______ o documento;
e) O livro, entreguei- ______ ao aluno.

8. Conforme determina o padrão culto da Língua Portuguesa, a frase "ou a empresa ouve ele ou não"deveria ter a forma:

a) ou a empresa ouve ou não;
b) ou a empresa o ouve, ou não;
c) ou a empresa lhe ouve ou não;
d) ou a empresa lhe ouve, ou não.

9. A substituição do termo destacado pelo pronome está incorreta em:

a) Viram <u>a moça</u>./ Viram-na.
b) Pedi <u>a elas</u> o material./Pedi-lhes o material;
c) Tocou <u>o hino</u> completo. / Tocou-o completo;
d) Parti em pedaços <u>o bolo</u>. / Parti-lo em pedaços;
e) Deixou para o filho <u>a herança</u>./ Deixou-a para o filho.

10. Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:

a) Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas quase sempre, depois que...
b) Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
c) A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
d) A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...
e) A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

11. Observe os pronomes oblíquos destacados no texto abaixo.
Como já <u>se</u> sabia, o ser humano adapta-<u>se</u> rapidamente a novas condições de vida. O que a pesquisa da felicidade nos ensinou foi o fato de a nossa capacidade de adaptação ser ainda maior do que <u>se</u> imaginava. Acostumamo-<u>nos</u> a quase tudo e há coisas das quais nunca <u>nos</u> enfadamos.
Segundo a norma culta, é possível inverter a colocação do pronome apenas em:

a) sabia-se;
b) se adapta;
c) imaginava-se;
d) nos acostumamos;
e) enfadamo-nos.

12. Observe as mudanças de colocação de pronomes propostas abaixo.

I. Só 46 delegados compareceram ao Parlamento, o que os tinha deixado em minoria – o que tinha deixado-os.

II. Um historiador acredita que o Brasil poderia ter se desintegrado em três diferentes países – se poderia ter desintegrado.

III. Antes da mudança da corte portuguesa, os conflitos regionais da colônia estavam se aprofundando – se estavam aprofundando.

IV. As colônias no Brasil estariam perdidas para Portugal, pois os ingleses queriam ocupá-las – os ingleses as queriam ocupar.

Tais mudanças são possíveis apenas em:

a) I e II;
b) II e IV;
c) I, II e III;
d) I, III e IV;
e) II, III e IV.

13. Das alterações feitas abaixo na posição do pronome pessoal átono, é INCORRETA, de acordo com a norma culta da língua, a que foi feita na opção:

a) "... e o jogo dos rapazes elegantes transformara-se, então em um grande fenômeno de massas." / ... e o jogo dos rapazes elegantes se transformara, então, em um grande fenômeno de massas.
b) "... que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade..." / ... que desde os primeiros anos do século vinha difundindo-se rapidamente pela cidade...
c) "... onde se realizavam os jogos em honra a Apolo..." / ... onde realizavam-se os jogos em honra a Apolo...
d) "... nos quais pudessem reunir-se e praticar o esporte." / ... nos quais se pudessem reunir e praticar o esporte.
e) "... Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol lhe causava." / Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol causava-lhe.

14. (TCU) Na oração "(...) embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado (...)" foi aplicado o seguinte princípio de colocação pronominal:

a) não se pospõe pronome átono a verbo, modificado por advérbio;
b) não se inicia período por pronome átono;
c) não se inicia período por ênclise;
d) não se pospõe pronome átono em locuções;
e) não se pospõe pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada;

15. O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais.
b) ... pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado comum conosco...
c) e também sabem o que esperar de nós...
d) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

16. **Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que <u>suas</u> peles fossem exportadas para os Estados Unidos. <u>Lá</u> <u>elas</u> eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. <u>Isso</u> levou a uma drástica diminuição da população de sapos <u>nessa região</u>.** Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos sublinhados se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas – dos sapos;
b) Lá – Estados Unidos;
c) elas – as peles dos sapos;
d) Isso – bolsas, cintos e sapatos;
e) nessa região – Nordeste brasileiro.

17. **O pronome *que* faz referência exófora, isto é, referência a elemento pertencente ao universo extratextual, encontra-se destacado em:**

a) "mas permito-<u>me</u> fazer algumas ponderações e reflexões";
b) "Existem situações clínicas em <u>que</u> a morte é claramente inevitável";
c) "<u>Nesses</u> casos, o médico tem de conviver com incertezas";
d) "No meu íntimo, é como se eu quisesse entendê-<u>la</u>";
e) "Procuro respeitar <u>sua</u> vontade".

18. **Assinale a opção em que é possível substituir, de acordo com a norma culta, a expressão grifada pela palavra "onde".**

a) O cinema **em que** nos encontramos passa bons filmes.
b) Vejo você às 11 horas, **quando** iremos almoçar.
c) Se o tempo melhorar, **então** vamos à praia.
d) A situação **que** ele criou não é aceitável.
e) Lembrei-me do tempo **no qual** íamos juntos trabalhar.

19. **(ANS – Técnico) *Sua ideia <u>de que</u> as espécies variam...***
O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Não havia ainda poderosos instrumentos .... a ciência pudesse basear-se e desenvolver-se, como ocorre atualmente.
b) Os dados .... se reportavam alguns cientistas permitiram o nascimento de teorias interessantes a respeito da vida no planeta.
c) Nem sempre as informações .... dispõem os pesquisadores são suficientes para justificar complexas teorias científicas.
d) Durante muito tempo as explicações para a origem da vida, ... todos sonhavam, eram fornecidas pela religião.
e) É necessário considerar-se .... o desenvolvimento tecnológico atual foi o grande passo na descoberta de fatos biológicos.

20. **(PM – BA) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:**

a) A aversão <u>com que</u> alguns demonstram pela preservação é incompreensível.
b) A prevenção é uma medida <u>de cujos</u> bons efeitos todos devem apoiar.
c) É injustificável a má vontade <u>de que</u> muitos manifestam diante da prevenção.
d) A prevenção, <u>em que</u> muitos fazem questão de ignorar, é imprescindível.
e) Medidas preventivas provocam efeitos <u>de cuja</u> eficácia ninguém duvide.

21. Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A diferenciação entre profissionais, à que o autor faz referência, tem como critério um padrão ético, de cujo depende o rumo do processo civilizatório.
b) Se há apenas avanço técnico, numa época onde impera a globalização, as demandas sociais ficarão sem o atendimento a que são carentes.
c) As razões porque a globalização não distribui a riqueza prendem-se à relação mecânica entre oferta e demanda, cuja a crueldade é notória.
d) Os tecnocratas maliciosos imputam para o exercício da democracia os desajustes econômicos em que assolam os excluídos da globalização.
e) O aumento da produção, de cuja necessidade não há quem discorde, deve prever qualquer impacto ecológico, para o qual se deve estar sempre alerta.

22. As palavras em destaque pertencem à mesma classe gramatical exceto na opção:

a) "Não seria isso **que** falta hoje a todos nós nas empresas?"
b) "... palestras **que** estão acontecendo neste exato momento."
c) "... já dizia o poeta **que** o tempo não para..."
d) "... aos padrões **que** nos impedem de crescer, ampliar e inovar."
e) "Acreditar naquilo **que** nossa voz interior diz..."

23. Os pronomes relativos destacados substituem a palavra ou expressão que se encontra ao final de cada opção, exceto em:

a) "Está aí uma coisa **que** eu não sabia..." – coisa;
b) "Chefe de um país ou de um exército **que** preside..."– exército;
c) "E sempre desconfiei que 'esdrúxulo' foi inventada por um antigo dicionarista **que** sentia falta de uma palavra..." – antigo dicionarista;
d) "... sentia falta de uma palavra **que** descrevesse coisas"– uma palavra;
e) "figuras históricas **que** nunca foram"– figuras históricas.

24. Em "O não marca que a decisão era reativa", a palavra negritada pertence à mesma classe gramatical da destacada em:

a) "... reveja os caminhos **que** você percorreu...";
b) "... para defender-se de algo **que** ameaça a integridade física...";
c) "Então, muitas das decisões **que** tomamos...";
d) "Entenda **que** o mapa da infância...";
e) "A pergunta **que** tanto fazem...".

25. Indique a opção na qual a palavra que, destacada na coluna da esquerda, não substitui a palavra que a antecede, transcrita na coluna da direita.

a)	"um quinto da energia **que** ingerimos..."	energia
b)	"Sem carne, **que** é uma fonte..."	carne
c)	"... conhecemos vegetais **que** substituem a carne..."	vegetais
d)	"... ir atrás da caça **que** estava no quintal..."	caça
e)	"É fato **que** somos onívoros"	fato

(Cespe/UnB) Julgue as alternativas a seguir, com base no texto:

Efeitos da ameaça, no bem e no mal. Enquanto os nimbos da guerra toldam o horizonte, a vigília sugere pensamentos esparsos, de calibre diverso no bem e no mal. Por exemplo, transparece, com veemência dolorosa, o fato de que a arma atômica é o mais eficaz instrumento de poder. A unidade de medida. A prova.

Quem não tem arma atômica não se estabelece, está fora do grande jogo. Donde a conclusão grave, atemorizante: só a bomba é a última e definitiva garantia de segurança. E **aqui** trafegamos pelo domínio do mal.
Há compensações. Por exemplo, as marchas a favor da paz, a apinhar avenidas e praças ocidentais. Comovem o mundo islâmico. Porta-vozes muçulmanos celebram a resistência cristã à **ameaça da guerra**. E a interpretam no melhor sentido, como demonstração de que o Ocidente não quer, antes ainda do ataque ao Iraque de Saddam, um confronto entre civilizações.

Mino Carta. *Carta Capital*, 19/03/2003 (com adaptações).

26. Mantém-se a coerência do texto e a sua correção gramatical ao substituir o pronome "Quem" por Países.

27. O advérbio "aqui" remete, no texto, ao lugar, ao país onde o autor está ao escrever.

28. A inserção de *qualquer* antes de "ameaça da guerra" preserva a coerência e a correção gramatical do texto.

Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **no qual** vivemos. E o futuro de um país não é obra do acaso ou da fatalidade. Uma nação se constrói. E constrói-se no meio de embates muito intensos — e, às vezes, até violentos — entre grupos com visões de futuro, concepções de desenvolvimento e interesses distintos e conflitantes.
Para **muitos**, os carros de luxo que trafegam pelos bairros elegantes das capitais ou os telefones celulares não constituem indicadores de modernidade.
Modernidade seria assegurar a todos os habitantes do país um padrão de vida compatível com o pleno exercício dos direitos democráticos. Por isso, **dão mais valor a um modelo de desenvolvimento** que assegure a toda a população alimentação, moradia, escola, hospital, transporte coletivo, bibliotecas, parques públicos. Modernidade, para **os que pensam assim**, é sistema judiciário eficiente, com aplicação rápida e democrática da justiça; são instituições públicas sólidas e eficazes; é o controle nacional das decisões econômicas.

Plínio Arruda Sampaio. O Brasil em construção. In: Márcia Kupstas (Org.). *Identidade nacional em debate*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 27-9 (com adaptações).

29. Na linha 1, mantendo-se a correção gramatical do texto, pode-se empregar *em que* ou *onde* em lugar de "no qual".

30. O trecho "os que pensam assim" retoma, por coesão, o referente de "muitos", bem como o sujeito implícito da oração "dão mais valor a um modelo de desenvolvimento".

A visão do sujeito indivíduo — indivisível — pressupõe um caráter singular, único, racional e pensante em cada um de nós. Mas não há como pensar que existimos previamente a nossas relações sociais: nós nos fazemos em teias e tensões relacionais que conformarão nossas capacidades, de acordo com a sociedade em que vivemos. A sociologia trabalha com a concepção dessa relação entre o que é "meu" e o que é "nosso". A pergunta que propõe é: como nos fazemos e nos refazemos em nossas relações com as instituições e nas relações que estabelecemos com os outros? Não há, assim, uma visão de homem como uma unidade fechada em si mesma, como *Homo clausus*. Estaríamos envolvidos, constantemente, em tramas complexas de internalização do "exterior" e, também, de rejeição ou negociação **próprias e singulares** do "exterior". As experiências que o homem vai adquirindo na relação com os outros são as que determinarão as suas aptidões, os seus gostos, as suas formas de agir.

Flávia Schilling. Perspectivas sociológicas. Educação & psicologia.
In: *Revista Educação*, vol. 1, p. 47 (com adaptações).

31. Na linha 3, para se evitar a sequência "nós nos", o pronome átono poderia ser colocado depois da forma verbal "fazemos", sem que a correção gramatical do trecho fosse prejudicada, prescindindo-se de outras alterações gráficas.

32. Na linha 10, a flexão de plural em "próprias e singulares" estabelece relações de coesão tanto com "rejeição" quanto com "negociação" e indica que esses substantivos têm referentes distintos e não podem ser tomados como sinônimos.

A **lenda urbana** surge com a oportunidade do inusitado, do espetacular, do fantasioso. É o momento em que **se pode** romper com a realidade e crer que existe algo além do que **se conhece**. Em primeiro lugar, a lenda urbana apresenta personagens quase sempre construídos em busca do indivíduo comum: **desperta-se** o interesse do ouvinte. Também **se espalha** por meios muito próximos dos simples mortais, seja oralmente, seja por e-mail, seja até em jornais sensacionalistas. As lendas urbanas se inserem no fenômeno chamado folkcomunicação, segundo o qual a expressão das classes mais baixas ou marginalizadas encontra vazão na produção de cultura popular e, muitas vezes, na cultura de massa. Esse folclore — em seu sentido mais amplo — traz à luz a compreensão de determinados povos sobre o meio que os cerca, mas de maneira bastante particular. As manifestações populares trazem tanto seus medos cotidianos quanto as influências sofridas por aquela população. As lendas urbanas são, assim, resultantes da criação contemporânea, modernamente adaptadas ao universo do século XXI e seus problemas. Hoje o homem comum conhece a ciência (ou a pseudociência, como diz Carl Sagan) e **se utiliza** dela em seu cotidiano. Também por isso, as representações mais fantásticas ganham, muitas vezes, aspectos científicos. Surgem assim narrativas completas, em certa medida críveis, sobre o universo urbano moderno.

Andréa Neiva e Luciano R. Segura. *Sem mistério: discutindo língua portuguesa*, ano 2, nº 12, p. 26-32 (com adaptações).

33. O pronome "se" refere-se a "lenda urbana" em:

a) "se pode";
b) "se conhece";
c) "desperta-se";
d) "se espalha;
e) "se utiliza".

Gabarito

1. E
2. D
3. E
4. E
5. C
6. C
7. D
8. B
9. D
10. E
11. B
12. E
13. C
14. E
15. A
16. D
17. A
18. A
19. C
20. E
21. E
22. C
23. B
24. D
25. E
26. ERRADO
27. ERRADO
28. ERRADO
29. CERTO
30. CERTO
31. ERRADO
32. CERTO
33. D

Capítulo 10

Preposição

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isto: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) **essenciais**: apresentam-se sempre como preposição:

a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **acidentais**: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, está funcionando como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição ("na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva ("de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução Prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Ex: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.1. Valor relacional e nocional da preposição

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de Regência Verbal ou Nominal, assunto que vamos estudar no Capítulo 12. Veja os exemplos:

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: Regência Verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de Regência Nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

Por outro lado, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)
Chegou com a namorada. (companhia)
Estremeceu com a notícia. (causa)
Falar de futebol. (assunto)
Viver de renda. (meio)
Correr de medo. (causa)
Ir para a rua. (direção)
Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em Regência, ficaremos nesta aula apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar a vocês uma ampla lista de valores nocionais das preposições e, ao longo dos exercícios, vocês irão se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem:

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão
4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. "Para seres amado, ama."

Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado": código (3).

2. Viemos de Brasília de avião.

Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado. Códigos (4) e (6).

3. Foi direto para a casa de Maria.

Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa: códigos (9) e (7).

4. É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais: código (14).

5. Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz: código (1).

6. Fez de tudo para não ser olhado com medo.

Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo; código (12).

7. Abriu a porta com a chave.

Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta; código (10).

8. À tardinha, voltamos ao local combinado.

Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha; código (13).

9. Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos: código (8).

10. Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*; código (5).

11. Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção; código (1).

12. "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*; código (15).

13. Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas: código (3).

14. Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ele se afastou: código (12).

15. Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza: código (1).

16. Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém: código (2).

17. Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse: código (1).

18. Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo: código (17), ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*: código (3).

19. Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*: código (11).

20. A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore: código (1).

21. O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal: código (1).

22. Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos; código (16).

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a;
b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de;
c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de;
d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de;
e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B, as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo;
b) "conviver com incertezas" / companhia;
c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo;
d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto;
e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa forma* – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, por entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição por está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.
b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.
c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.
d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.
e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade;
b) morreu de cansaço = causa;
c) rosto de anjo = origem;
d) tampa da panela = matéria;
e) viagem de longe = parte.

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C, anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O MERCOSUL (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O MERCOSUL é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.
b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o MERCOSUL é, no momento, o mais notável bloco do Sul.
c) O MERCOSUL é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.
d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o MERCOSUL é, no momento, o mais notável bloco do Sul.
e) O MERCOSUL é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. (FCC) Em "Por ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa;
b) condição;
c) consequência;
d) concessão;
e) posse.

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

Capítulo 11

Conjunções

11.1. Conjunções Coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras, ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter que pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante*. Em relação às conjunções adversativas, considero interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensar, ressalvar.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui". Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala.

(exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto* não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste*. É a sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo.

Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada



(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, **28 de dezembro de 2008.)**

1. No quarto quadrinho, a palavra <u>que</u> introduz uma:

a) causa;
b) consequência;
c) explicação;
d) condição;
e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo:

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

Comentários: Ordem seguida da explicação: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda" são expressões correlativas aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem. A conjunção é aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão. Conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste. A conjunção é adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem, as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam. Conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação. Conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas provas? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há, também, as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. **(FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento “...** *podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição...”* **expressa ideias de ações:**
   a) opostas;
   b) repetidas;
   c) alternadas;
   d) simultâneas;
   e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa ideia.

A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imagino que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas).

Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: letra C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.
b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.
c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.
d) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.
e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essa duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva.

A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*.

A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*.

A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções adverbiais condicionais.

Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: Aqui, vale um recado: não confunda a conjunção *porquanto* com *portanto*. *Porquanto* é o mesmo que *porque*.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria que fazer um certo esforço para lembrar o que cada uma das

conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Quanto às questões do segundo tipo, aquelas que buscam reescrituras, substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, uma vez que suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

Comentários:

Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

Resposta: certa.

Mais uma questão, do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, no entanto, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40."(O Globo, 18/12/2008.)

a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões, a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de um classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.
2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.2. Conjunções Subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal | or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais e integrantes**. Vamos a elas...

As **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:

1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**. A conjunção consecutiva é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto...

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:

1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:

1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.
2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o *subjuntivo*, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

As **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica: *quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos, aqui, *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

> **Atenção:** A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão perguntando quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por ISTO, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por ISTO. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão...), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:

1. As **conjunções subordinativas** dividem-se em dois blocos: **integrantes** (sem valor semântico) e **adverbiais** (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a **conjunção integrante** é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por ISTO.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa, logo a conjunção é causal.

2. Por mais que estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. Como todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*: a conjunção inicia oração substantiva, é, então, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*. A conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que* antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência. A conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese: a conjunção é final.

8. Ainda que me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo: a conjunção é concessiva.

9. Como ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*. Inicia a causa, a conjunção é causal.

10. Sempre que estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando: conjunção temporal.

11. Caso ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*. A conjunção é condicional.

12. Quanto mais trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*. A conjunção é proporcional.

13. Se bem que estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*. A conjunção é concessiva.

14. Desde que saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*. Ideia de tempo anterior. Conjunção temporal.

15. Como seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam. Conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante da nossa aula: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...)

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém que tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva. Conjunção subordinativa integrante.

2. Mesmo que me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*. Conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta nem assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*. Conjunção coordenativa aditiva.

4. Ora canta, ora assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia. Conjunções coordenativas alternativas.

5. Quanto mais canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*. Conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, que chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*. Conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, por isso foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*. Conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto que foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que* antecedido de *tanto*. Conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, que eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*. Conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais que trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar. Conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, logo foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*. Conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, que adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado. Conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. Que eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*. Conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. Sem que eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo. Conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes que estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*. Conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade que na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura". Conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio que as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*. Conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, porém não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo. Conjunção coordenativa adversativa.

19. Embora não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*. Conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.3. Valores Semânticos das Principais Conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos anteriores, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

E: A conjunção E pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)
Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

POIS: Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)
Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)
Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

OU: Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)
O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("*os professores*" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)
O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

DESDE QUE

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)
Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

QUE

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)
Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)
Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)
Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)
O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)
Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)
Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

SE

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)
Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)
Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)
Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)
Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

COMO

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)
Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)
Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase *"mudamos de vontade como muda de cor o camaleão"*, **o autor:**
a) Estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.
b) Se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.
c) Estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.
d) Emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.
e) Emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor*", ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.
O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:
a) Conquanto fosse.
b) Muito embora sendo.
c) Ainda quando fosse.
d) Por ter sido.
e) Mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nessa questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("*as questões secundárias não lhe interessavam* <u>*porque*</u> *Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais*"). Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, <u>por penetrar em camadas mais profundas</u>. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:
a) causa;
b) condição;
c) consequência;
d) finalidade;
e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* (*"acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*). Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, com o surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase grifada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa;
b) conclusão;
c) ressalva;
d) temporalidade;
e) finalidade.

Comentários:

Essa questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração *"O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas"*. Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento grifado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...
b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...
c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...
d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...
e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: *"Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo"*. A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração (*"passada a crise"*) temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. **(FCC/METRO)** *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*
A última frase do texto introduz, no período, noção de:
a) temporalidade;
b) consequência;
c) proporcionalidade;
d) ressalva;
e) causa.

Comentários:

Nessa frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. **(FCC/TCE-AL)** *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*
Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:
a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;
b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se *"nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas"* é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. **(FCC/METRO)** *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*
O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:
a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.
b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.
c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.
d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.
e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase retirada do texto, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.
b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.
c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.
d) ... praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.
e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos <u>em nome de integrar a lavoura à natureza</u>. O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas;
b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura;
c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais;
d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural;
e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Essa é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a <u>finalidade</u> de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de

causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles não são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, mas também contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.
A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida;
b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida;
c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida;
d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras;
e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. Portanto era necessário criar regras específicas".
O sentido que a conjunção grifada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada;
b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram;
c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época;
d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade;
e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indicada *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo...*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção sublinhada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. Como Estudar as Conjunções

Entendemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, vocês viram que pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

Treinar, treinar e treinar.

Vejamos algumas questões de concursos anteriores.

1. O valor relacional da preposição em destaque está indicado com ERRO na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes <u>de</u> forma inacreditável" / modo;
b) "conviver <u>com</u> incertezas" / companhia;
c) "discutir os inerentes aspectos técnicos <u>sem</u> desvinculá-los do lado emocional" / motivo;
d) "refletir <u>sobre</u> o sentido da vida" / assunto;
e) "preparar <u>para</u> a viagem final" / fim.

2. A conjunção e a preposição, sublinhadas no período "Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, <u>que</u> chega a dispensar, <u>por</u> secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários." Foram usadas em valores semânticos que correspondem, respectivamente, aos valores de uso nas frases:

a) Não esqueçam os seus ideais, <u>que</u> são eles que impulsionam o homem em seu trabalho / Passar <u>por</u> vexames para obter resultados, é determinação de poucos.
b) Tamanho era o esforço dos aventureiros <u>que</u> os obstáculos viraram trampolim / <u>Por</u> ser do interesse das grandes corporações, o governo autorizou o projeto.
c) A sociedade espera <u>que</u> todos cumpram seus deveres profissionais e humanitários / Deixou de ganhar muito dinheiro <u>por</u> lhe faltar celebridade.
d) Era tal desafio que esperava o aventureiro, <u>que</u> ele esteve a ponto de desistir / O cidadão era aguardado <u>por</u> um grupo de pesquisadores.
e) Havia no porto de embarque muitos estrangeiros <u>que</u> aguardavam o navio / não abandono meus ideais <u>por</u> nada desse mundo.

3. O período que pode ser introduzido por <u>à medida que</u>, sem que o sentido fundamental do enunciado se altere, encontra-se em:

a) "Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis".
b) "A celebração é mais importante que o conteúdo".
c) "Cada ato mágico é singular, único, devendo ser meticulosamente encenado".
d) "Para que as coisas dêem certo, é necessário realizá-lo da maneira mais adequada possível."
e) "Quanto mais os planos sucumbem, mais acreditamos no seu encantamento".

4. Dentre as frases abaixo, a que é transformada com perda da noção semântica de finalidade é:

a) E começaram a preparar o cavalheiro para enfrentar o dragão.
E começaram a preparar o cavalheiro porque enfrentasse o dragão.
b) O cavalheiro foi preparado para responder à altura.
O cavalheiro iria equipado a fim de que respondesse à altura.

c) O cavalheiro iria equipado para resistir ao fogo.
O cavalheiro iria equipado de tal sorte que resistisse ao fogo.
d) Precisavam de alguém para enfrentar o dragão.
Precisavam de alguém que enfrentasse o dragão.

5. *Eles não são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, mas também contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.*
A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:
a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida;
b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida;
c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida;
d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras;
e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

6. "Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios..."; após um segmento textual em que está presente a expressão "não só", pode-se prever um segmento seguinte com valor de:
a) oposição;
b) concessão;
c) causa;
d) adição;
e) comparação.

7. (Aux. Adm. / Câm. Mun.) Tomando-se a frase "Poucos ramos da ciência avançaram tão rápido nos últimos anos <u>quanto</u> a astronomia", pode-se afirmar que a conjunção sublinhada está empregada com o mesmo valor que em:
a) Quanto mais se estuda o céu, mais se descobrem novidades.
b) Tanto quanto Galileu, os cientistas brasileiros se esforçam para revolucionar a astronomia.
c) Tudo quanto já se estudou sobre os planetas é pouco em relação ao que ainda se desconhece.
d) Quantas descobertas novas no ramo da astronomia impressionam o homem.
e) Não se pode negar que quanto mais o homem penetra nos segredos do universo mais se impressiona com a sua insignificância.

8. "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:
a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

9. "As mulheres envolvidas nesses crimes têm distúrbios psíquicos/ e tratam as crianças como objetos descartáveis." A segunda oração desse período, em relação à primeira, expressa uma circunstância de:

a) adição;
b) causa;
c) comparação;
d) consequência;
e) explicação.

10. Em todas as alternativas abaixo aparecem dois elementos ligados pela conjunção E; a alternativa em que o segundo elemento mostra uma evolução temporal em relação ao primeiro é:

a) "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos."
b) "Indumentária e casas são extensões..."
c) "O acocorar-se e sentar-se no chão..."
d) "... lentes, televisão, telefones e livros..."
e) "... através do tempo e do espaço..."

11. "Se o acesso à escola melhorou muito na última década, a qualidade de ensino do nosso país vem se mostrando muito aquém das nossas exigências."; a primeira oração em relação à segunda tem valor de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) comparação;
d) modo;
e) concessão.

12. (Aux. Judic.) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas","para que" colaboram para que se mantenha no texto:

a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

13. A frase em que a conjunção estabelece, entre as orações, uma relação de sentido coerente é:

a) O homem se afastou de Deus, embora tenha se tornado materialista.
b) O homem atual é materialista, no entanto só acredita naquilo que vê.
c) Como o homem se afastou das leis de Deus, tornou-se profundamente infeliz.
d) O homem se afastou da Lei do Universo, por isso almeja a felicidade.
e) O homem tornou-se prisioneiro da ambição, ainda que tenha se afastado de Deus.

Assinale, em relação a cada trecho destacado a seguir, a opção que altera fundamentalmente seu sentido:

14. "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza."

a) Caso eles entrem nos trilhos;
b) Desde que eles entrem nos trilhos;
c) Uma vez que eles entrem nos trilhos;
d) Contanto que eles entrem nos trilhos;
e) Mal eles entrem nos trilhos.

15. "O marido não veio; não queria ver os irmãos":

Como não queria ver os irmãos, o marido não veio.
Por não querer ver os irmãos, o marido não veio.
Não querendo ver os irmãos, o marido não veio.
O marido não veio, por isso não queria ver os irmãos.
O marido não veio, já que não queria ver os irmãos.

16. "Pouco a pouco, foram aparecendo as desvantagens do uso de inseticidas industriais, embora seu consumo continue alcançando cifras impressionantes."

a) apesar de seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes;
b) desde que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes;
c) ainda que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes;
d) não obstante seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes;
e) conquanto seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.

17. "Uma observação mais cuidadosa revela, porém(A), que Ciência e Tecnologia não se comportam como(B) mercadorias, mas(C) como bens culturais; é por isso, talvez, que toda tentativa de transferência de tecnologia fracasse e resulta no(D) que não passa de alguma(E) forma efêmera de prestação de serviço.":

a) "porém" / (portanto);
b) "como" / (do mesmo modo que);
c) "mas" / (e sim);
d) "no" / (naquilo);
e) "alguma" / (uma).

Nos trechos a seguir, assinale, em relação aos termos sublinhados, aqueles que poderiam substituí-los, sem alteração de sentido:

18. "Avançamos muito na tecnologia, <u>mas</u> a perplexidade fundamental é a mesma".

a) por conseguinte;
b) ainda assim;
c) portanto;
d) logo;
e) pois.

19. Texto – A aventura pode ser louca, <u>mas</u> o aventureiro tem que ser lúcido. (Chesterton)

a) Já que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
b) Visto que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
c) Caso a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
d) Embora a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
e) Se a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.

20. A nota do Brasil, <u>embora</u> mude de ano para ano, sempre oscila entre dois e três,...

a) Mesmo que a nota do Brasil mude de ano para ano permanece entre dois e três.
b) A nota do Brasil sempre oscila entre dois e três, já que as notas sempre mudam de ano para ano.
c) Visto que a nota do Brasil muda de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
d) A nota do Brasil, contanto que mude de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
e) O Brasil sempre tem sua nota oscilando entre dois e três, no entretanto elas mudam de ano para ano.

21. (Aux. Oper./DOCAS-SP)
"Santos das ruas antigas
À beira do cais
Que escondem segredos".
A palavra Que classifica-se como:
a) conjunção integrante.
b) conjunção coordenativa.
c) preposição.
d) pronome relativo.
e) pronome interrogativo.

22. (Aux. Oper./DOCAS-SP)
"Pô! Eu vi, você fingiu..."
Pô! se classifica como:
a) preposição.
b) adjetivo.
c) advérbio.
d) conjunção.
e) interjeição.

23. (Técn. Oper./DOCAS-SP)
*Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, a variação foi melhor do **que** a do País (30,65%), **que** somou US$ 77,56 bilhões.*
As duas ocorrências da palavra QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e conjunção.
b) pronome relativo e conjunção.
c) pronome relativo e pronome relativo.
d) substantivo e pronome adjetivo.
e) conjunção e pronome relativo.

24. (Assist. Técn. Adm./DOCAS-BA)
"Eu queria que essa fantasia fosse eterna..."
A palavra *que* **classifica-se como:**
a) pronome relativo.
b) conjunção integrante.
c) substantivo.
d) pronome indefinido.
e) conjunção subordinativa final.

25. (Guarda Port./DOCAS-BA)
*No primeiro módulo, **que** termina no dia 19/11, foram repassadas noções de primeiros socorros, defesa pessoal, relações humanas e segurança.*
A palavra QUE no período acima classifica-se como:
a) preposição.
b) conjunção integrante.
c) conjunção subordinativa.
d) pronome relativo.
e) adjetivo.

26. (Economista/DOCAS)

Aos teus pés que nos deste o Direito.
Aos teus pés que nos deste a Verdade.

A palavra QUE classifica-se como:

a) pronome relativo.
b) conjunção subordinativa.
c) partícula expletiva.
d) preposição.
e) conjunção integrante.

27. (Fiscal/ICMS)

É certo ***que*** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* ***que*** *abranger as práticas administrativas de sua congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição.
b) conjunção integrante e preposição.
c) conjunção integrante e conjunção integrante.
d) pronome relativo e conjunção integrante.
e) preposição e pronome relativo.

28. (Técn. Op. Port.)

A economia sul-africana varia da agricultura de subsistência até a moderna atividade industrial e mineral, tornando-a a mais forte economia do continente, com Produto Interno Bruto na ordem de US$ 255 bilhões.

No período acima, há:

a) cinco preposições.
b) oito preposições.
c) seis preposições.
d) sete preposições.
e) quatro preposições.

29. (Técn. Op. Port.)

No caso da Baixada Santista, os números são amplificados naturalmente devido à proximidade com o Porto de Santos, pelo qual empresas e órgãos públicos de cada município podem promover despachos e desembaraços de mercadorias, conforme suas necessidades e contando com maior facilidade.

No período acima, há quantos verbos em forma nominal?

a) Cinco.
b) Quatro.
c) Dois.
d) Seis.
e) Três.

30. (Guarda Port./DOCAS-BA)

O treinamento com armas será realizado nos estandes de tiro da Cactos, empresa vencedora da licitação.

No período acima há:

a) 1 artigo e 3 preposições.
b) 4 artigos e 3 preposições.
c) 3 artigos e 4 preposições.
d) 3 artigos e 4 preposições.
e) 4 artigos e 5 preposições.

31. (Téc. Judic./PA)

Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.

Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver corretas.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

32. (Fiscal/ICMS)

Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto.

No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?

a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.
d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir:

Com a pressão vinda de todos os lados, é natural que, em um dado momento ou em outro, passe pela cabeça da maioria das pessoas a ambição de largar tudo e ir viver uma vida tranquila em outro lugar. Mudar de vida pode ser uma excelente solução para a tensão, dependendo evidentemente da vida que se leva. Qualquer decisão nesse sentido, **porém**, deve levar em conta um fato da natureza: ninguém pode evitar completamente situações estressantes. O estresse não é doença, **e**, sim, uma reação instintiva ao perigo real ou imaginário ou a uma situação de desafio. "Uma cascata bioquímica que prepara o corpo para lutar ou fugir", na definição do manual de técnicas para aliviar o estresse, elaborado pela Escola de Medicina de Harvard, um centro de excelência nos Estados Unidos da América.

Veja, fev./2004 (com adaptações).

33. Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "porém" por mas.

34. O valor adversativo da conjunção "e" permite sua substituição por "mas", sem que a argumentação do texto seja prejudicada.

Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.

35. Caso se substituísse "Embora" por "Apesar de", a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. **Então**, a diferença é uma forma de crítica.

36. O conectivo "Então" estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. *Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

37. O conectivo "À medida que" liga orações e estabelece entre elas relação semântica que poderia ser expressa pelo conectivo Enquanto.

Segundo dados da ONU, dois terços da população mundial não se sente representada por seus governos **e** tem uma péssima opinião sobre a honestidade e sentido público dos políticos, muitas vezes sendo o voto uma manifestação "mais contra o que se teme, do que a favor do que se espera".

38. A conjunção "e", além de ter o valor semântico de adicionar uma ideia a outra, tem, no texto, também o valor de introduzir uma consequência para a oração anterior.

Gabarito

1. C	11. E	21. D	31. A
2. B	12. B	22. E	32. D
3. E	13. C	23. E	33. ERRADO
4. D	14. E	24. B	34. CERTO
5. C	15. D	25. D	35. ERRADO
6. D	16. B	26. C	36. ERRADO
7. B	17. A	27. B	37. CERTO
8. A	18. B	28. D	38. CERTO
9. D	19. D	29. E	
10. C	20. A	30. E	

página deixada intencionalmente em branco

Parte 3

SINTAXE

página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 12

Predicação Verbal

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1. Verbo Intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Ex.: a) Correm os dias, os meses, os anos.
b) O outono chegou.
c) O marido desapareceu entre as ruelas.
d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.
e) Falei bastante ontem.
f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: *"Os dias, os meses, os anos correm"*. O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) *"entre as ruelas"* (= adjunto adverbial de lugar);
d) *"ferido"* (= predicativo do sujeito); *"ao hospital"* (= adjunto adverbial de lugar);
e) *"bastante"* (= adjunto adverbial de intensidade); *"ontem"* (= adjunto adnominal de tempo);
f) *"bastante"* (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.2. Verbo Transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

- Direto – completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Ex.: a) Essa atitude implicou sua demissão.
b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

- Indireto – completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

  Ex.: a) Obedece **a**os mais velhos.
  b) Gostava **de** música.
  c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em *"Falei aos filhos"*, o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

- Direto e Indireto – o verbo pede dois complementos. Um sem preposição, o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

  Ex.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.
  b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"o ocorrido (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"a verdade (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.3. Verbo de Ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Ex.: a) Eu sou feliz.
(predicativo do sujeito)
b) Estava cansado.
(predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se triste.
(predicativo do sujeito)

Comentários:

Por fim, o *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases a, b e c, *feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicando estado, de ligação.

> **Importante:** Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
>
> Observe que mostramos isso com o verbo falar:
>
> Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
> Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
> Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
> Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Antes de treinarmos com frases para você fixar esses conceitos, observe só como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. **(MPU – FCC)** *... elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
a) *... grandes pinheiros brotam por toda parte.*
b) *... mas que chegaram ao Brasil...*
c) *... e aqui encontraram espaço...*
d) *...o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.*
e) *... e competindo com elas por alimento.*

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde*?).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto

adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço*. Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento*.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio/2010) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "... o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.
b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.
c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.
d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.
e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. Veja essa questão... O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

Vamos fixar os conceitos com frases?

Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes:

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

Comentários: O verbo *brincar*, nessa frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (=complemento).

Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"... *deu um brinde...*" (sem preposição – objeto direto)

"... *deu a cada participante* (com preposição – objeto indireto)

"*Márcia deu um brinde a cada participante.*"

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("*Confiei em suas palavras*).

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "*Ficamos contentes*", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*.

Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"*Ofereci uma recompensa...*" (sem preposição – objeto direto)

"*Ofereci aos funcionários...*" (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "*Pedi a conta...*", "... *saí do restaurante*". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo

do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "*Sentimentos verdadeiros não existem mais*". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nessa construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.
18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17) verbo transitivo indireto; 18) verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: *"Os primeiros raios de sol surgem"*. Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.
21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede preposição.

Respostas: 20) verbo transitivo indireto; 21) verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.4. Tipos de predicado

a) **Predicado:** é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo-nominal**.

- verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.
  Ex.: O funcionário chegou.
- nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.
  Ex.: O funcionário estava contente.
- verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).
  Ex.: O funcionário chegou contente.
  Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. **Os jovens cantavam uma bela canção.**
   sujeito: Os jovens
   predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.
sujeito: Os jovens
predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.
sujeito: Os jovens
predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.
sujeito: (*Eu*)
predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.
sujeito: O desenvolvimento
predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.
sujeito: O desenvolvimento
predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

Capítulo 13

Termos da Oração

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

Termos Integrantes

a) **Objeto Direto**: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**
Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) **Objeto Indireto**: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.
Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) **Complemento Nominal:** complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.
(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)
Estou certo da vitória.
(adj.)
Favoravelmente aos empresários.
(adv.)

d) **Agente da Passiva**: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.
Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver se entendeu: mas vamos misturar todos os termos integrantes...

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto, (2) objeto indireto, (3) complemento nominal e (4) agente da passiva

Importante!

Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

1. Precisávamos de tua ajuda. ( )

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: (2)

2. Tinha certeza de sua chegada. ( )

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: (3)

3. Estava certo de sua chegada. ( )

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: (3)

4. Comemoramos a sua promoção. ( )

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: (1)

5. Sua promoção foi comemorada pelos familiares. ( )

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente;

A expressão destacada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: (4)

6. Necessito de um favor seu. ( )

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: (2)

7. Tinha necessidade de sua presença. ( )

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: (3)

8) Demoliram aquele prédio antigo. ( )

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: (1)

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

Termos Acessórios

a) **Adjunto Adnominal:** "termo que limita, individua a significação de um substantivo."
Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.
(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)
Meu aluno; Invasão dos mosquitos.
(pron.) (loc.adj.)

b) **Adjunto Adverbial:** vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.
Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.
(verbo) (adj.) (adv.)
Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.
(verbo) (verbo) (verbo)

c) **Aposto:** "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:
1) explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.
2) enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.
3) distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.
4) resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.
5) especificativo: A cidade de Paris é encantadora.
6) *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

- Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.
Ex.: José, venha cá.

- Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.
(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.
(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal, (2) adjunto adverbial, (3) aposto, (4) vocativo, (5) predicativo do sujeito e (6) predicativo do objeto.

1. Bom dia, meu caro senhor! ( )

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.
Resposta: (4)

2. Chegou ao escritório às nove horas. ( )

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.
Resposta: (2)

3. Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante. ( )

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.
Resposta: (3)

4. Cinema, rádio, televisão, nada o distraía. ( )

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.
Resposta: (3)

5. Ao longe, uma nuvem surgiu carregada. ( ) ( )

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.
Respostas: (2) (5)

6. Chamou o amigo de <u>ingrato</u>. ( )

Comentários: Temos, aqui, em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: (6)

7. <u>As</u> <u>minhas</u> sugestões eram <u>simples</u>. ( ) ( ) ( )

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: (1) (1) (5)

8. Coração <u>sem amor</u> é um campo <u>minado</u>. ( ) ( )

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem <u>junto</u> ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: (1) (1)

9. As <u>suas</u> mãos tremiam <u>de medo</u>. ( ) ( )

Comentários: O pronome <u>*suas*</u>, ao lado do substantivo, delimita as <u>*mãos*</u>, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: (1) (2)

10. O velho <u>ranzinza</u> arquejava <u>cansado</u>. ( ) ( )

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: (1) (5)

Resumindo: Cuidados com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x **adjunto adverbial**
objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). <u>Não</u> há ideia circunstancial.
Ex.: Lembrou-se <u>do ocorrido</u>.
adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele um ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...)
Ex.: Chegamos <u>ao anoitecer</u> (ideia de tempo)

complemento nominal x **adjunto adnominal**

complemento nominal

Sempre preposicionado.

Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.

Ex.: Reforma da praça.

(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)

adjunto adnominal

Aparecendo preposição, a ideia é ativa.

Ex.: Construção do arquiteto

(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)

Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica *ação, sentimento, qualidade* – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x **predicativo do objeto**

adjunto adnominal

termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido

Ex.: Fizeram perguntas tolas.

predicativo do objeto

aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.

Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use:

(1) objeto indireto
(2) adjunto adverbial
(3) adjunto adnominal
(4) predicativo do sujeito
(5) predicativo do objeto
(6) aposto
(7) complemento nominal
(8) agente da passiva

1. Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades. ( )

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.
Resposta: (3)

2. Os profissionais eram muito competentes. ( )

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.
Resposta: (4)

3. Consideramos aqueles profissionais competentes. ( )

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (Consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.
Resposta: (5)

4. O rapaz foi preso pelo detetive. ( )

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).
Resposta: (8)

5. Tinha grande amor à humanidade. ( )

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).
Resposta: (7)

6. O coração não resistiu à emoção. ( )

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).
Resposta: (1)

7. Existe, nesta cidade, um clima de paz. ( )

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.
Resposta: (2)

8. Rui, o orador, logo se pronunciou. ( )

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).
Resposta: (6)

9. Beber demais é prejudicial à saúde. (   )

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: (7)

10. A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente. (   )

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa, é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em *"A felicidade dos candidatos"*, eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: (3)

11. Tinha necessidade de afeto. (   )

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: (7)

12. Os candidatos chegaram apressados ao local da prova. (   ) (   )

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: (4) (2)

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "a utilização de qualquer um deles".
b) "a queima do petróleo".
c) "inundação de vastas áreas".
d) "a fauna aquática dos rios".
e) "construção de barragem.

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo:

qualquer um deles é utilizado. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. **(TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:**
   a) código **de trânsito**;
   b) educação **para o trânsito**;
   c) formação **do magistério**;
   d) treinamento **de professores**;
   e) atender **a mais esta nova exigência**.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor passivo ("o trânsito não forma, ele é *alvo* da formação, *recebe* essa formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. **(FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso <u>à vida</u> de rei" é a mesma de:**
   a) Duvido <u>de sua capacidade</u> profissional.
   b) Apenas <u>nos</u> víamos em festas rurais.
   c) Ficaria <u>encantado</u> com a novidade.
   d) Achava-se apto <u>para o trabalho</u>.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

Questões de concursos propostas.

1. **O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "...vira dinheiro." em**
   a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.
   b) O mar, que estava de ressaca , virou o barco
   c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.
   d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.
   e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

2. **(MPU)** *... elas também <u>causam</u> impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*
   O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
   a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.
   b) ... mas que chegaram ao Brasil...
   c) ... e aqui encontraram espaço...
   d) ... o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.
   e) ... e competindo com elas por alimento.

3. *Afinal, o verdadeiro tradutor <u>precisa</u> de formação teórico-prática sólida*...
   O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
   a) O tradutor é um dos principais responsáveis pelo intercâmbio cultural entre as nações.
   b) ... pois espelha textos numa língua diferente...
   c) ... para tomar a melhor decisão diante de uma expressão nova...
   d) O reconhecimento de seu trabalho levaria a cursos superiores...
   e) ... para contabilizar sua importância...

4. **"A esse crime ela não tinha o direito de dar o seu perdão."; a forma de ordem direta desta mesma frase é:**
   a) Ela não tinha o direito de dar o seu perdão a esse crime;
   b) O direito de dar o seu perdão a esse crime ela não tinha;
   c) Ela não tinha o direito de dar, a esse crime, o seu perdão;
   d) A esse crime, o seu perdão ela não tinha o direito de dar;
   e) A esse crime não tinha ela o direito de dar o seu perdão.

5. O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código **de trânsito**;
b) educação **para o trânsito**;
c) formação **do magistério**;
d) treinamento **de professores**;
e) atender **a mais esta nova exigência**.

6. A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "a utilização de qualquer um deles";
b) "a queima do petróleo";
c) "inundação de vastas áreas";
d) "a fauna aquática dos rios";
e) "construção de barragem".

7. O termo sublinhado que corresponde a um complemento nominal e não a um adjunto adnominal é:

a) "necessidades do país";
b) "atividades de exploração";
c) "empresas do setor";
d) "parcerias com outras grandes empresas";
e) "nos outros três continentes em que atua".

8. A função sintática da palavra sublinhada em: *"Parecia muito preso* à vida *de rei"* é a mesma de:

a) Duvido de sua capacidade profissional.
b) Apenas nos víamos em festas rurais.
c) Ficaria encantado com a novidade.
d) Achava-se apto para o trabalho.

9. O termo sublinhado que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente...";
c) "... como sugerem as propagandas de cigarro...";
d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum...";
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes.".

10. "Tráfico de drogas"; nesse segmento, o termo sublinhado representa um paciente do termo anterior, o que também ocorre em:

a) jovens de 15 a 24 anos;
b) Estatuto do Desarmamento;
c) fase de regulamentação;
d) endurecimento da legislação;
e) número de homicídios.

11. (NCE/UFRJ) A discussão sobre os limites do domínio público e do domínio privado...Em qual das frases a seguir o termo destacado exerce a mesma função sintática do termo sobre os limites do domínio público e do privado?

a) ... ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ... atribuir esse interesse à perspectiva...
c) ... a possibilidade de redefinição do papel do Estado,...
d) ... chamar de sociedade civil.
e) ... para tornar esse debate tão atual.

12. (NCE/UFRJ) O termo sublinhado que tem função diferente da dos demais é:

a) objetos do seu cotidiano;
b) modelo do carro;
c) objetos do seu quarto;
d) estampa do seu lençol;
e) transformação do gosto.

13. (BNDES/NCE) Os adjetivos mostram qualidades, características ou especificações dos substantivos; a alternativa abaixo em que o termo em negrito NÃO funciona como adjetivo é:

a) **difícil** aprendizado;
b) sensação **de dificuldade**;
c) trabalho **que é difícil**;
d) tarefa **dificílima**;
e) acesso **difícil**.

14. O termo que funciona como um complemento do termo anterior:

a) "Soube de tudo isso...";
b) "Amanhece na ilha de Heron";
c) "Sobre a imensa faixa de areia...";
d) "... os tufos de algas...";
e) "Alguns grãos de areia..."

15. (CADEP) Atente para estas duas frases:
O arqueiro precisa antes escolher o alvo.
O arqueiro determina antes a escolha do alvo.
É correto afirmar, em relação a essas frases, que

a) a palavra **alvo** tem idêntica função sintática em ambas.
b) Em uma delas ocorre o emprego da voz passiva.
c) **o alvo** e **a escolha do alvo** são complementos verbais.
d) ambas são períodos compostos.
e) a palavra **antes** não exerce em ambas a mesma função sintática.

16. (TCE/AL) É a liberdade que dá à vida uma direção.
O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

17. (TRT – 18ªR) Os outros privilégios da vida a que as pessoas aspiram só existem em função de uma única forma de utilização (...)
No período acima, são exemplos de uma mesma função sintática:

a) *vida* e *pessoas*.
b) *privilégios* e *utilização*.
c) *privilégios* e *pessoas*.
d) *existem* e *utilização*.
e) *a que* e *única*.

18. **(CAIPEMES/Tecnólogo Construção Civil-2007) "Acho-a muito chata." Os termos grifados são, respectivamente:**

a) objeto indireto e objeto direto.
b) objeto direto e predicativo do objeto.
c) objeto direto e objeto indireto.
d) objeto direto e objeto direto.

19. **O termo da oração em destaque está identificado de acordo com a sintaxe em:**

a) "Cantavam **tristes**," - adjunto adverbial de modo
b) "De manhã, chegavam ao mercado **do peixe** ..." – adjunto adverbial de lugar
c) "Viam-se cercados **pelos fregueses**" – objeto indireto
d) "Vínham **cozinheiras, homens** de importância da terra," – núcleos do sujeito composto
e) "Pareciam **quietos**, de noite bem dormida," – objeto direto

20. **A função sintática (entre parênteses) corresponde à palavra ou expressão destacada,** EXCETO **em:**

a) "morava na Rua da União, **Bairro da Boa Vista**" (aposto)
b) "a casa de meu avô era **a última**" (predicativo)
c) "na funda ribanceira, corria **o rio**," (sujeito)
d) "marcando com toquinhos de pau **o progresso das águas** ..." (objeto direto)
e) "que entrava a esmagar o milho verde **cozido**" (adjunto adverbial de modo)

21. **"Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.**
Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

a) o povo do Rio de Janeiro – **sujeito**
b) o seu inconformismo – **objeto direto**
c) do Rio de Janeiro – **adjunto adverbial**
d) em silêncio – **adjunto adverbial de modo**
e) seu – **adjunto adnominal**.

22. **(Anal. Judic. / TRF) O pronome "LHES" tem com o verbo a que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-lhes os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontra no exemplo da opção:**

a) se seus irmãos quiserem, posso emprestar-lhes meu carro durante o fim de semana;
b) os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outros no mês que vem;
c) eles são nossos amigos; não podemos negar-lhes ajuda em um momento tão difícil;
d) os Romanos crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes de "bárbaros";
e) o policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

23. **(AOCP/Ministério da Agricultura- Assinale a opção em que o termo sublinhado NÃO está corretamente analisado:**

a) "... quando dois terços da reforma agrária eram feitos na Amazônia..." (núcleo do sujeito composto)
b) "... esperava uma regulamentação demorada ..." (adjunto adnominal)
c) "O processo que tinha era o reconhecimento de posse." (predicativo do sujeito)
d) "... a implementação da lei exigia uma série de consultas às entidades..." (complemento nominal)
e) "Organizações ambientais que apóiam a lei reclamam da lentidão da sua aplicação." (objeto indireto)

24. (TCE/AL) O elemento sublinhado tem o valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?
e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

25. (Comiss. Just. Inf. e Juv.) O segmento sublinhado a seguir que tem uma relação estrutural distinta das demais em relação ao termo anterior é:

a) A origem desta famosa frase latina...
b) ... em tempos de perseguições políticas...
c) ... levam à perda das liberdades individuais...
d) ... primeiras palavras de uma célebre lei inglesa;
e) O objetivo deste preceito...

26. (Perito - Pol. Civil) No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

a) o sujeito de *descobrimos* é diferente do sujeito de *vivemos*;
b) a expressão *é que* atua como expressão de realce;
c) *Na doença* indica uma idéia circunstancial de lugar;
d) *que não vivemos sozinhos* é complemento do verbo *ser*;
e) *não* é advérbio de negação ligado a *sozinhos.*

27. "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou encucado." Os termos sublinhados são, respectivamente:

a) sujeito / objeto direto / predicativo do objeto direto
b) objeto direto / sujeito / predicativo do objeto direto
c) adjunto adnominal / objeto indireto / predicativo do sujeito
d) sujeito / objeto direto / adjunto adnominal

28. Assinale a alternativa que apresente caso de aposto:

a) ... bairro Chico Mendes.
b) ... uma casa tem cerca, canteiros verdes...
c) ... uma varanda aberta, acolhedora...
d) ... olhos ávidos, curiosos.
e) ... troncos, sentados lado a lado em esteiras de palha de bananeira

29. Assinale a alternativa em que o termo destacado não **exerça a mesma função sintática que os demais:**

a) A adolescente ... vai florescendo estabanada.
b) ... um nadador principiante.
c) ... tem algo de orquídea que brota exclusiva.
d) ... ela mesma saiu sozinha.
e) ... as sereias se banham e saem perfumadas.

30. Em "seus mecanismos de controle do exercício da profissão", *de controle*, *do exercício* **e** *da profissão* **exercem, respectivamente, função sintática de:**

a) adjunto adnominal – complemento nominal – adjunto adnominal.
b) adjunto adnominal – complemento nominal – complemento nominal.
c) complemento nominal – adjunto adnominal – complemento nominal.
d) complemento nominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.
e) adjunto adnominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.

Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga o povo que fico! (D. Pedro I)

31. (NCE/UFRJ) de todos e da Nação são termos que:

a) determinam o mesmo nome;
b) exercem funções sintáticas diferentes;
c) têm a função de complementos nominais;
d) funcionam como advérbios;
e) funcionam como adjuntos adnominais.

32. (TRT – 2ªR – Técn. Judic.) Para observadores atentos, é uma forte ameaça *à democracia*...

O mesmo tipo de complemento grifado acima SÓ NÃO se repete na expressão também grifada em:

a) ... é o desmonte do conceito de segurança alimentar...
b) ... alimentos indispensáveis ao sustento da população...
c) ... que muitos países da África e da América Latina desenvolvessem sua agricultura...
d) ... na busca da garantia do abastecimento interno.
e) ... associado a políticas demográficas e ambientais.

Gabarito

1. C	9. C	17. C	25. C
2. C	10. D	18. B	26. B
3. D	11. C	19. D	27. A
4. A	12. E	20. E	28. A
5. A	13. B	21. C	29. B
6. D	14. A	22. E	30. B
7. D	15. C	23. A	31. E
8. D	16. D	24. E	32. C

Capítulo 14

Vozes Verbais

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É nessa aula que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa. Vamos lá?

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. Por outro lado, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo... Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nessa frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representado pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo:

- Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa.
- Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (*ser/estar/ficar+ particípio*). Será passiva sintética se apresentar o pronome *se*, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
- Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo *se* será chamado de pronome reflexivo.

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva;
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa;
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar nossa aula sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para vocês resolverem. Vamos lá?

Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (...)
b) (...) detestamos a hipocrisia e a falsidade (...)
c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.
d) As chamadas “regras de convívio” supõem, sempre, algum “mascaramento”.
e) (...) que nos olhe nos olhos (...)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: letra C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.
b) Outro dia recortei da Internet este fragmento de um blog (...)
c) A humanidade não tem jeito.
d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.
e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece*.

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala.* Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.
Os pais devem ser obedecidos.
O jogo foi assistido por todos.
A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:

- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que *não* admitem voz passiva (*ter, haver, poder, querer...*).
- Há verbos transitivos *indiretos* que admitem voz passiva (*obedecer, pagar, responder, assistir...*).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.
b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.
c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.
d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.
e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-

-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto, não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação é agravada pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo grifado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades crescem sem nenhum planejamento.
b) A maior parte da população do planeta já mora em cidades.
c) A vida em cidades depende de normas comuns de comportamento.
d) A população das grandes cidades está sujeita a problemas de trânsito e de violência.
e) Neste ano a população urbana ultrapassará o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (...)
b) É preciso, pois, desenvolver o **ethos** da nação (...)
c) Ele precisa valorizar essa convivência (...)
d) (...) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.
e) (...) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos,

portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem Direta no Período Simples

1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito;
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos;
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais;
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias*. Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...
O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional parece hoje mais estável.
b) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.
c) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.
d) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.
e) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis.*

Resposta: C.

Agora que você já sabe verificar se uma frase admite ou não passagem para a passiva, vamos às questões de reescritura de frases:

Questões que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.
   O professor recomendou **o livro**. (Objeto direto: o livro)
   O livro foi recomendado pelo professor. (Sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:
   O professor **o** recomendou.
   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.
   O professor **recomendou** o livro.
   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.
   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:
   O professor **tem recomendado** o livro.
   *locução verbal de tempo composto

O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

*Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.
   O professor recomendou o livro. (Sujeito: o professor)
   O livro foi recomendado **pelo professor**. (Agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito;
b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa;
c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.
   O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)
   O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.
   O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)
   O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.
locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:
   O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)
   O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa;
b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa;
c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**. Lembre-se de:

1. Destacar, na frase, o *núcleo* do objeto direto, que virará sujeito. <u>Com ele, o verbo deverá concordar.</u>
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. <u>O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal</u>. Lembre-se sempre de <u>somar um verbo</u>: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição *por*, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos às questões?

1. **(TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:**
   a) será gasta;
   b) foi gasta;
   c) está sendo gasto;
   d) será gasto;
   e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "***dinheiro*** é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. **(TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:**
   a) terá sido transmitido;
   b) transmitiram-me;
   c) fora transmitido;
   d) transmitiram-se;
   e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. **(PMSAL) ... a literatura carioca já <u>registrava</u> com frequência o termo samba. Transpondo para a voz passiva, a forma verbal grifada passa a ser, corretamente:**
   a) registrou;
   b) devia registrar;
   c) fora registrado;
   d) era registrado;
   e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto *o termo samba* tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura carioca* vira agente da passiva, mas observe que a banca

nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca.*

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto;
b) não será descoberta;
c) não terá sido descoberta;
d) não é descoberta;
e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados;
b) temos acordado;
c) teremos acordado;
d) seremos acordados;
e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido;
b) pareciam ter sido divididos;
c) tinha sido dividido;
d) tinha parecido dividir;
e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora, está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa

a) Retire o pronome apassivador da frase.
b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica

a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica.
b) Acrescente o verbo auxiliar *ser,* que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona?

7. **(TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, <u>se estão esgotando</u>.**
A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:
a) está para esgotar;
b) vai ser esgotado;
c) estão sendo esgotadas;
d) vinham sendo esgotadas;
e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica.

Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando)*. É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás... estão <u>sendo</u> esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando...

Resposta: C.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

Questões para se identificar a voz da frase

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. **Voz Ativa**: Os homens dirão a verdade. (sujeito agente: *os homens*; objeto direto: *a verdade*)

2. **Voz Passiva Analítica**: sujeito paciente + verbo auxiliar *ser, estar, ficar* + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso exista na frase).

   A verdade será dita pelos homens.

3. **Voz Passiva Pronominal**: verbo transitivo direto + pronome apassivador *se* + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado)

   Dir-se-á a verdade.

4. **Voz Reflexiva**: sujeito + verbo + pronome *se* reflexivo.

   Ela se enganava. (= Ela enganava *a si mesma*)

8. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos";
b) "para se manter ativo";
c) "a fim de que tenha energia suficiente";
d) "se não for atendida essa necessidade";
e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente*. Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A dessa questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador *se* (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.

Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem *valor passivo*. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:

Esperei por você a vida inteira.

A criança *recebeu* o merecido castigo.

Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

9. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"
b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"
d) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado."
e) "a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais..."

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos*/(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

Vejamos algumas questões de concursos anterioes.

1. (TRT – 4ª Região – Técn. Judic.) ... que a mudança de comportamento se deve ao colapso da estrutura familiar dos elefantes...
A forma verbal correta e de sentido equivalente ao da que se encontra grifada na frase acima é:

a) tinha sido devido;
b) deveria ser devida;
c) será devida;
d) foi devido;
e) é devida.

2. (TRT – 4ª Região) ... onde são degradadas por bactérias.
Transpondo-se a frase para a voz ativa, a forma verbal passa a ser, corretamente:

a) degradou;
b) degradam;
c) seriam degradadas;
d) tinham degradado;
e) está sendo degradada.

3. Na oração grifada "Profissões desaparecem, outras são criadas" ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras;
b) cria-se outras;
c) criam-se outras;
d) elas criam outras.

4. Assinale a alternativa em que o termo destacado desempenhe a mesma função sintática que "fica muito claro quando se analisa o resultado da evolução do PIB":

a) ... as exportações puxaram o crescimento.
b) A queda de renda do cidadão é, claramente, a maior causa de tal desempenho.
c) A inadimplência do comprador está num nível baixo, como revelam os dados da Serasa e do SPC.
d) ... a recuperação econômica será lenta e desigual.
e) ... e este 2003 que termina deverá mostrar um movimento parecido com o de 2002.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com o respectivo texto:

TEXTO

No mundo, a instituição previdenciária está em crise. A esperança de vida da população tem-se elevado, aumentando o número de aposentados e a sua permanência como tal; as mudanças tecnológicas diminuíram a quantidade de empregos e, por consequência, de contribuintes, elevando os gastos com auxílio-desemprego. Aumenta-se a despesa, diminuem-se as receitas. A previdência social, não só aqui, mas em toda a parte, está em crise e continuará nesse estado, permanentemente. O seu equilíbrio será instável, necessitando de reparos emergenciais todos os dias.

Aqui, a situação agravou-se. Nunca se fizeram, com seriedade, as reservas necessárias que a ciência atuarial exige, recolhendo hoje e preservando para atender ao compromisso no futuro. Foram concedidas aposentadorias para trabalhadores que nunca contribuíram, pensões para idosos sem fonte de recursos, e dezenas de desvios de recursos destinados a gastos futuros. Literalmente, predominou o saque.

Osíris de Azevedo Lopes Filho. *Correio Braziliense*, 29/01/2003, p. 5 (com adaptação).

5. Os segmentos "Nunca se fizeram" (l. 8) e "Foram concedidas" (l. 10), na voz passiva, têm como correspondentes na voz ativa as formas Nunca foram feitas e concederam-se.

6. O texto utiliza o recurso da voz passiva para apresentar as informações com imparcialidade, especialmente no segundo parágrafo, em que as estruturas "a situação agravou-se" "Nunca se fizeram" e "Foram concedidas" são usadas pelo autor para não assumir uma posição acerca do assunto.

7. Contextualmente, seria correto introduzir a forma verbal houve imediatamente antes de "dezenas" (l. 11).

Gabarito

1. E
2. B
3. A
4. C
5. E
6. C
7. C

Capítulo 15

Período Composto

Antes de mais nada, vamos colocar uns pingos no is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> *Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.*
>
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O Período Composto se subdivide em dois blocos: por Coordenação e por Subordinação. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; por outro lado, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.1. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas

> A diferença entre o Período Composto por Coordenação e o Período Composto por Subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si: adição, adversidade, explicação... Por outro lado, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **Período Composto por Coordenação**, tem-se, portanto, uma **s**equência de orações em que uma oração não exerce função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **Período Composto por Subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma oração é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos ...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto*.)

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

- Orações Coordenadas
  - – aditivas
  - – alternativas
  - – adversativas
  - – conclusivas
  - – explicativas

- Orações Subordinadas
  - – substantivas
    - – subjetivas
    - – objetivas diretas
    - – objetivas indiretas
    - – completivas nominais
    - – predicativas
    - – apostivas
    - – agente da passiva

– adverbiais
- – causais
- – comparativas
- – concessivas
- – condicionais
- – conformativas
- – consecutivas
- – finais
- – proporcionais
- – temporais

– adjetivas
- – restritivas
- – explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*. Mas esse é um assunto de que vamos falar no final da aula.

15.1.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):
Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra/ não mate/ não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

- aditivas – exprimem ideia de soma, adição.
  Ex.: Chegou [e se divertiu.]
  A segunda oração *acrescenta* uma ação à da primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

- adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.
  Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]
  A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

- alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.
  Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância
  Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

- conclusivas – exprimem ideia de conclusão.
  Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]
  A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

- explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.
  Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]
  A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá na aula de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar o valor semântico da conjunção coordenativa que a inicia. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:
(1) oração coordenada assindética;
(2) oração coordenada sindética aditiva;
(3) oração coordenada sindética alternativa;
(4) oração coordenada sindética adversativa;
(5) oração coordenada sindética conclusiva;
(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. *"Foi até a esquina, parou, tomou fôlego."* ( )

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.
Resposta: (1)

2. Penso, *logo existo.* ( )

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.
Resposta: (5)

3. Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.* ( )

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.
Resposta: (4)

4. Venha *e fique à vontade.* ( )

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.
Resposta: (2)

5. Chore, *porque alivia a dor.* ( )

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.
Resposta: (6)

6. Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente.* ( )

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.
Resposta: (3)

7. O filho chegou *e a mãe nem notou.* ( )

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.
Resposta: (4)

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.1.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembra que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) **Substantivas** (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido, pronome** ou **advérbio interrogativo)** e em forma *reduzida* (infinitivo).

- **Subjetivas –** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*Convir, Cumprir, Importar, Urgir, Acontecer, Parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *Sabe-se, Soube-se, Diz-se, Conta-se, É sabido, Estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *É bom, É conveniente, Está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (Convém, Importa, Sabe-se, É sabido, É bom, Está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito *da* oração principal *na* oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.
(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.
(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?
Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:
Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:
Ex.: Está claro / que ela mentiu.
(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:
Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

- **Objetivas Diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]
Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.
(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.
(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

- **Objetivas Indiretas**: exercem a função de objeto indireto.
  Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]
  (or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

- **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.
  Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]
  (or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

  Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]
  (or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

- **Predicativas**: exercem a função de predicativo.
  Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]
  (or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Aqui, vale uma dica:

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um **verbo de ligação**.

- **Apositivas**: exercem a função de aposto.
  Ex.: Havia uma esperança:[que contasse a verdade.]
  (or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada *"que contasse a verdade"* **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob forma de oração.

- **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **POR** ou **DE**.
  Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]
  (or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

> Uma boa dica para se identificar facilmente uma **oração substantiva** é trocá-la por um substantivo ou por *isto* (pronome substantivo);
>
> Após verificar que ela é subordinada substantiva, **faça a análise sintática da oração principal**: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;
(2) objetiva direta;
(3) objetiva indireta;
(4) completiva nominal;
(5) predicativa;
(6) apositiva;
(7) agente da passiva.

1. Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte.* ( )

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: (6)

2. Lembrou-se *de que a reunião fora adiada.* ( )

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: (3)

3. É indispensável *que todos entendam o problema.* ( )

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "*que todos entendam o problema*". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.



(suj.)

Resposta: (1)

4. Tenho a impressão *de que mentiste para mim.* ( )

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: (4)

5. O pai esperava *que o filho reagisse.* ( )

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: (2)

6. O desejo da família era *que se formasse logo.* ( )

Comentários: Temos nesse período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo,o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: (5)

7. Parece *que a decisão foi justa.* ( )

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

↓
(suj.)

Resposta: (1)

8. Peço a todos *que não se atrasem.* ( )

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: (2)

b) **Adverbiais:** modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas **conjunções subordinativas adverbiais (=** orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).
   - **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.
     Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.
     "Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que ...

- **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.
  Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.
  Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

- **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.
  Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.
  Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

- **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.
  Ex.: *Se vieres*, darei a festa.
  Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

- **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.
  Ex.: É inteligente *como o pai*.
  Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Na comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

- **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.
  Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.
  De acordo com a previsão, ele *não compareceu*. Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

- **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.
  Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.
  Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

- **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.
  Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

- **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.
  Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.
  Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar:

As **orações subordinadas adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.) Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal. Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."
or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda /, *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.
or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Esse é um assunto recorrente nas provas, veja algumas questões de concursos anteriores:

1. **(TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)**
   a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.
   b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.
   c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.
   d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.
   e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA)*. Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como <u>oração subordinada adjetiva explicativa</u>. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

2. **(Cespe-UnB – Inca/2010)** ***Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,*** **<u>que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição</u>*****. Mas o seu segredo é um só: a persistência.***
   Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:
   O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

Bem, após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração Adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (*que, quem, o qual etc.)*;

Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente;

Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:
(1) oração subordinada adverbial causal;
(2) oração subordinada adverbial consecutiva;
(3) oração subordinada adverbial concessiva;
(4) oração subordinada adverbial condicional;
(5) oração subordinada adverbial comparativa;
(6) oração subordinada adverbial conformativa;
(7) oração subordinada adverbial final;
(8) oração subordinada adverbial proporcional;
(9) oração subordinada adverbial temporal;
(10) oração subordinada adjetiva restritiva;
(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*? ( )

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: (4)

2. *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão. ( )

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: (9)

3. "Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias." ( )

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: (10)

4. "Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável.*" ( )

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: (8)

5. "Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim." ( )

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que "eu iria escrever".

Resposta: (11)

6. *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano. ( )

Comentários:O fato de "ele estar descontente" não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: (3)

7. *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou. ( )

Comentários:O "mercado se estabilizou" *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: (6)

8. As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram.* ( )

Comentários: É por *causa* de "os juros terem baixado" que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: (1)

9. A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa.* ( )

Comentários: O "silêncio" é a consequência de "a comida estar saborosa", ou seja, foi por causa disso que todos silenciaram.

Resposta: (2)

10. As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens.* ( )

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: (5)

11. Faremos esforço, *para que não haja conflitos.* ( )

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."
Resposta: (7)

12. As roupas *que ia vestir* já estavam passadas. ( )

Comentários: Esse *que* retoma a palavra *roupas*, substantivo, *restringindo* as "roupas passadas". Não eram todas as roupas que estavam passadas, *só* a que ele ia vestir.
Resposta: (10)

13. *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo. ( )

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.
Resposta: (9)

14. Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país.* ( )

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.
Resposta: (11)

15. *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito. ( )

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.
Resposta: (3)

Escolhemos algumas assertivas abaixo retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvemos numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios". Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. **As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.**
Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. **As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.**
Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. **A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.**
Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. **Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.**
Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. **A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.**
Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia mover a família, e outra vez não.

6. **No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.**
O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. **Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.**

Comentários:

Assertiva nº 1:

Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva nº 2:

A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva nº 3:

Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva nº 4:

Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva nº 5:

Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva nº 6:

Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva nº 7:

Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.2. As funções sintáticas do pronome reletivo

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isto: o pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na da oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."
(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)
Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter que detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:

1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, destaque as orações adjetivas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde* indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*". Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel.* Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

Estamos entendidos? Vamos, então, ver como é que você se sai nas questões de concursos?

1. (NCE/Eletrobras/2009) "*Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse*"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

a) sujeito / sujeito;
b) sujeito / objeto direto;
c) objeto direto / objeto direto;
d) objeto direto / sujeito;
e) objeto direto / objeto indireto.

Comentários:

Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei do Oriente*. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras/2010) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) ”... 1994 entrará para a história como o ano em **que** o Brasil mostrou a sua cara...” – ano / adjunto adverbial.
b) “... deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo **que**, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo”... – Terceiro Mundo / sujeito.
c) “... habitante daquele lugar **onde** se matam pobres de fome e crianças à bala.” – lugar / adjunto adverbial.
d) ”Mas a espoleta final, **que** ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País...” – espoleta / sujeito.
e) “... é esse desabrochar da cidadania **que**, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível...” – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria “O Brasil mostrou a sua cara *no ano*”. A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo*. Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos “O irmão siamês do Terceiro Mundo leva o outro irmão consigo”. O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar.* Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final*. Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: “*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira...”. Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar.*

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: “O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível”. A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

15.3. Orações reduzidas

Vamos concluir nosso capítulo com as **orações reduzidas**. As orações reduzidas são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)
Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)
Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)
Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)
Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)
Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

1. **Desenvolva a oração reduzida.**
   *Lembre-se de que *desenvolver uma oração* é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é **substantiva; adjetiva** (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou **adverbial** (com ideia circunstancial).

2. **Classifique a oração reduzida.**
   *Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se portanto de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo.

Assim, teríamos: "Sua palavra foi primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu."

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé."

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que se dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

Vejamos agora questões de concursos anteriores.

1. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.
Considerando-se a estrutura sintática do período acima, é incorreto afirmar:

a) O sujeito comum a todas as orações do período é **a cidade**.
b) O termo **luta** exige um complemento nominal, expresso em *pela sobrevivência pura e simples.*
c) Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.
d) O verbo **dar** exige dois tipos de complementos, ambos expressos na oração em que ele se encontra.
e) Têm a mesma função sintática, nas orações em que se encontram, os termos *o mérito* e *a possibilidade.*

2. (TRT – 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) Não há dúvida de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências ao fazer uso dos meios de comunicação: querem se divertir ou se distrair, querem se informar ou tomar parte em debates públicos.
Considerando-se o trecho acima, é incorreto afirmar:

a) A oração principal do período é *Não há dúvida*.
b) A oração subordinada *de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências* tem função sintática de objeto indireto.
c) As orações que se seguem aos dois-pontos constituem um conjunto de quatro orações coordenadas, formando dois grupos de orações de sentido alternativo.
d) A oração *ao fazer uso dos meios de comunicação* denota noção de tempo, sendo equivalente a quando fazem uso.
e) O sujeito de *querem* – verbo repetido nas orações após os dois-pontos – está anteriormente expresso numa das orações subordinadas do período.

3. (TCE/AL) Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.
No trecho acima, entende-se que *Desamarrar* e *Abrir novos tempos* exercem a mesma função sintática de:

a) a iniciativa de principiar (...)
b) tomar a iniciativa (...)
c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

4. "Eu não acabava de crer que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas."
A oração cujo núcleo verbal é *pudesse converter* classifica-se como:

a) coordenada assindética;
b) coordenada sindética;
c) subordinada substantiva;
d) subordinada adjetiva;
e) subordinada adverbial.

5. Indique a opção em que a reescritura do período "Somos todos corredores naturais, apesar de boa parte de nós ter se esquecido desse fato" NÃO mantém o mesmo sentido com que ocorre no texto.

a) Somos todos corredores naturais, embora boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.
b) Somos todos corredores naturais, mesmo que boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.
c) Somos todos corredores naturais, já que boa parte de nós se esqueceu desse fato.
d) Somos todos corredores naturais, mas boa parte de nós se esqueceu desse fato.
e) Somos todos corredores naturais, porém boa parte de nós se esqueceu desse fato.

6. Indique a opção em que a reescritura apresentada NÃO mantém o mesmo sentido do trecho original:

a) Uma área equivalente – uma área que equivale.
b) Trabalhar duro – trabalhar duramente.
c) Forma de compensação pelos serviços – forma de compensar os serviços.
d) Incentivos de proteção – incentivos protegidos.
e) Recentemente desmatada – recém-desmatada.

7. (NCE-UFRJ/Secr. Min. Educ) Sobre as alterações feitas abaixo nas redações da parte sublinhada no período "<u>Débora Marques e Luíza Naslausky, alunas do 5º período de nutrição, reclamam que as plataformas para candidatos a reitor não foram bem divulgadas</u>", pode-se afirmar que houve alteração de sentido em:

a) ... reclamam não terem sido bem divulgadas as plataformas dos candidatos a reitor;
b) ... reclamam que não divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor;
c) ... reclamam da falta de divulgação das plataformas dos candidatos a reitor;
d) ... reclamam não ter havido boa divulgação das plataformas dos candidatos a reitor;
e) ... reclamam que não se divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.

8. (NCE-UFRJ/Inspetor de Polícia) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça." o comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) Os três *quês* do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a *gente*, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal *vão* deveria ser substituída pela forma *vai*.
d) A forma verbal *vão dar* transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo *raciocínio*.

9. (NCE-UFRJ/Eletrobras) O item que mostra um desenvolvimento inadequado do segmento sublinhado é:

a) "O teste definitivo para você saber..." = o teste definitivo para que você saiba.
b) "Ao saber que estão sendo gravados..." = quando sabem que estão sendo gravados.
c) "Para regravar a mensagem" = para que regrave a mensagem.
d) "Seguem instruções para esperar o bip" = seguem instruções para que se espere o bip.
e) "Como aqueles livros que a gente gosta de ler" = como aqueles livros que a gente gosta que se leiam.

10. (Aux. Cart) Das seguintes transformações de passagens de texto, aquela em que o pronome relativo que passa de objeto direto a sujeito é:

a) "E eu vou ao encontro do que me espera"./ E eu vou ao encontro do que sempre esperei.
b) "Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida." / Não posso perder um minuto do tempo com que é feita minha vida.
c) "Amar os outros é a única salvação individual que eu "conheço."/ Amar os outros é a única salvação individual que é conhecida.
d) "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever"./ Essa capacidade (...) é o que chamam de viver e escrever.
e) "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar"/ Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. (Anal. Judic./TRF) Os pronomes relativos que introduzem as orações a seguir destacadas – "*o primeiro problema que as árvores parecem propor-nos*", "*Num mundo em que todos os seres têm pressa*" e "*Uma composição social que talvez se lhe afigure monstruosamente indiscreta*" – desempenham, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) sujeito-complemento nominal – sujeito;
b) objeto direto-adjunto adverbial – sujeito;
c) predicativo- objeto indireto – sujeito;
d) predicativo- adjunto adverbial – objeto direto;
e) sujeito- objeto indireto – sujeito.

Gabarito

1. A
2. B
3. B
4. C
5. C
6. D
7. C
8. E
9. E
10. C
11. B

Capítulo 16

Concordância Nominal

Concordância Nominal é um assunto que precisa ser sistematizado, para que você não tenha que memorizar uma série de regras. O que mais queremos é que você identifique a lógica dessas regras e naturalmente aprenda, sem precisar decorar muita coisa. E o mais importante: diante de um enunciado de questão de concurso, você precisa pensar rapidamente, em vez de ter que lidar com uma série de informações.

Pensando nisso, dividimos Concordância Nominal em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba brancos/branca.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *branco*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os outros casos da Concordância Nominal. São aqueles casos especiais que aprendemos na escola: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; ser for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha que decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de Concordância Nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio. E, para concluir a aula, apresentamos algumas questões de concursos, para você entender como se trabalham esses assuntos nas provas.

16.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou Gramatical: (Total ou Parcial)

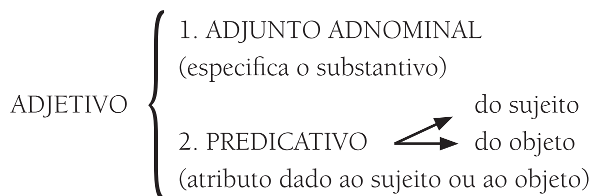
- Atitude e caráter *apropriados / apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número com todos os substantivos ou com o mais próximo).
- *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) **Ideológica:** Silepse

- Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)
  O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.
- A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)
  O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.2. As Funções Sintáticas do Adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!



Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)
(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)
(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.
(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (*olhos negros*). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (*seus olhos* ***são*** *negros*). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (*O povo achou os* ***governantes*** *incompetentes*.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo *governantes*, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

Observe os **casos** e complete as lacunas, observando as concordâncias possíveis.

CASO 1:	(a) Adjetivo na função de *adj. adn. posposto* a dois ou mais substantivos do *mesmo gênero*: Vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo. (b) Adjetivo na função de *adj. adn. posposto* a dois ou mais substantivos de *gêneros diferentes*: Vai para o plural **masculino** ou concorda com o mais próximo.

1) Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*

2) Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*

3) Comprei calça e camisa *novas/nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactos; novas*), com o mais próximo, feminino singular (*intacta; nova*).

4) Defeitos e virtudes *verdadeiros/verdadeiras*.

5) Ação e julgamento *éticos/ético*.

6) Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural (*verdadeiros/éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras* julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

CASO 2:	(a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos: A concordância se faz com o substantivo mais próximo. (b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres: O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

7) *Antigas* revistas e jornais.

8) Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

CASO 3:	(a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto): Concorda com o substantivo a que se refere. (b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*: Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural. (c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*: Vai para o plural dos substantivos.

9) Sua reivindicação é *justa*.
10) É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:

Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:

Homem *triste* / mulher *triste*
Homens *tristes* / mulheres *tristes*

O adjetivo *triste* varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo *inesquecíveis*.

11) A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.
12) Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.
13) Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com <u>todos</u> os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Daí, *gratuitos* no masculino plural. O detalhe é que quando o predicativo do sujeito vem <u>anteposto</u> ao sujeito, como nas frases 12 e 13. Nesse caso, o <u>verbo</u> indica se o predicativo do sujeito concorda com <u>todos</u> os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*) o predicativo também o fará (*Eram gratuit***os**). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*) o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuit*a).

14) Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis/irrecusável*.
15) Encontrei *abertos/aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que quando isso ocorre, o predicativo do objeto, <u>anteposto</u> ou <u>posposto</u>, pode concordar com <u>todos</u> os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

CASO 4:	(a) Se o sujeito *não* vier determinado: O predicativo fica invariável. (b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

16) Vitamina é *bom* para a saúde.
17) Entrada é *proibido.*
18) Esta cerveja é *deliciosa*.
19) A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é permitido*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

Vamos agora a alguns exercícios de fixação:

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes ______________ (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. ______________ atitudes e gestos (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história ______________ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou ______________ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se ______________ (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se ______________ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se ______________ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nessa frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei ______________ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto (*"Deixei meus pontos de vista..."*), já que *"claros"* são *os pontos de vista*, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: *"Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."*

Resposta: claros

9. Comprou frutas, ovos e carne ______________ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos ______________ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.3. Outros casos

Primeiramente, é importante que façamos uma breve revisão das classes gramaticais, com seus respectivos conceitos, porque agora elas são necessárias para que conheçamos as regras de Concordância Nominal.

a) Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

b) Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"... era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*
que caminha para a morte
pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução Adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo abaixo:

"... eu quero que o meu caixão
tenha uma forma bizarra
a forma *de coração*
a forma *de guitarra*"

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o que um adjetivo faz: modificam o substantivo.

c) Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução Adverbial: formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio. Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo sair indicando circunstância de modo: é a locução adverbial de modo.

Atenção: Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Além dos advérbios, existem palavras invariáveis, que aparecem na frase com a função de indicar ideias, não ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, como o advérbio faz, mas a outras informações na frase. São as **palavras denotativas**. Em Concordância Nominal, são comuns as palavras denotativas de **inclusão** (inclusive, até, também, mesmo etc.) e as de **exclusão** (só, somente, salvo, apenas, afora, senão, tirante etc.). Ao estudarem as regras de concordância, vocês verão que, da mesma forma que os advérbios, elas são invariáveis. Veja exemplos:

Até eu entendi a situação dele.

Aqui, o vocábulo até se refere ao pronome reto *eu*, acrescentando-lhe ideia de inclusão. É a palavra denotativa de inclusão.

"Só eu sei as esquinas por que passei."

Nesse caso, a palavra só, que também se refere ao pronome eu, indica valor de exclusão (= somente). É a palavra denotativa de exclusão.

Além dos adjetivos, dos advérbios e das palavras denotativas, para aprendermos as regras de concordância nominal, faz-se necessário também revisarmos um outro conceito: os pronomes indefinidos. Vamos relembrá-los?

d) Pronomes Indefinidos

Têm sentido vago, generalizam. Referem-se a um substantivo ou entram no lugar dele e aplicam-se à 3ª pessoa: alguém, ninguém, algum, nenhum, todo, outro, tanto, muito, certo, vários, quanto, qualquer, tudo, qual, outrem, nada, algo, cada, mais, que, quem, um. Veja os exemplos:

Algum amigo deverá chegar.

Aqui, o pronome indefinido acompanha o substantivo amigo, indicando ideia vaga: ele é um pronome adjetivo indefinido.

Alguém deverá chegar.

Nesse caso, o pronome indefinido substitui o substantivo, também com ideia vaga. É o pronome indefinido substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras grifadas abaixo como substantivo ou adjetivo:

1. Recebeu uma vaia monstro.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de monstro.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu viver é um exemplo para todos.

O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O orgulhoso não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito orgulhoso.

Comentários: Nessa frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.
Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita confiança.

Comentários: *A confiança* que possuía.
Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco confiante.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.
Resposta: Adjetivo.

8. "Não sou propriamente um autor defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto. *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. ... mas um defunto autor." (M. Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*. *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

11. Teve muita calma.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.
Resposta: Substantivo.

12. Extasiou-se com o azul do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.
Resposta: Substantivo.

13. O bicho homem precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.
Resposta: Adjetivo.

14. Deu um drible moleque no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.
Resposta: Adjetivo.

Resumindo:

Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.

Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora, que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos treinar a diferença entre o adjetivo e o advérbio.

Classifique as expressões grifadas como adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial:

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem...

Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: “Vocês falam grosso”.

Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos “os professores saíram sérios”.

Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: “os professores falaram sério”. A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa.**

Comentários: *À toa* qualifica o substantivo *mulher*.
Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: *À toa* refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.
Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.
Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.
Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.
Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:

Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.

Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.

Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

Só falta treinar a diferença entre o adjetivo, advérbio e o pronome indefinido. Lembre-se de que o pronome indefinido também se refere a um substantivo, tal qual o adjetivo, só que indica ideia vaga, generaliza.

Classifique as expressões grifadas como pronome indefinido, adjetivo ou advérbio:

1. <u>Mais</u> trabalho, <u>menos</u> bate-papo!

Comentários: Ambas as palavras referem-se a substantivos, com ideia vaga. Pronomes indefinidos.

2. Mais vale um pássaro na mão que dois voando.

Comentários: A palavra *mais* refere-se ao verbo *vale*.
Resposta: Advérbio de intensidade.

3. Estava cada vez mais triste.

Comentários: *Mais* refere-se ao adjetivo *triste*.
Resposta: Advérbio.

4. Tenho mais canetas do que lápis.

Comentários: Agora, *mais* refere-se ao substantivo *canetas*, indicando ideia vaga. São mais canetas.
Resposta: Pronome indefinido.

5. Ganhas menos do que eu.

Comentários: *Menos* refere-se ao verbo *ganhas*.
Resposta: Advérbio de intensidade.

6. Desta vez cometeste menos erros.

Comentários: Aqui, são *menos erros*. Refere-se a um substantivo, com ideia vaga. Pronome indefinido.

7. Estudei bastante.

Comentários: Bastante refere-se ao verbo estudar, com valor de intensidade.
Resposta: Advérbio de intensidade.

8. Bebi bastante água.

Comentários: Bastante refere-se ao substantivo água. É o mesmo que muita água.
Resposta: Pronome indefinido.

9. Bebi água bastante.

Comentários: Agora, a palavra bastante refere-se à água, mas qualifica, caracteriza, em vez de indicar ideia vaga. É o mesmo que água suficiente.
Resposta: Adjetivo.

10. Certos amigos são indispensáveis.

Comentários: *Certos* se refere ao substantivo *amigos*, indicando ideia vaga. É o mesmo que *alguns amigos*.

Resposta: Pronome indefinido.

11. Utilizava as palavras certas nas ocasiões necessárias.

Comentários: *Certas*, nesse caso, refere-se a *palavras*, qualificando o substantivo. É o mesmo que *palavras exatas*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo: Tanto o adjetivo como o pronome indefinido referem-se a substantivos. A diferença entre eles é meramente semântica. Enquanto o primeiro qualifica, caracteriza, o segundo indica ideia vaga, generaliza.

Vamos sistematizar?

Classes Variáveis:	**Classes Invariáveis:**
Adjetivos	Advérbios
Pronomes	Palavras Denotativas

Agora, que você já tem uma boa base para a diferenciação das classes gramaticais nas frases, vamos conhecer as outras regras de Concordância Nominal. E não se esqueça do mais importante: evite memorizar, entenda o porquê de cada caso.

CASO 5: Plural do Adjetivo Composto	(a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*: O 1º elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere. Obs.: (1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis. (2) surdo-mudo: variam os 2 elementos. (b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*: Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

20) Amizades *luso-brasileiras*.
21) Todas usavam saias *vermelho-claras*.
22) Assisti a reuniões *político-sociais*.
23) Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24) Comprou dois ternos *azul-marinho*.
25) Raios *ultravioleta*.
26) Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).
27) Adorava tecidos *verde-limão*.
28) Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.
29) Blusas *laranja*.
30) Sapatos *cinza*.
31) Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*, *amarelas*, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

CASO 6:	Mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado,incluso, leso, junto, tal: Concordam com o nome ou pronome a que se referem. Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

32) Elas *mesmas* não sabiam a questão
33) Ela *própria* escreveu o bilhete.
34) Enviou-lhe *anexas/em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.
35) Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração
36) Estamos *quites* com todos vocês.
37) Muito *obrigada*, respondeu a moça.
38) Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.
39) Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.
40) Ana e Rosa saem sempre *juntas*.
41) Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal* e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

CASO 7:	(a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta: Ficam invariáveis (b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro: Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

42) Compareceram *menos* pessoas que o esperado.
43) Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.
44) Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.
45) Os soldados continuavam *alerta.*
46) São duas criaturas *monstro*.
47) Um e outro *remédio* eram necessários.
48) Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo-se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase:

"Naquele momento, todos tinham os sentidos *alertas*".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar na nossa aula de Concordância Verbal.

CASO 8:	Só, meio, bastante, caro, barato: Concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis. Obs.: *A sós*: fica invariável.

49) *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.
50) Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.
51) Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.
52) As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. Por outro lado, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável. Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53) Traga-me *meia* caneca de café.
54) Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55) Eu não o vejo há *bastantes* dias.
56) Havia livros *bastantes* naquela estante.
57) Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.
58) Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Vamos sistematizar?

Só pode ser adjetivo (= *sozinho*) ou palavra denotativa de exclusão (= *somente*). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.

Meio pode ser numeral (= *metade*) ou advérbio (= *um pouco*). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.

Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= *suficiente*). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59) Aquelas roupas estão *caras/ baratas*. (caro/barato)
60) Os gêneros alimentícios permanecem *caros/baratos*.
61) Os gêneros alimentícios custam *caro/barato* ou *caros/baratos.*

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. Por outro lado, pode-se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro/barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros/baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro/barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

CASO 9:	(a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante. (b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere. (c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

Comentários:

62) Comportamentos o mais insensatos *possível*.

63) Comportamentos os mais insensatos *possíveis*.

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis*

Atitudes *as* mais modestas *possíveis*

Com o plural *os/as mais*, *os/as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64) Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm-se, então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

74) *Haja vista* o resultado.

75) *Haja vista/Hajam vista* os resultados.

76) *Haja vista* dos resultados.

77) *Haja vista/Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 74 a 77. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist***o** o resultado". Na frase 75, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 76 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 77 apresenta a mesma lógica da 75: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

CASO 10:	Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos: Os adjetivos ficam no singular.

Comentários:
78) As literaturas *portuguesa* e *brasileira*.
79) Comunica-se nas línguas *inglesa*, *francesa* e *alemã*.
80) A literatura *portuguesa* e a *brasileira*.

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 78 e 79, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 80, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Vamos treinar?

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta:

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele. Errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar. Por isso, a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários:*Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*. Assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis". Errada, portanto, a frase.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular. A frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais"). Frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*. A frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo. Frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*. Como advérbio, não deve variar. A frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável. Por isso, a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas). A frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável. Assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*. Parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável. Frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível." Frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários:*Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo. Frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão. A frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está. Frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*. Frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural. Frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*...

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável. Frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*." *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo. A frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele. Frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos." Portanto, a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome. Frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso está no masculino singular. A frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Mas está certa. Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar. A frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso". Frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou. A frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

Finalmente, algumas questões de concurso de bancas variadas:

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.
b) Mesmo ela não compreendeu a questão.
c) Os mesmos carros foram vendidos.
d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.
e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A Concordância Nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Essa questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria *"Ela falava consigo mesma"*.

Resposta: E.

2. (Petrobras/2010) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.
b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.
c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.
d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.
e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a *"senhora"*, erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, *"Haja visto"* está errado, pois o termo é vista, sempre. A letra D mostra o adjetivo *"feliz"* no singular se referindo a *"eles"* no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras/2010) Na passagem "...somos responsáveis por nós mesmos;", o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.
b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.
c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.
d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.
e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra *"bastante"* se referindo a *"pessoas"*, que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, *"meio"* e *"caro"* são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo *"só"* com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta *"visto"* de uma forma errada, pois na expressão *"Haja vista"* essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;
b) as séries primeira e segunda do ensino médio;
c) os idiomas francês e inglês;
d) os jornais paulista e carioca da atualidade;
e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Essa questão exemplifica o caso de concordância em que temos **um** substantivo modificado por **dois** adjetivos (caso 10), em que, pelo **sentido** exigir, os adjetivos têm de ficar no singular (*"povos"* existem vários, mas só **um** é egípcio, só **um** israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe **mais de um** jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.
b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.
c) Uma pequena parte do texto é compreendido.
d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.
e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, *"estranho"* se refere a *"pesquisa"*, então estaria errado (*"...considero a pesquisa dos universitários estranha*). Na B, o *"empréstimo"* é que foi *"feito"*. Na C, a *"parte"* do texto foi *"compreendida"*. A letra D traz o adjetivo *"rasgados"* concordando com *"textos"*, o que também caracteriza um erro, pois *"rasgadas"* seriam as *"páginas"*. Na opção E, *"clara"* é a *"posição"*, concordância correta.

Resposta: E.

Capítulo 17

Concordância Verbal

17.1. Tipos de Sujeito

O princípio básico, na concordância verbal, é o de que, para todo verbo, temos que achar um sujeito. Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. **simples**: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

   Ex.: O economista fez uma intervenção./ Os economistas fizeram uma intervenção.

2. **composto:** aparecem dois ou mais núcleos.

   Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. **indeterminado:** representado de duas formas:

   a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

      Ex.: Pediram silêncio.

   b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

      Ex.: Trabalha-se muito aqui.
      (verbo intransitivo)

Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. **oração sem sujeito**: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

   Os casos mais comuns:

   - expressões indicando fenômenos da natureza;
   - verbo haver (= existir, ocorrer);
   - verbos indicando tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.
Na ordem direta, teríamos: *"A noite começava a cair."* O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a **"noite"** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.
Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.
O verbo na 3ª pessoa do plural, nessa frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.
O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.
Qualquer verbo indicando fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.
Quando o verbo *"haver"* aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.
Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo indicando tempo passado, decorrido. Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

CASO 1:	**Sujeito simples:** representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1) Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.
2) Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.
3) O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que *"os aplausos"* é que *"faltaram"*. Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, *"três horas deram/bateram/soaram no relógio"*, ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, *"O relógio deu/bateu/soou três horas"*.

4) Hão de existir limites justos.
5) Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites/deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir/deslizamentos podem ocorrer*).

6) Preencheram-se as requisições.
7) Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 (*"Preencheram-se as requisições"* equivale a *"As requisições foram preenchidas"*) traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por *"foram preenchidas"*, voz passiva analítica. Na 7, *"verificou-se a queima"* equivale a *"a queima foi verificada"*. Para nós, essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

CASO 2:	**Sujeito composto**: representado por dois ou mais núcleos. a) Anteposto ao verbo: verbo no plural. b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo. Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

8) O pai e a mãe compareceram à reunião.
9) Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.
10) Tu, ela e eu saímos.
11) Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9),

pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

CASO 3:	a) Sujeito indeterminado pela partícula se: o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular. b) Verbos impessoais: (verbos indicando fenômenos naturais, haver (=existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

12) Obedeceu-se às ordens.
13) Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.
14) Deve haver limites justos.
15) Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.
16) Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "*Obedecer a*". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos.../Vai para...). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

CASO 4:	**Sujeito oracional:** aparece em certas construções como: 1) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa... 2) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro... 3) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se... Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

17) Parece/que ela chega hoje.
or. princ. or. subjetiva

18) Convém/insistir no pedido.
    or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)
19) Está claro/que todos reconhecerão o erro.
    or. princ. or. subjetiva
20) Sabe-se/que eles mentiram.
    or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora, vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Em (17) *"Parece que ela chega hoje"*, não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Em (18) *"Convém insistir no pedido"*, temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim *"Insistir no pedido convém"*, (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, *"Isto está claro"*.

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

17.2. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo ser concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1) A casa era/eram ruínas.
2) Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3) Maria era as alegrias da casa.
4) Meu orgulho são os meus filhos.
5) Ela era os meus sonhos.
6) O médico aqui sou eu.

c) Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: O verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7) Quem são os interessados?
8) O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, se divide em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9) Dez mil dólares é pouco.
10) Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11) Eram nove horas quando ele chegou.
12) É uma hora e quinze.
13) Hoje são 12 de abril.
14) Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Em 9 e 10, o verbo **ser** não varia com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de horas, datas ou distâncias vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular (frase 12). Na frase *"Hoje são 12 de abril"* há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: *"Hoje é dia 12 de abril"*.

Vamos treinar Concordância Verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada:

1. Nos últimos 50 anos, ___________ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que *"fatos ocorreram"*, sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____________ 50 anos que os índices de felicidade _____________ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo *"haver"*, nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna *"índices"* é sujeito da locução verbal *"vêm aumentando"*. Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, __________ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a *"As possibilidades foram acentuados"*, voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____________ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – " *que as pessoas encontrem a felicidade é possível"*, ou seja, *"Isto é possível"*. Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____________ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários:O sujeito composto *"meu irmão e meu sobrinho"* aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____________ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é *"disseminação"*.

Resposta: constitui.

7. Aquilo ________ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: **é** ou **são**.

8. Os representantes _________ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _______ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. ________ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. ________ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas aparecer no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: (10) Era; (11) Eram.

Após o estudo de Concordância Verbal Parte I – tipos de sujeito, vamos conhecer os outros casos de concordância. Procure entender a lógica de cada regra para que você não tenha que decorar muitos detalhes. Estatisticamente esta é a parte de concordância que mais aparece nas provas. Vamos lá?

17.3. Casos especiais

CASO 4:	Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural. **Obs. 1**: Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo. **Obs. 2:** Se a expressão iniciada por **com** vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

1) A carta com o anexo *está extraviada/estão extraviados*.
2) O guarda, com os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isto: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase " A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com** não vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes". (Você vai aprender na aula de Análise Sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo só pode concordar com o primeiro núcleo.

> **Resumindo:** Com substantivos ligados pela preposição **com**, pense da seguinte forma:
> **A expressão iniciada pela preposição <u>com</u> não vem entre vírgulas**: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro).
> **A expressão iniciada pela preposição <u>com</u> vem entre vírgulas**: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

CASO 5:	a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo). b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

3) Jovens, trabalhadores, empresários, ninguém *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4) Cada criança, cada homem, cada mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

CASO 6:	Sujeito composto ligado por **ou**: Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo. a) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

5) Pedro ou João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6) O responsável ou os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7) Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

CASO 7:	a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular. b) Sujeito formado pelas expressões um e outro, nem um nem outro, nem ... nem...: verbo no singular ou no plural.

8) Um ou outro estilo *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9) Uma e outra forma me *fascinam/fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10) Nem um nem outro *comentou/comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que <u>*ninguém*</u> *comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não <u>e</u> outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo: **Um ou outro**: verbo no singular. **Um e outro**: verbo no plural ou no singular. **Nem um nem outro**: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

CASO 8:	a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo. b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular. Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11) Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12) Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13) Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14) O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas, na frase 13, os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

CASO 9:	a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo. b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**. c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15) O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16) A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17) Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18) Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

CASO 10:	a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular. b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19) Qual de vós *encontrará* a solução?
20) Quais de nós *votaram/votamos* conscientemente?
21) Nenhum de nós *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

CASO 11:	a) O sujeito é a expressão mais de um: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural. b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de**, etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22) Mais de um aluno *obteve* boa nota.
23) Mais de um policial, mais de um bandido *foram mortos*.
24) Mais de um torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 nos mostra que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25) Cerca de três alunos chegaram.

26) Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

CASO 12:	a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome. com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente. b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27) Fui eu que *li* a carta.

28) Fomos nós quem *lemos/leu* a carta.

29) Aquele romance foi um dos que mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu/que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada na aula de Período Composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

... **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós/quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que, aqui, trata-se do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):

Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.

Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do **quem** (nesse caso, **quem** é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome **quem** (aí, **quem** será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso, que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão **um dos que**, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o **que** retomaria **um**, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do **que** for o pronome **os**).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.4. Silepse (concordância ideológica)

Agora que estudamos todos os casos de concordância, vamos conhecer a Silepse. A Concordância Ideológica, ou Silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de Concordância Rígida. Os que vamos ver agora são de Concordância Ideológica ou Psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático".

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse não é erro gramatical: trata-se de mero desvio da rigidez das regras de concordância, verbal ou nominal. Só evite abusar desse recurso em redações, pois o professor pode não acreditar que você tenha cometido silepse, e sim um erro gramatical. E, aí, até que sejam provadas suas reais intenções...

Vamos treinar?

Quanto à Concordância Verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram. Pilhas estavam chovendo.* Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo.*

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio"). Por isso, o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze."

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*. Por isso, a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural. A frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural. O certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular. Frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular. Frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.
Frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias estão jogadas ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias* que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria". A frase está certa,

mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor... Frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras ficam no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo. A frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos são um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo. Frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos está madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros". Frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*. Frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*. A frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%. Frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*. Frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*. Frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2000.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele. Frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2000.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*. Frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará...". Frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?" Frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu..., menos de duas peras foram comidas". Frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com d**os**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*. Frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural. Frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*. Frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos. Frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural. Frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural. Frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece...". Frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural. Frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular. Frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural. Frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando no singular. Frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro. A frase está certa e teria outra possibilidade de concordância ("esteve").

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular. Frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*. Frase errada.

Por fim, vamos às provas. FCC, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de Concordância Verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa das questões, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.
b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.
c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.
d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.
e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome *"quem"* como sujeito do verbo esbanjar, portanto verbo no singular (... *quem esbanjasse*...). Na B, o verbo *"haver"* é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador (*"Alimentavam-se muitas ilusões"* é o mesmo que *"Muitas ilusões eram alimentadas"*, verbo no plural. Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos ____________ muitos gritos.
De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu.
b) houve.
c) houveram.
d) ouviu-se.
e) percebeu-se.

Comentários:

Nessa questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E). Como o sujeito é *"muitos gritos"*, esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo *"haver"* é impessoal, equivale a *"ocorrer"*, por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.
b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.
c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.
d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.
e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é *"Mais de um jornal"*, cujo núcleo é *"jornal"*, verbo no singular. (*"Mais de um jornal comentou..."*). Na letra B, a ordem direta da frase seria *"Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem"*, verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra C traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de exclusão (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam.

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.
b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.
c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.
d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.
e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nessa questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto *"A maioria dos profissionais já viveu..."*. Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de *"viveu"* – concordando com o núcleo *"maioria"* – poderia vir *"viveram"* – concordando com *"profissionais"*.

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionarem. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é *"reparação"*, singular (*A reparação... é possível*). Na C, *"as falhas são investigadas"* (*"Investigam-se as falhas"*). Na letra E, o sujeito é o número de horas (*"Oito horas soaram no relógio"*).

Resposta: D.

5. Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.
b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.
d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.
e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E, os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas.*

Resposta: C.

Seguem algumas questões de concursos anteriores (gabarito ao final).

1. **Única frase errada:**
   a) Já estou quite das minhas obrigações.
   b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
   c) As cópias estavam conformes com os originais
   d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
   e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. **"A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."**
   Se reescrevemos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:
   a) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
   b) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
   c) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
   d) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
   e) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

3. **O item em que concordância é aceitável na norma culta é:**
   a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.
   b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.
   c) Uma pequena parte do texto é compreendido.
   d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.
   e) Os filósofos parece condenarem o ceticismo.

4. **No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:**
   a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;
   b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;
d) os jornais paulista e carioca da atualidade;
e) os territórios brasileiro e argentino.

5. A língua portuguesa e os conhecimentos matemáticos nem sempre estão de acordo. A frase abaixo em que a concordância verbal contraria a lógica matemática é:
a) Cinquenta por cento da torcida brasileira gosta da seleção.
b) Mais de três jornalistas participaram da entrevista.
c) Menos de dois turistas deixaram de participar do passeio.
d) São 16 de outubro.
e) Participaram do congresso um e outro professor.

6. "Para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção ERRADA com o vocábulo MESMO é:
a) Nós mesmos fomos até lá.
b) Mesmo ela não compreendeu a questão.
c) Os mesmos carros foram vendidos.
d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.
e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

7. (TC/PB) *... analisa medidas para proteger os altos-mares...*
A palavra composta que faz o plural da mesma forma que a grifada acima está também grifada na frase:
a) Ave oceânica e migradora, o albatroz-de-nariz-amarelo é encontrado no litoral do Sudeste e do Sul do Brasil.
b) O leão-marinho é uma das várias espécies ameaçadas de extinção, por danos provocados a seu habitat.
c) O peixe-boi-da-amazônia é um mamífero encontrado em rios e lagoas dessa região brasileira.
d) Andorinha-do-mar é o nome dado a uma espécie de aves marinhas, conhecida popularmente por trinta-réis.
e) Temida pelos efeitos de seu ataque, a arraia-de-fogo aparece tanto no Brasil quanto no Paraguai.

8. (ANS – Especialista) Está correta a concordância estabelecida em:
a) Será necessário análises mais detidas de cada uma das óperas mencionada.
b) Diante das potências estrangeiras que nada lhes poderiam facilitar, a Itália deixa manifesto na *Norma* sua ânsia por liberdade.
c) Nas óperas românticas, servem de pesos inconscientes, postos que até então desconhecidos, laços, geralmente ocultados, de naturezas mais pessoais.
d) Deveriam haver argumentos para sustentar que a *Traviata* procede do mesmo modo que a *Norma*.
e) Sempre se desejaram pátrias livres, fossem elas Gália e Itália ou quaisquer outras.

9. (TRF – 4ª) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.

d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

10. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) A observação do movimento que os astros descrevem no céu permitiram aos povos antigos prever alguns fenômenos climáticos.
b) Estatuetas muito antigas, como a descoberta na Alemanha, permite comprovar o conhecimento do homem primitivo a respeito dos astros.
c) Observações e predições aparentemente simples, com o passar do tempo, foram dando lugar a um sistema padronizado que dividia o céu em doze signos do Zodíaco.
d) Os conhecimentos que o homem primitivo tinha do céu permitiu-lhes plantar e colher alimentos no tempo certo destinado para isso.
e) O trajeto dos astros no céu estabelecem as estações do ano, conhecimento necessário para o desenvolvimento da agricultura.

11. (TRF – 4ª Região – Técn. Judic.) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.
b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.
c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.
d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.
e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

12. (MPU) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O prejuízo econômico decorrente de problemas ambientais causado por espécies invasoras ultrapassam cifras enormes, em vários países.
b) Os pinheiros, que veio da Austrália para o litoral, para servir de sombra e de quebra-vento, ocupou o espaço de espécies nativas da Mata Atlântica.
c) Espécies exóticas comportam-se como um hóspede que invade uma residência, alimenta-se do que encontra e acaba expulsando o próprio dono.
d) Entre as gramíneas trazidas da África para a formação de pasto para os rebanhos, estão o capim-annoni, resistentes às geadas, e que inibem o crescimento de outras palavras.
e) A abelha-africana foi importada na década de 50 para melhoramento genético da apicultura, mas escapou algumas rainhas e se espalhou por todo o continente.

13. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Nesse ecossistema pode ser encontrado algumas espécies de mamíferos que vão lá em busca de alimento e também na época do acasalamento.
b) Algumas espécies de peixes, que vem para o manguezal para se reproduzir, volta para o mar ou para os rios quando atinge a idade adulta.
c) Os caranguejos são a espécie mais comum nos manguezais, pois passam grande parte de sua vida em troncos e nas raízes, ou escondidos na lama.

d) Muitas espécies de aves, como a garça, utiliza os manguezais para alimento e reprodução, assim como as aves migratórias, como local de descanso.
e) Quando os camarões crescem, após sua fase larval e juvenil, aproveita o vaivém das águas das marés para se deslocar rumo ao oceano.

14. (ANS – Técnico) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.
b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.
c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.
d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.
e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

Gabarito

1. E
2. B
3. E
4. D
5. C
6. E
7. B
8. E
9. C
10. C
11. A
12. C
13. C
14. A

Capítulo 18

Regência Verbal

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que esse assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões de concursos. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final da aula, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º GRUPO: Verbos que quanto à predicação normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem proposição obrigatória); **ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir** (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); **agradar** (= ser agradável), **obedecer, desobedecer, proceder** (= dar início), **referir-se, suceder** (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (**com** e **sem** preposição); **avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir** (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo:

1) Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.
2) Você está namorando a Beatriz?
3) Todos esperavam Guilherme.
4) Todos esperavam por Guilherme.
5) Referiu os últimos acontecimentos.
6) Referiu o caso à mãe.

Comentários (essas frases apresentam verbos do 1º GRUPO):

Em (1) o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos na aula de Pronomes, os oblíquos átonos o (s), a (s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe (s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Em (2), o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases (3) e (4), o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: 3 C; 4 C.

Nas frases (5) e (6), o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase (5) é T.D. e na frase (6), T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: 5 C; 6 C.

7) Agradava os clientes mais próximos.
8) Costumo obedecer parceiros éticos.
9) É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.
10) Artur procederá a leitura da página oito.
11) O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.
12) Sucedeu o professor.

Comentários (essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º GRUPO):

Na frase (7) **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase (8) traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase (9), *"... obedeçam às diretrizes"*, é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** (10) e (11), achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase (10), como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos *"Artur procederá à leitura..."*.

Resposta: E.

Já na frase (11), a preposição a aparece (“... *procedeu ao levantamento*...).

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase (12). Teríamos, então, “*Sucedeu ao professor*”.

Resposta: E.

13) Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.
14) Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.
15) Informou ao cliente de que o aviso chegara.
16) Cientificaram-no de que o cheque foi pago.
17) Proibiu ao filho que o visitasse.
18) Prefiro mais a cidade do que o campo.
19) Prefiro a democracia ao totalitarismo.
20) Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários (1º GRUPO – **Verbos Transitivos Diretos e Indiretos**):

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos aparecem com duas preposições, por exemplo, “**informar/avisar** a alguém de alguma coisa”, o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases (14) e (15) estão erradas e a (13), correta. Poderíamos dizer na (14): “*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa*... (objeto direto)” – certificar a alguém algo -ou “ *Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa*... (objeto indireto) – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o**(s), **a**(s), como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe**(s), *objetos indiretos*.

Na frase (13), um complemento é direto e o outro – avisaram alguém de algo –, seguindo a regência desse verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases (16) e (17) seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: “*certificar alguém de algo*”; “*proibir a alguém algo*” ou “*proibir algo a alguém*”.

Resposta: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir – é indiferente usar **coisa** ou **pessoa** como objeto direto ou objeto indireto.
Podemos dizer: “*Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo a alguém* ou *alguém de algo.*
O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos “*Prefiro a*

cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria *"Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções"*.

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

A questão a seguir apresentou dois verbos que admitem dois complementos: um sendo objeto direto e o outro, indireto, nas letras C e E. Observe:

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.
b) Fomos à cidade pela manhã.
c) Informou ao cliente que o aviso chegara.
d) Respondeu à carta no mesmo dia.
e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2º GRUPO: Verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.
• CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar) • MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM) • PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A) • SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A) • USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21) Fomos na cidade pela manhã.
22) Chegou ao alto da colina.
23) Cheguei no colégio atrasado.
24) Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões

indicando **lugar**. Logo, na frase, (21), a forma correta seria *"Fomos à cidade..."* (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase (22) está correta (chegar a). Na frase (23) seria *" Cheguei ao colégio..."*.

Repare agora que na frase (24) o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25) Moro à rua dos Lírios.
26) O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.
27) Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição a, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; *"Moro na rua dos Lírios"* e *" O colégio São Martins, sito na rua da União..."*.

A frase (27) segue a norma padrão: *"Resido na rua..."*

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar **direção, destino**, deverá vir seguido da preposição A:
Fui ao cinema./ Cheguei a casa./ Dirigi-me ao escritório.
Se o verbo ou o nome indicar **posicionamento, localização**, deverá vir seguido da preposição EM:
Estou em casa./ Moro no bairro./ Escritório situado na rua México.

28) Carlos presidiu a reunião.
29) Carlos presidiu à reunião.
30) Satisfez os desejos de sua mãe.
31) Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir, satisfazer, usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases (28) e (29), *"presidir a ..."* e *"presidir à..."* estão corretas, assim como as frases (30) e (31). Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, *"Satisfez aos desejos..."* e *"Usufruiu das coisas.."*. Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: *"Desfrutou as coisas..."* ou *"Desfrutou das coisas..."*.

3º GRUPO: Verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.	
ASPIRAR →	T.D. (= inspirar,sorver)
	T.I. (= almejar, desejar)
ASSISTIR →	T.I. (= ver, presenciar; caber, competir)
	T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência)
	INTRANSITIVO (= morar)
ATENDER →	T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa)
CHAMAR →	T.D. (pedir presença, convocar)
	T.I. (pedir ajuda)
	T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar)
CUSTAR →	T.I. (ser difícil)
	INTRANSITIVO (ideia de preço)
ESQUECER /LEMBRAR →	T.D. (não pronominais)
	T.I. (pronominais)
IMPLICAR →	T.D. (= acarretar)
	T.I. (= aborrecer, importunar)
	PRONOMINAL (prep. em)
PAGAR/PERDOAR →	T.D. (= coisa)
	T.I. (= pessoa)
	T.D.I.
QUERER →	T.D. (= ter vontade de, desejar)
	T.I. (= amar, estimar)
RESPONDER →	T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde)
	T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)
SERVIR →	T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço)
	T.I. (= ser útil, convir)
	T.D.I. (oferecer algo a alguém)
	Intransitivo (= prestar serviços militares)
VISAR →	T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto)
	T. I. (= pretender, desejar)

32) Quando era pequeno, todos implicavam comigo.
33) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
34) Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.
35) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
36) Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º GRUPO, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases (32) a (36), o verbo é **implicar**. Na (32), **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – *"implicar com"*). Em (33), (34) e (36), esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – *"implica gastar.."*). A frase (35) mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

> **Importante:** Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo **implicar** (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição **em** (*isso implica em aumentos diários*) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais *liberal* em relação a esse assunto.

37) Chamei Antônio de desonesto.
38) Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – *"chamei o funcionário*) ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – *"chamou por Deus"*) não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção, pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – *"chamei a Antônio..."* ou *"chamei Antônio..."*). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases (37) e (38):

(37)

1) Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)
2) Chamei Antônio de desonesto.
3) Chamei a Antônio desonesto.
4) Chamei a Antônio de desonesto.

(38)

1) Chamei-o ignorante.
2) Chamei-o de ignorante.
3) Chamei-lhe ignorante.
4) Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: *"desonesto"*, *"de desonesto"*, *"ignorante"*, *"de ignorante"* **não** são objetos. São termos que **qualificam**, **caracterizam** o objeto (predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39) Não assistimos nenhum programa.
40) Esse direito não assiste ao servidor.
41) A enfermeira assistia o doente.
42) Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase (39), com o sentido de ver, presenciar, e na (40) com o sentido de caber, competir, rege preposição a (*"Não assistimos a nenhum programa"* e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase (41), pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer (*"A enfermeira assistia o doente ou ao doente*). Na (42), embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43) Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.
44) Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.
45) Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.
46) Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase (46), o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto (*"lembrar a alguém alguma coisa"*).

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47) Respondeu à carta no mesmo dia.
48) Respondeu o diretor.
49) Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase (47), aparece a preposição a (*"Respondeu à carta"*), mas na (48) isso não ocorre. Não é *"respondeu o diretor"* e sim *"Respondeu ao diretor"*). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto (*"Respondeu a carta ao diretor"*).

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50) Ainda não paguei o médico.
51) Pagou os impostos./ Perdoou a dívida.
52) Perdoou o inimigo./ Pagou o empregado.
53) Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase (50), médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição (*"paguei ao médico"*). Na (51), temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na (52), o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto (*"Perdoou ao inimigo"* e *"Pagou ao empregado"*). Na (53), o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54) O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.
55) Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e CESPE/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D.> ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido... C.
– Não gostava de atender o telefone. C.
– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência] C.

Respostas: 54 C; 55 C.

56) Ia para a montanha para aspirar o ar puro.
57) Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar (*"Aspirava a um cargo público"*). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto (*"Ia para a montanha para aspirar o ar puro"*).

Respostas: 56 C; 57 C.

58) Eu custei a acreditar na tua história.
59) Custou-me acreditar na tua história.
60) O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase (58) mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "*Eu custo a...*". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois *"eu não custo nada"*, não tem sentido.

A forma considerada correta é *"Custou-me acreditar..."* ou, usando um nome no lugar do pronome, *"Custou ao pai acreditar na tua história"*, já que o que custa, é difícil, é *"acreditar na tua história"*, ou seja, *"Acreditar na tua história custou a mim papai"*.

Já na frase (60), com a ideia de preço, não há preposição (*"O livro custa trinta reais"*).

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61) O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a (*"... queria ao pai"*).

Resposta: 61 C.

62) O empregado serviu o almoço.
63) Serviu-me uma bebida.
64) É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase (62), **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em (63), com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I. na 964), *"É uma solução que não* ***lhe*** (objeto direto) *serve"* traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65) O diretor visou os cheques.
66) O policial visou o alvo.
67) Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases (65) e (66), respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na (67), no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a (*"Esta medida visa ao bem de todos"*), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição (*"... visa ao bem..."* ou *"visa o bem..."*), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68) O escravo ama e obedece a seu senhor.
69) Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases (68) e (69) ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.
– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:

– Assisti e gostei do filme E.

(Assisti a ... gostei de)

Por isso, o certo é dizer:

"Assisti ao filme e gostei dele."

Vamos treinar esses verbos do 3º grupo em questões de concursos anteriores.

1. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.
b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.
c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.
d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.
e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção desusada, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira./ Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira./ Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E, está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

2. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Meu pai perdoou ao pai.
c) Lembrou ao amigo que já era tarde.
d) Vi-lhes os olhos na festa.
e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos <u>à mesa</u>". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

3. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.
b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.
c) Não nos admirava ou obedecia.
d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

Por outro lado, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

4. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.
b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.
c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.
d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.
e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições

distintas (*discordar* de e *concordar* com). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*.

A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer:

... só o faz o (= aquilo) de que gosta.

A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer:

... um poder de que as nações soberanas não abrem mão.

A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...*

A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.)*.

Resposta: D.

5. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.
b) O injustiçado responde às calúnias.
c) Os soldados responderam às balas.
d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.
e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para se trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

6. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de <u>CUJO</u> não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Essa questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("... vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem* ***em***. Na B, organizando, teríamos:

"Há lições de vida **n**as páginas do livro".

Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas...".

Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("... a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor").

Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase **– ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

7. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _________ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)
b) A alfabetização funcional, _________ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)
c) A alfabetização funcional, _________ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)
d) A alfabetização funcional, _________ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)
e) A alfabetização funcional, _________ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

... a escola deve-se preocupar com.

... a escola deve refletir sobre.

... a escola deve ser responsável **por**.

... a escola deve cuidar de.

... a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

8. (Esaf) Assinale o item que apresenta <u>erro</u> de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.
c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.
d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.
e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na letra A, “esconde e omite o essencial” (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, “consumado no” e “transformar o esporte... em negócio” seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto (“atingimos o ideal...”). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos:

“(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso”.

Por isso, o certo seria dizer: “... para o jogo perigoso **a** que se entregam”.

Resposta: E.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.
b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.
c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.
d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.
e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. (“Informei-a de que o período...”). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto (“Assistia **à** derrota...”). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** (“... chegou **a**o seu limite”). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto (“... todos reivindicam tranquilidade”). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto (“A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

10. (Petrobras/2010) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem lembrou-se a infância ao ver a criança.
b) Depois de algum tempo, pagou o seu amigo o que devia.
c) Boas ações implicam benefícios futuros.
d) Os inimigos aspiravam a derrota de alguém vulnerável.
e) De um modo geral, respeitava aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("... pagou **a**o seu amigo..."). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto ("...implicam benefícios futuros"). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto ("... aspiravam **à** derrota..."). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto ("... respeitaria os princípios...").

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo **respeitar** com a regência do verbo **obedecer**. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim:

Respeite os seus pais e obedeça a eles.

11. (Banco Central/2010) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal;
b) regência verbal;
c) concordância nominal;
d) concordância verbal;
e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem "... assistir os debates...", porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Capítulo 19
Crase

É a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª Justificativa: Casos de contração

a) preposição **a** + artigo definido **a** (a + a$^{(s)}$ = à$^{(s)}$).

b) preposição **a** + pronomes demonstrativos **a**$^{(s)}$(= aquela$^{(s)}$), aquele$^{(s)}$, aquela$^{(s)}$, aquilo.

c) preposição **a** + pronome relativo **a** qual/**a**s quais.

Importante: No caso de contração de preposição ***A*** com artigo feminino ***A***, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"*Os universitários leem como se assistissem* [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "*A televisão nos diverte*" ou "*Televisão nos diverte*"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "*televisão*" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às:

1. Cheguei cedo [ ] ___ [ ] repartição.

2. Pediram [ ] ___ [ ] jovem que comparecesse [ ] ___ [ ] secretaria.

3. Fiz alusão [ ] ____ [ ] crianças.

4. Fui [ ] ____ [ ] Grécia ano passado.

5. Fui [ ] ____ [ ] Brasília de minha infância.

6. Obedeça [ ] ____ [ ] senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por *"chegar* [a]", *"Pediram* [a]... *comparecessem* [a]", *"alusão* [a]", *"Fui* [a] *e* "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** (*"a* [a] *repartição*", "[a] *jovem...* [a] *secretaria*", " [as] crianças, "*[a]* Grécia", " [a] *Brasília de minha infância"* e [a] *senhorita/senhora/madame*", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (*Grécia, Brasília...*), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição **a**. Por exemplo:

– **A** Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)
 (suj.)
– Brasília é a capital do Brasil (e não *A Brasília é...*; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Sobre a frase 6, vale observar: **A** *senhorita/senhora/madame* apresentou suas desculpas *esses* pronomes de tratamento aceitam artigo. Mais à frente, vamos ver os pronomes de tratamento que não aceitam.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1) à; 2) à; 3) às; 4) à; 5) à; 6) à.

7. Fiz referência [ ] ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro [ ] aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro [ ] aquele velho amigo.

Comentários:

Em 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: *"Fiz referência* [a] + a (= aquela) *que gesticulava*", *"Emprestei o livro* [a] + aquela" e *"Emprestei o livro* [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de **que** relativo ou de preposição **de**, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:

"Refiro-me à (= àquela) ***d****a direita"*.

"Refiro-me à (= àquela) ***que*** *chegou de branco"*.

Respostas: 7) à; 8) àquela; 9) àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

... a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *... à qual me referi...*

Resposta: 10) à qual.

Crase Obrigatória:

– preposição a + artigo definido a(s)

(frases 1 a 6)

– preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo

(frases 7 a 9)

– preposição a + pronome relativo a qual/as quais

(frase 10)

11. Falou [ ] ___ [ ] João.

12. Começou [ ] ___ [ ] ventar.

13. Aludiu [ ] ___ [ ] V.Exª/você.

14. Fui [ ] ___ [ ] Brasília.

15. Ofereci ajuda [ ] ___ [ ] esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio [ ] ___ [ ] ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com arti-

go (“*Começou* [a] [x] *ventar*”); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª, você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita/senhora/madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria *“A V. Exª/você aceita minhas desculpas?”* ou *“V.Exª/você aceita minhas desculpas?”*. Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

> **Atenção:** Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceções feitas a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição (“*Aludiu* [a] [x] *V. Exª* (você).

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* (“*Fui* [a] [x] *Brasília*”). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo (forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta/Essa/Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição (“*Ofereci ajuda* [a] [x] esta...)

Na 16, a mesma explicação (“*Dedicou o prêmio* [a] [x] *ela*), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11) a; 12) a; 13) a; 14) a; 15) a; 16) a.

17. A diretora [ ] que me referi chegou.

18. A diretora [ ] quem me referi chegou.

19. A escritora [ ] cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora [ ] a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17) a; 18) a; 19) a; 20) a qual.

> **Atenção:** Antes do pronome relativo **que** só haverá acento no **a** quando o termo anterior pedir preposição **a** e aparecer um **a** com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase **7** (“*Fiz referência* **à** *que gesticulava*”). Na **17** isso não ocorre (“*A diretora aquela que me referi*?”). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:

1. Ocorrerá crase nos relativos *a qual, as quais*, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo *que*, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O *a* que vem antes do *que* é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo *que* poderá vir antecedido de *a* acentuado, quando o *a* (*s*) for demonstrativo (= *aquela*). (frase 7)
3. Antes de *quem, cujo, cuja, cujos, cujas*, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O *a* que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara [ ] cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21) a.

Crase Proibida:

1. Antes de palavra masculina;
2. Antes de verbos;
3. Antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. Com nomes de lugar que não aceitam artigo *a*;
5. Antes de pronomes demonstrativos *este*, *esta*, *esse*, *essa*;
6. Com pronomes indefinidos (*alguém*, *nenhum*...);
7. Antes de artigo indefinido (*um, uma);*
8. Entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda [ ] __ [ ] Maria.

23. Fez menção [ ] ___ [ ] Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda [ ] ___ [ ] minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda [ ] ___ [ ] minha amiga e não [ ] ___[ ] sua.

26. Corri até [ ] ___ [ ] sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou *"Maria esteve te procurando"* (*"Ofereci ajuda* [a] [a] ou [x] *Maria"*)

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

(*"Fez menção* [a] [x] *Cecília Meireles"*)

2º) antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou *"Minha/Sua/Nossa chegou"* (*"Ofereci ajuda* [a] [a] ou [x] *minha/sua/nossa amiga"*).

Todavia, antes de possessiva feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22) à ou a; 23) a; 24) à ou a; 25) à ou a; 26) à ou a.

Crase Facultativa:

1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª Justificativa: Casos de locuções femininas

- **adverbiais**: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
- **prepositivas**: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
- **conjuntivas**: à medida que, à proporção que.

No início desta aula, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **As locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir:

1. Compro sempre ____ vista, nunca ____ prazo.
2. Gostava de churrasco ____ Osvaldo Aranha.
3. Queria tudo ____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1) à vista/a prazo; 2) à Osvaldo Aranha; 3) às claras.

4. Vivia ____ espera de um milagre.
5. Saiu ____ cinco horas ____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em (5), na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência, há uma locução prepositiva representada por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4) à espera de; 5) às cinco horas/a fim de.

6. Chegou ____ uma hora e saiu ____ oito.
7. Estou aqui desde ____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6) à uma hora/às oito (horas); 7) desde as três horas.

8. Sentia-se mais ____ vontade ____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. ____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Em (8), temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9, não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

"A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8) à vontade/à medida que; 9) A medida.

10. ____ vezes, ela faz ____ vezes do professor.

11. Fez a prova ____ lápis.

12. Andei ____ cavalo pela fazenda.

13. ____ beira do rio, admirava o quadro ____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, ____ pressas, um angu ____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** (*"ela faz as vezes"*), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)"

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Em (14), as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10) Às vezes/as vezes; 11) a lápis; 12) a cavalo; 13) À beira de/a óleo; 14) às pressas/a baiana.

Observações finais:

a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a *bordo*) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.

No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.

b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina, não aparece artigo (*"cheira a álcool* e *não ao álcool/se candidatou a deputado* e *não ao deputado*), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:
Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento:

1. **Ele fez referência a tarefa feita por nós. ( )**
O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo. A frase está errada, falta o acento.

2. **Traçou uma reta oblíqua a do centro. ( )**
O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*). A frase está errada. Falta o acento.

3. **Não conheço as que saíram. ( )**
O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*). A frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. **Ele se referia as que saíram. ( )**
O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*). A frase está errada, falta o acento.

5. **Apresentou-lhe a esposa. ( )**
O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo. A frase está certa.

6. **Era uma camisa semelhante a que o diretor usava. ( )**
O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a + a que o diretor usava*). Daí o erro: falta o acento.

7. Ele não obedecia aquele regulamento. ( )
Quem obedece, obedece a alguém, ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*. A frase está errada, deveria vir com o acento.

8. Ele desconhecia aquele regulamento. ( )
O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave. A frase está certa.

9. Não me refiro aquilo. ( )
Referir-se é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*. A frase está errada.

10. Esta é a lei a qual fiz alusão. ( )
Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: *"(Eu) fiz alusão a + a qual"*. Ora, daí o erro: falta o acento do relativo a qual.

11. Esta é a lei a qual desconhecia. ( )
Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto. Por isso, a frase está certa. Não há crase.

12. Esta é a mulher a quem fiz referência. ( )
Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(*Eu) fiz referência a*". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo. A frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis. ( )
Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento. A frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica **à** empresa, respeita **a** hierarquia e obedece **às** leis*.

14. Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal. ( )
Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do lugar, para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não. Assim, a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: *"Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal"*.

15. Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu. ( )
Londres não admite artigo *a*: "*Voltei de Londres*". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria *("Voltei de Roma")*; só que aqui se fala ***da*** *Roma* ***do Coliseu***. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*. A frase está errada.

16. Às vezes, o pessoal sai as escondidas. ( )

Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas. A frase está errada.

17. A reunião vai das cinco as seis horas. ( )

Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: *"A reunião vai das cinco às seis horas"*. Frase errada.

18. A reunião vai durar de cinco a seis horas. ( )

Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*. A frase está certa.

19. Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia. ( )

Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento. A frase, reescrita de forma correta, seria: *"Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia"*.

20. Ao sair, bata a porta. ( )

O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição a. O a que aparece antes do substantivo porta é só artigo. A frase está certa.

21. Ele só chegará a uma hora. ( )

Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento. Frase errada.

22. Você deve correr até à árvore. ( )

Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa. A frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. Ele está aqui desde às dez horas. ( )

A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso não aceita outra preposição *a*. A frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. O diretor fazia alusão a aluna alguma. ( )

O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido. A frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento. ( )

O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto, é proibido. A frase está errada.

Finalmente, as questões de concursos...

1. **(Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:**
   a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.
   b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.
   c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.
   d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.
   e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem (*crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. **(Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:**
   a) Ninguém respondeu até hoje <u>as</u> perguntas sobre o assunto.
   b) Só mesmo um deus perdoaria <u>a</u> seus flagelados.
   c) Ele acabou obedecendo <u>a</u> vontade de seus pais.
   d) Tais medidas visam <u>a</u> segurança de todos.
   e) Cheguei <u>a</u> Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a questão em que **não** se deve usar o acento grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu* <u>*a*</u>) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália* aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. **A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:**
   a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.
   b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.
   c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.
   d) O documento visava a elucidar dúvidas.
   e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a)*.

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. ______ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à;
b) À – a – a – a – à;
c) A – a – a – a – à;
d) A – a – à – à – à.

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*, como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A;
b) À – A – A;
c) A – À – À;
d) À – A – À;
e) À – À – À.

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a.* Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade*.

Resposta: B.

6. Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a;
b) à – às – à;
c) a – as – a;
d) a – às – à;
e) a – as – à.

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a;
b) a – às – a;
c) há – as – à;
d) à – às – à;
e) há – às – à.

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado* <u>*a*</u> + <u>*a*</u> *pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista/2009) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase. Mas em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("... o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio/2010) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no <u>a</u> presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.
b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.
c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.
d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.
e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a*. Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE/2009) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies. As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à;
b) à – a – a;
c) a – à – a;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a.* Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies.* Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita artigo definido *a.* Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior/2009) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.
b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.
c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.
d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.
e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a.* Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a.* A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a.* Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as.* Falta, portanto, o acento em *as* (*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a.* Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida.*

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a*. Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a*, o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a*, o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a*. Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____alguns dias, _____diretora apresentará _____algumas pessoas o programa.
b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.
c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.
d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.
e) _____ tempos, vem _____jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a* + *alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a*. Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*, tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá*. O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*, esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a*, esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a*. Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca*. Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a*. Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (___).
De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.
b) à, à, a, à, as, a.
c) há, à, a, à, às, a.
d) a, à, à, a, às, a.
e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* por outro lado, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) ... não seguem a instrução à risca...; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.
b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.
c) A criança não tem direito à luz no corredor.
d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.
e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a)* ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, se justifica por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães*. Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a*. Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria*.

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

Vamos fechar o assunto com questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase?

(MTE – Cespe/2009) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:
Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a*, por ser indefinido e por estar no masculino plural. Por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase. A assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a*. Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Assertiva errada.

(IPAJM – Advogado/2010) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

*Nada vemos de **semelhante ao que aconteceu**, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".*

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por àquilo que, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que antecede o relativo *que*. Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando-se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase. A assertiva está correta.

A seguir, exercícios sobre regência e crase.

1. Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.
b) Fomos à cidade pela manhã.
c) Informou ao cliente que o aviso chegara.
d) Respondeu à carta no mesmo dia.
e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

2. Assinale a frase em que há erro de regência verbal:

a) O desmatamento implica destruição e fome.
b) Chegamos na cidade antes do anoitecer.
c) Jonas reside na rua das Marrecas.
d) Avisei-o de que devia partir.
e) Os ambientalistas assistiram a uma conferência.

3. Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.
b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.
c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.
d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.
e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

4. Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Meu pai perdoou ao pai.
c) Lembrou ao amigo que já era tarde.
d) Vi-lhes os olhos na festa.
e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

5. (NCE-UFRJ/Inspetor de Polícia) "... assistindo a um desses debates universitários..."; a regência cuida do emprego correto das preposições após certos nomes ou verbos. A frase a seguir em que há erro de regência é:

a) O público acompanha a novela que gosta.
b) A publicidade lembra ao consumidor o que deve comprar.
c) As pessoas preferem TV a teatro.
d) Nem todos aspiram cocaína.
e) A publicidade nunca se esquece de seu dever.

6. No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)" o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.
b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.
c) Não nos admirava ou obedecia.
d) Ele nos avistara e evitara.

7. (Anal. Judic./TRF) Na nova redação dada a algumas passagens do texto, cometeu-se ERRO de regência verbal na opção:

a) O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
b) Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
c) Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
d) Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
e) Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de responder.

8. Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.
b) O injustiçado responde às calúnias.
c) Os soldados responderam às balas.
d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.
e) Respondi o que podia e o que não devia.

9. (TRF/Taq.-UFRJ) Entre as frases abaixo aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:

a) Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
b) Os técnicos procederam à análise da documentação.
c) Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
d) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
e) Não lhe desobedecerei jamais.

10. (TCU-UnB) Quanto às exigências da norma culta, assinale a opção cujo texto está correto:

a) Embora seja capaz de dominar feras e de enfrentar tempestades, e esteja habituado a guerrear, a conquistar montanhas e abismos sem mostrar medo, o homem possui um inimigo que o aterroriza e do qual prefere nem pensar: a dor.
b) A ideia de sofrimento intenso e intolerável, à qual está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo do qual é necessário escapar de qualquer maneira.
c) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que associam a ela podem levar nesse resultado.
d) Uma grande dor pode provocar um espasmo coronariano, que leva ao infarto, ou causar um pico de hipertensão que, por sua vez, leve numa embolia pulmonar fatal.
e) Há casos que a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo a morte por suicídio.

11. (Ofic. Just./NCE-UFRJ) No texto, há três pronomes relativos corretamente empregados; assinale o item a seguir em que a construção com o pronome relativo está errada:

a) Agradecemos a Deus, a quem tudo devemos.
b) São bens a cujo lucro devemos nossa prosperidade.
c) Havia caminhos sem rumo definido, que passávamos por eles sem notar.
d) O comerciante, com cujo representante falei, fechou o negócio.
e) Foram inúmeras as dificuldades por que passei.

12. (Fiocruz/UFRJ) Observe o seguinte trecho:
"O projeto, <u>que será estendido a mulheres e crianças</u>, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde..."
A substituição da oração em destaque resulta inaceitável, segundo o padrão culto vigente, na seguinte alternativa:

a) a que também se vincularão mulheres e crianças;
b) de que também participarão mulheres e crianças;
c) em que também se incluirão mulheres e crianças;
d) cuja extensão também atingirá mulheres e crianças;
e) ao qual também terão a participação mulheres e crianças.

13. (Escr. Pol.) O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro <u>*cujo nome não sei...*</u>
Das alterações processadas na oração sublinhada, aquela em que o pronome relativo <u>não</u> deve ser regido de preposição, como no exemplo acima, é:

a) _______ cujo nome pretendo não referir.
b) _______ cujo nome não consigo simpatizar.
c) _______ cujo nome prefiro não me lembrar.
d) _______ cujo nome não tenho a menor confiança.
e) _______ cujo nome não está associado esse fato.

14. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.
b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.
c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.
d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.
e) Temos por princípio não representar e nem formular queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

15. Em qual das alternativas o uso de cujo não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

16. Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _________ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)
b) A alfabetização funcional, _________ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)
c) A alfabetização funcional, _________ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)
d) A alfabetização funcional, _________ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)
e) A alfabetização funcional, ___________ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

17. Assinale o item que apresenta <u>erro</u> de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.
b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.
c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.
d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.
e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

18. A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.
b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.
c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.
d) O documento visava a elucidar dúvidas.
e) Trata-se de pintura a óleo.

19. O poeta aspirava ______ felicidade, mas sem ______ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A.
b) À – A – A.
c) A – À – À.
d) À – A – À.
e) À – À – À.

20. Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a.
b) à – às – à.
c) a – as – a.
d) a – às – à.
e) a – as – à.

21. Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a.
b) a – às – a.
c) há – as – à.
d) à – às – à.
e) há – às – à.

22. (Esaf/AFC) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).
De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.
b) à, à, a, à, as, a.
c) há, à, a, à, às, a.
d) a, à, à, a, às, a.
e) a, há, à, a, as, a.

23. (Unirio) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.
b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.
c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.
d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.
e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

24. (PUC) "Eu solto aos ecos da serra / Suspiros dessa saudade."
Caso substituíssemos ECOS por BRISAS, nos versos acima teríamos que usar a contração da preposição A com o artigo definido feminino plural AS, com o acento grave indicador de crase.
Indique a opção em que, de acordo com a norma culta, não ocorreria esta contração e, consequentemente, não apareceria o acento grave indicador de crase:

a) Agora vamos _____ últimas questões.
b) Os parlamentares corresponderam _____ expectativas dos seus eleitores.
c) Entregamos _____ alunas as entradas para o espetáculo.
d) Anteriormente _____ reclamações, o reparo do equipamento já havia sido providenciado.
e) O guia lembrava _____ crianças de que não deveriam afastar-se dele.

25. (TRF-UFRJ) A opção que preenche corretamente as quatro lacunas do trecho a seguir é, respectivamente: O fim desta é pedir, mais uma vez, providências no sentido da solução do problema ..... que se refere nossa carta de 13/01/1998, ... qual V. Sas. não deram ainda qualquer resposta. Essa pendência já se arrasta .... mais de um mês e, como de hoje .... três semanas terá início o congresso de que trata aquela carta, findo esse prazo, nossa reivindicação deixará de fazer sentido.

a) à, à, há, a;
b) a, à, há, a.;
c) à, a, há, a;
d) a, à, a, há;
e) a, à, há, há.

26. O acento grave indicativo de crase não se aplica em "... mediante a exploração do trabalho escravo...:
Pelo mesmo motivo, ele também não é usado em:

a) Segundo a exigência do leitor.
b) Andei a cavalo a trote.
c) Estive a caminhar pelo jardim.
d) O público assistiu a peças interessantes.
e) Ela escreve bem a máquina.

27. (Anal. Sist./TRT-Fundec) Se fosse dada ao trecho "...internos e externos ao sistema de produção da cana-de-açúcar ..." a redação "... internos e externos à estrutura de produção da cana-de-açúcar...", haveria necessidade de usar-se o acento indicativo da crase. Nas frases abaixo o acento da crase também foi usado corretamente, exceto em:

a) Decerto que à falta de investimento foram criadas novas formas de alocação da mão de obra no campo.
b) Já não se atribui à inflação a principal causa dos problemas econômicos no campo.
c) A pauta do Congresso aludia tanto à redução das horas de trabalho no campo quanto à nova sistemática de reajuste do salário mínimo.
d) Cumpre à Câmara dos Deputados editar leis que regulamentem o trabalho braçal no campo.
e) Os trabalhadores rurais desempregados viviam à expensas da solidariedade humana.

28. Alternativa em que não pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje <u>as</u> perguntas sobre o assunto.
b) Só mesmo um deus perdoaria <u>a</u> seus flagelados.
c) Ele acabou obedecendo <u>a</u> vontade de seus pais.
d) Tais medidas visam <u>a</u> segurança de todos.
e) Cheguei <u>a</u> Itália em plena primavera!

29. ______ beira do leito, assistiu ______ amiga. Hora ______ hora, minuto ______ minuto, sempre ______ espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à.
b) À – a – a – a – à.
c) A – a – a – a – à.
d) A – a – à – à – à.

30. Assinale a frase em que o acento indicador da crase foi usado incorretamente.

a) A obstinação à qual sacrificou a juventude não o persegue mais.
b) Sentavam-se nas pedras do caminho à espera da comitiva do peão.
c) Na imaginação, porém, ele voltava àquele mundo de sonho e fantasia.
d) Depois de refletir, dirigi-me, decididamente, à casa do meu amigo.
e) Tenho certeza de que os documentos não fazem referência à nada do que dizes.

31. A alternativa em que é facultativo o uso do acento indicativo de crase, na palavra sublinhadanas passagens do texto, é:

a) “Eu tive desde <u>a</u> infância várias vocações”.
b) “Ao passo que amar eu posso até <u>a</u> hora de morrer”.
c) “Há três coisas (...) para <u>as</u> quais eu dou minha vida”.
d) Quanto <u>a</u> meus filhos, o nascimento deles não foi casual”.
e) Sei que um dia abrirão <u>as</u> asas para o voo necessário, e eu ficarei sozinha”.

32. A frase em que falta o acento indicativo da crase é:

a) Prefiro a língua inglesa a portuguesa.
b) Ela fez as vezes de intérprete no Encontro.
c) Escreveu a lápis frases bem significativas.
d) Nenhum escritor da língua se iguala a Camões.
e) A língua portuguesa é comparável a qualquer outra.

33. No período “A Eva coube o ‘trabalho’ do parto”, os autores do texto optaram por não usar o acento indicativo da crase no <u>a</u> inicial, por se tratar de um caso de crase facultativa. É igualmente facultativo o uso do acento da crase em:

a) O trabalho levava o homem até à discriminação social.
b) O patrão deixava às suas empregadas os trabalhos domésticos.
c) Santo Tomás de Aquino era favorável às tarefas manuais.
d) Todos os dias o operário dirigia-se às oficinas bem cedo.
e) A cruz à qual estava atado o condenado era de madeira.

34. O uso do acento grave é facultativo em:

a) Ninguém escapa à sua origem.
b) A voracidade era extensiva à espacialidade da modernidade-mundo.
c) Uma casta à parte traduz, assim, a vontade divina.
d) Cada ato mágico encenado deve respeito às fases da lua.
e) O mesmo feiticeiro pode voltar à carga.

35. ... não seguem a instrução à risca...; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.
b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.
c) A criança não tem direito à luz no corredor.
d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.
e) A pesquisa e útil à pediatria.

Gabarito

1. E
2. B
3. D
4. E
5. A
6. C
7. D
8. D
9. D
10. B
11. C
12. E
13. A
14. D
15. B
16. C
17. E
18. A
19. B
20. D
21. E
22. A
23. E
24. E
25. B
26. A
27. E
28. B
29. B
30. E
31. B
32. A
33. A
34. A
35. A

Capítulo 20

Pontuação

20.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento).** Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. **(TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:**
   a) Deixe-me, senhora.
   b) Dallas, 9 de julho de 1994.
   c) Aliás, isto é conhecido de todos.
   d) Espero, que ele venha.
   e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver essa questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou-se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional. Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha que decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

- **Caso 1 –** A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*;

1 – Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

2 – Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3 – Muito bom dia senhora!

4 – Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam “o gerente do banco” você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do* banco) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

- **Caso 2 –** A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*;

5 – O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.

6 – Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.

7 – A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc*. ("... da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes do *etc.*

O uso da vírgula antes de *etc*. é facultativo ("... do maracujá etc."... do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após *etc*. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

> Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

> Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

- **Caso 3 –** A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**.

  8 – Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

  9 – Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

- **Caso 4 –** Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*.

  10 – Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11 – O bêbado andava isto é cambaleava.

12 – Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

"O bêbado andava, isto é, cambaleava."

"Afinal, o que tens a dizer?"

- **Caso 5** – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas).

13 – Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.

14 – Gostava da sociedade mas não amava os sócios.

15 – Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.

16 – Saia imediatamente pois quero descansar.

17 – "As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

18 – "As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

19 – Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

20 – A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

"Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida."

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

"Gostava da sociedade, mas não amava os sócios."

"Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde."

"Saia imediatamente, pois quero descansar."

"As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá *antes* da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (*porém, contudo, entretanto, no entanto*) e conclusivas (*por isso, portanto, por conseguinte, assim*) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

"Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho."

Questões que tratam de conjunções deslocadas na frase têm sido comuns nas provas de concursos públicos. Observe esta:

1. **(FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:**
   a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
   b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
   c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
   d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
   e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e duas outras vírgulas pelo

motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos...*) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu conosco que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto...*). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

Agora que você já entendeu que as conjunções coordenativas devem vir antecedidas de vírgulas e que, se estiverem deslocadas, devem aparecer entre vírgulas, é hora de darmos um tratamento diferenciado à conjunção coordenativa que tanto aparece nas provas. Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam *alunos*, e o *diretor* os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E

Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o **E** unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Essa é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos que verificar as outras opções.

Observe uma questão elaborada pela Fundação Getulio Vargas, uma banca que é tradicional em relação à gramática:

2. O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.
b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.
c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.
d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.
e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar das orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: Você reparou que, na letra B dessa questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de

vírgula, **por possuir valor adversativo**? Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo **e** apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em fases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por **Orçamento Participativo Digital**, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência, observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por* **Orçamento Participativo Digital**). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando*

Pinheiro Lago. Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto*...).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

- **Caso 6** – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*.

Obs. 1: { **Ordem direta no período simples**: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)

Obs. 2: { Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21 – Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22 – Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23 – Existe no meio rural uma violência estrutural.

24 – Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

"Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando."

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente* vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais$_{(,)}$ não existe país de primeiro mundo."

"Existe$_{(,)}$no meio rural$_{(,)}$uma violência estrutural."

"Geralmente$_{(,)}$ as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25 – Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.

26 – O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.

27 – Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.

28 – Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

"Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga."

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor;
b) separam o aposto do resto da frase;
c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos;
d) indicam fala do autor com o leitor;
e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto... É claro que erraram... O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..."; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática;
b) isolar o aposto;
c) isolar o adjunto adnominal antecipado;
d) indicar a supressão de uma palavra;
e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Agora, veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas:

6. O emprego de vírgula após "anos", em "Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes", justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

> Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

7. A vírgula logo depois de "trabalhador" é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção "e": "exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador".

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

- **Caso 7 –** A vírgula separa as orações adjetivas explicativas.

  Pontue as frases a seguir:

  29 – O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

  30 – João que é um grande homem ajuda a todos.

  Ex.: em final de período.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir sem vírgulas. Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

> Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição.

8. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

- **Caso 1 –** Separa orações coordenadas.
  31 – Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.
  32 – Uns estudam; outros trabalham.

- **Caso 2 –** Separa os itens de leis, decretos, regulamentos.
  33 – Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:
  A) comunicação e expressão;
  B) estudos sociais;
  C) ciências.
  Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

1. **No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:**
   a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.
   b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.
   c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.
   d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.
   e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (U*m dos alunos... O outro...*), tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

20.3. Dois-pontos

E quanto aos dois-pontos? Você sabe utilizá-los? O sinal de **dois-pontos** pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34 – O professor disse:

- Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35 – Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36 – São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

A Fundação Carlos Chagas apresenta em suas provas belas questões sobre a utilização dos dois-pontos. Observe uma delas:

1. **... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.**
Os dois pontos introduzem no contexto:
a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa;
b) um comentário pessoal, de caráter opinativo;
c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor;
d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo;
e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

2. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

3. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis dizer com o uso do adjetivo *palpável*. Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

20.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

- **Caso 1 –** Isolam uma citação.

  37 – Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".
- **Caso 2 –** Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias.

  38 – Estamos no "hall" do hotel.

  39 – Ele era considerado "persona-non-grata".

  40 – Qual a "solucionática" desta problemática?

  41 – Achei-o muito "careta".

Comentários:

As “aspas” da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

- **Caso 3 –** Dar destaque a uma palavra ou expressão.
  42 – Diga-me “como” direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

- **Caso 4 –** Mostrar uma palavra com sentido irônico.
  43 – Você foi “brilhante” ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

Uma banca que costuma trabalhar com o uso das aspas é a Fundação Carlos Chagas. Observe uma questão de concurso:

1. **O emprego das aspas em algumas palavras do texto:**
   Algumas são exóticas também no sentido de “diferentes” ou “esquisitas”...
   Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser “imigrantes” inofensivas...
   ... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas “naturais”.
   a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.
   b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.
   c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.
   d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.
   e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44 – Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45 – Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, sugerindo ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

> Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à informação.

Resposta: assertiva certa.

> *Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação — que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.*

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação — que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroia salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46 – "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

> **Atenção:** De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

> Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

1. Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (l. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: “(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nessa frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: "Papai do céu, dá-me uma namorada fiel, gentil e tarada."

8. "O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende portanto do homem insensato."

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: "O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato."

9. "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a."

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional ("se queres viver tua vida") *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a."

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Essa frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africana determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça$_{(,)}$ delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Vamos a questões de concursos anteriores.

1. (NCE-UFRJ/Inspetor de Polícia) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor;
b) separam o aposto do resto da frase;
c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos;
d) indicam fala do autor com o leitor;
e) separam orações.

2. (NCE-UFRJ/Aux. Necropsia) "... o chorume, líquido contaminado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos..." as vírgulas, nesse segmento, são usadas respectivamente, para:

a) separar aposto e marcar enumeração;
b) indicar inversão na frase e separar termo intercalado;
c) marcar enumeração e destacar um elemento;
d) indicar inversão e separar aposto;
e) marcar uma explicação e dar realce a termos.

3. (Ag. Telec. Eletric./TRT) "... *acaba de inaugurar em Boston, Estados Unidos, um avançado laboratório***..."; o emprego das vírgulas nesse segmento se justifica por:**

a) necessidade de destacar o termo mais importante;
b) obrigatoriedade de separar as siglas;
c) mostrar uma explicitação do termo anterior;
d) destacar o vocativo;
e) indicar um termo intercalado.

4. (Técn. Judic./TRT) "O salário pode ser estipulado com base no tempo, na produção, na tarefa e no lucro." As vírgulas empregadas na frase se justificam pela necessidade de:

a) indicar a presença de um aposto explicativo;
b) destacar termos importantes do enunciado;
c) separar os termos de uma enumeração;
d) mostrar que os termos citados não são sinônimos;
e) desmanchar uma ambiguidade do texto.

5. Das alterações feitas abaixo na pontuação da frase "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.", está INCORRETA a que foi feita na opção:

a) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.
b) O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.
c) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.
d) O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.
e) O futebol, que desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

6. Leia o texto com a finalidade de pontuá-lo corretamente.

"Diz a sabedoria popular chinesa (1) que toda marcha (2) por mais longa (3) e importante que seja (4) começa (5) com o primeiro passo. Dar (6) esse primeiro passo (7) às vezes (8) exige (9) grande determinação (10) esforço monumental e (11) muita coragem. Principalmente se o passo (12) for em direção (13) a um caminho desconhecido (14) com o qual (15) não estamos acostumados lidar por conta dos vícios adquiridos."

(Revista *Veja*)

Os números que devem ser substituídos por vírgula são:

a) 2, 4, 7, 8, 10, 14;
b) 1, 4, 5, 9, 11, 14;
c) 3, 5, 6, 8, 10, 12;
d) 1, 2, 3, 4, 7, 10, 12;
e) 2, 3, 4, 7, 9, 13, 15.

7. (PM – BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.
c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.
d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.
e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

8. Lidar com leis, processos demorados, cartórios e tribunais talvez não seja uma atividade comumente associada à nova economia. No entanto, poucas profissões foram renovadas e se tornaram tão necessárias ao bom funcionamento das novas empresas quanto o ofício do advogado. Além disso, embora a sociedade brasileira não chegue perto da americana em termos de mentalidade litigiosa, temos bem concentrada na herança cultural uma dose gigantesca de burocracia regulamentações e cartórios. Lidar com essa já é o campo de trabalho para muitas gerações.

(Gilson Schwartz, As *profissões do futuro*, São Paulo, Publifolha, 2000, p. 36)

Modificações propostas:

I. por se tratar de aposto explicativo, suprimir as vírgulas que isolam a expressão após "processos demorados". (l. 1)
II. inserir vírgula antes de "talvez" (l. 1) porque se inicia uma oração explicativa.
III. eliminar a vírgula após "No entanto" (l. 2) para não isolar circunstância.
IV. inserir vírgula após "americana" (l. 5) para isolar oração explicativa subsequente.
V. inserir vírgula após "burocracia" (l. 6), pois se trata de uma enumeração.

Para deixar o texto corretamente pontuado:

a) é necessário implementar as modificações I e II;
b) as modificações II e IV são necessárias;
c) somente a modificação III é necessária;
d) são necessárias as modificações III e IV;
e) apenas a modificação V é necessária.

9. **(TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Atente para as seguintes frases:**

I. O poeta Manuel Bandeira referido no texto é um artista que preza a liberdade absoluta.
II. Tanto os loucos como os bêbados são apontados como exemplos de uma irracionalidade que dispensa o artifício das máscaras.
III. Não fossem as máscaras quem sabe quantos inimigos não faríamos a cada dia?

Há exigência do emprego de vírgula(s) em:

a) I, II e III;
b) I e II, somente;
c) II e III, somente;
d) I e III, somente;
e) III, somente.

Leia o texto para responder à questão 10.

As tendências concentracionistas e centralizadoras do capitalismo do mundo contemporâneo caminham na contramão da democracia e da república, (1) principalmente no que diz respeito à normatividade. Assegura-se o funcionamento regular às instituições, (2) e sua louvação é até exagerada, como se não fossem construções históricas. A política é largamente oligarquizada pelos partidos, e os governos tornam-se mais e mais opacos; (3) na maior parte das vezes a institucionalidade erige-se a partir de uma barreira à participação popular. Decisões cruciais que dizem respeito à macroeconomia e à vida cotidiana dos cidadãos e eleitores,(4) correm por fora das instituições da representação popular, até mesmo na sua instância máxima, que é o poder executivo. A democracia e a república são o luxo que o capital têm que conceder às massas, dando-lhes a ilusão de que controlam os processos vitais, enquanto as questões reais são decididas em instâncias restritas, (5) inacessíveis e livres de qualquer controle.

(Francisco de Oliveira, **Aula de abertura dos cursos na Faculdade de Filosofia da USP**, em 17.02.03,
in Política Democrática, Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, ano II, nº 5, maio de 2003, com adaptações)

10. **(AFC/CGU) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação destacados no texto, assinale a justificativa correta.**

a) (1) Usa-se a vírgula para isolar expressão que exerce a função de aposto.
b) (2) A vírgula é usada para separar orações coordenadas que têm o mesmo sujeito.
c) (3) O sinal de ponto-e-vírgula é empregado para indicar o início de uma citação.
d) (4) A vírgula é empregada após oração adjetiva restritiva.
e) (5) A vírgula indica omissão de palavras ou grupo de palavras.

11. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, EXCETO em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.
b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.
c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.
d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.
e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

12. (Anal. Planej. e Orç. – MPOG/Esaf) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(Paul Singer)

a) Se a expressão “à primeira vista” (l. 1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.
b) O sinal de dois-pontos (l. 4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.
c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l. 5, 7 e 8) têm justificativas gramaticais diferentes.
d) Se o emprego de parênteses (l. 6) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.
e) Os parênteses que isolam a expressão “denominado sobras” (l. 9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

13. (MPU) *... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.*

Os dois-pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa;
b) um comentário pessoal, de caráter opinativo;
c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor;
d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo;
e) a retomada da ideia mais importante do texto.

14. **(Ofic. Cart. Policial)** *É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma "verdade***".**
O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade***, ao final desse segmento do texto, indica que:**
a) a palavra está empregada com valor humorístico;
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado;
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade;
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original;
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

Gabarito

1. C
2. A
3. C
4. C
5. B
6. A
7. A
8. E
9. D
10. D
11. C
12. E
13. A
14. C

página deixada intencionalmente em branco

Parte 4

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 21

Tipologia Textual

21.1. Os Modos e os Tipos de Texto

Modos de Texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre Tipologia Textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e argumentação. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

21.2. A Narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

21.2.1. As Modalidades da Narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. Romance: narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso
2. Crônica: é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia-a-dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. Conto: narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. Fábula: uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.

5. Anedota: narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. Lenda: história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.
7. Parábola: narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

21.2.2. Os Elementos da Narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

21.2.3. As Ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. Introdução

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Exemplo[1]: Texto1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. Desenvolvimento

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(s), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo!*"

---

[1] Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. Conclusão

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Exemplo: fechamento Texto 1

– *Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?*
– *Ah! – falou o índio – menino é merenda!"*

21.2.4. Personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo personagem se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

21.2.5. O Narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar pensando..."), uso do presente genérico ("sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade"), comentários sobre o fato narrado ("descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava") ou até interpelando diretamente o leitor ("Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos"). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira ("Já contei algumas vezes esta história") ou de terceira pessoa ("A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu").

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em* 1ª *pessoa.*

Ex.: "Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama."

b) ***Narrador observador***: *caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*
Ex.: "O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue."

c) ***Narrador onisciente***: *é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*
Ex.: "No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida."

21.2.5.1. O Narrador e os Tipos de Discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – ***discurso direto***, ***discurso indireto*** *e* ***discurso indireto livre***. *A seguir, a análise de cada um deles:*

➢ Discurso Direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: *"– O rio já encheu mais?* – perguntou a *mãe.*
– Chi, ta um mar d´água*! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."*

➢ Discurso Indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder", etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

➢ Discurso Indireto Livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não há indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve ardor nos olhos. Não quero morrer!"

Transposição do Discurso Direto para o Indireto

Discurso Direto	Discurso Indireto
→ ***pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa:*** ***– Quero dormir – disse a menina.***	→ ***pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa:*** ***A menina disse que queria dormir.***
→ ***Tempos Verbais (ordenados em relação ao momento da fala)*** ***a) Presente do Indicativo*** ***– A situação é a mesma – afirmou o policial.*** ***b) Pretérito Perfeito*** **– Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz.** ***c) Futuro do Presente*** **– Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher.** ***d) Modo Imperativo*** **– Não entre aí, disse a mãe.**	→ ***Tempos Verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador)*** ***a) Pretérito Imperfeito*** ***O policial afirmou que a situação era a mesma.*** ***b) Pretérito mais-que-perfeito*** ***O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes.*** ***c) Futuro do Pretérito*** ***A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo.*** ***d) Modo Subjuntivo*** ***A mãe mandou que não entrasse ali.***
→ ***Frases Interrogativas Diretas*** – ***Tudo bem aí?*** **– perguntou a** ***mulher.***	→ ***Frases Interrogativas Indiretas*** ***A mulher perguntou se estava tudo bem ali.***
→ ***Pronomes Demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa*** ***(esta/este/isto; esse/essa/isso)*** **– Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.**	→ ***Pronomes Demonstrativos de 3ª pessoa*** ***(aquele/aquela/aquilo)*** ***O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.***

21.3. A Narração e os Tempos Verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto, há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: "Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido."

Lima,Jorge de. Calunga; O anjo.

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu/ engoliu/ mergulhou/ baixou/ tragou/ mergulhou/ soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do PRESENTE DO INDICATIVO no lugar do PRETÉRITO PERFEITO.

Ex.: "A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável."

Ângelo, Ivan; Bar. (adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração, a articulação dos seguintes elementos:

1. *Quem? → os personagens que se envolvem na trama;*
2. *Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos;*
3. *Onde? → o local onde se desenvolve o enredo;*
4. *Quando? → o momento em que se desenrolou a trama;*
5. *Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos;*
6. *Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos;*
7. *Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.*

21.4. A Narração e a Descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta."

Piroli, Wander; Crítica da razão pura.

Nesse trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

21.5. A Descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo."

Telles, Lygia Fagundes; A estrutura da bolha de sabão.

21.5.1. A Passagem do Tempo na Descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos."

Fonseca, Rubem; Passeio noturno.

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

21.5.2. Os Tipos de Descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

21.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

➢ Descrição objetiva

"A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida."

Ramos, Graciliano; Baleia.

➢ Descrição subjetiva

"Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires.(...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja."

Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz; A moralista.

21.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito *científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.*

Ex.: "Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes."

21.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: "A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles,

acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata."

Lispector, Clarice; Feliz Aniversário.

21.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica."

Machado, Aníbal; Viagem aos seios de Duília.

21.6. A Dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se por um lado na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão...).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

21.6.1. O Texto Dissertativo Expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos *explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.*

Ex.: Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo

submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo.

Buarque, Cristovam; Admirável mundo atual. (Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

21.6.1.1. O Texto Informativo

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o ***texto informativo****. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.*

Ex.: ”Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.”

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

21.6.2. O Texto Dissertativo Opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar – o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Ex.: “Viver ‘plugado’ a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.”

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo (“melhor”, “insubstituível”). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do

singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

21.6.2.1. A Estruturação Argumentativa

*Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou **tese**), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apóiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.*

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1 – Introdução

*Inicialmente faz-se a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a **tese**.*

2 – Desenvolvimento

*Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.*

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3 – Conclusão

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo--a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB*
(Análise de um texto argumentativo)

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

→ ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo do autor é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

→ ***1º parágrafo de desenvolvimento****: o autor se propõe a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

→ ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal – o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.*

→ ***3º parágrafo de desenvolvimento****: o autor inicia o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

→ ***Conclusão do texto****: aqui, o autor retoma o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".*

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.*
6. *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

21.6.3. O Texto Dissertativo – Outras Modalidades

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

21.6.3.1. Texto Didático

É *aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.*

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento."

Nogueira, A; Processamento da Entrevista.

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

21.6.3.2. Texto Preditivo

É o *texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.*

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias"– para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas." Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

21.6.3.3. Texto Polêmico

Nesse texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação."

Betto, Frei; Por que o Budismo encanta o Ocidente?

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

21.6.3.4. Texto Injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

21.7. Tipologia Textual – Esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

21.7.1. Modos de Texto: Estrutura/Organização do texto

	INTENÇÃO DO AUTOR	EVOLUÇÃO CRONOLÓGICA		CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS
NARRATIVO	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.		Verbos de ação. Conectores temporais.
DESCRITIVO	Caracterizar, qualificar cenas, personagens, etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.		Substantivos. Adjetivos.
DISSERTATIVO	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.		Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

21.7.2. Tipos de Textos: (Finalidade do Texto)

1) ***Informativo***: *Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc.* **(*)** *Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.*
2) ***Didático***: *Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.*
3) ***Expositivo***: *Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos públicos.*
4) ***Opinativo***: *Também chamado de* ***Argumentativo***. *Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.*
5) ***Polêmico***: *Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.*
6) ***Injuntivo***: *Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.*

21.8. Enunciados de Tipologia Textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada..."; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por..."; "O texto lido poderia ser classificado como..."; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é..."; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como..."; "A finalidade principal desse texto é a de..."; "O objeto maior do texto é...", entre outros.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir:

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

Resposta: Discurso Direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos

Resposta: Discurso Direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

Resposta: Discurso Indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

Resposta: Discurso Indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

Resposta: Discurso Direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

Resposta: Discurso Indireto Livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso Direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso Direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa:

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele (a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal.*

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO/ DESCRIÇÃO/ DISSERTAÇÃO):

1. Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.

Comentários: Descritivo. O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

2. Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.

Comentários: Dissertativo. O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

3. "No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. [...] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando

o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. [...] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."

Comentários: Dissertativo. O autor discute um assunto – as relações comerciais entre o Brasil e o restante da América do Sul.

4. Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.

Comentários: Narrativo, com aspectos descritivos. O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

5. Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.

Comentários: Dissertativo. O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

6. "Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina. Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. [...] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. [...]"

Comentários: Dissertativo, com características descritivas. Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

7. Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.

Comentários: *Dissertativo, com aspectos descritivos. O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.*

8. Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)

Comentários: Descritivo. O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

9. Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Comentários: Dissertativo. O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

10. "Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infra-estrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."

Comentários: Dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos. O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições (Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante

algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente.). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

11. "Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."

Comentários: Descritivo. Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos (A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

12. "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. [...] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."

Comentários: Dissertativo, com aspectos descritivos. Ainda que o texto apresente descrições (rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

13. Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.

Comentários: Descrição com aspectos narrativos. O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

14. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários: Dissertativo. A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

15. A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.

Comentários: Descrição. As ações (A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre) são simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

16. Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

Comentários: Dissertativo. O autor por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece?, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

17. "Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."

Comentários: Narrativo, com aspectos descritivos. A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos (os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o

objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato, pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

18. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.

Comentários: Dissertativo. O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam ...com a propaganda ... do efeito das drogas".

19. As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.

Comentários: Dissertativo. O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – a incapacidade da ciência de atingir a verdade.

20. Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.

Comentários: Descritivo. O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

21. Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.

Comentários: Dissertativo. Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

22. "As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"

Comentários: Descritivo. O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/ de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

23. Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.

Comentários: Narrativo, com aspectos descritivos. Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

24. "Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar. No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que particular da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)

Comentários: Dissertativo, com características narrativas e descritivas. O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

25. Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.

Comentários: Descritivo. A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/ a sua proeza e a sua maestria no ofício).

26. A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.

Comentários: Dissertativo. Defesa de tese. O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

27. O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Comentários: Dissertativo. Análise de um tema. O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito (porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

28. O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.

Comentários: Dissertativo. Análise de um tema. O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito (porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

29. A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.

Comentários: Narrativo, com aspectos descritivos. O texto inicia-se com uma descrição (A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

30. Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.

Comentários: Dissertativo. Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

31. Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.

Comentários: Narrativo, com aspectos descritivos. A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição (Rádio é mesmo uma coisa misteriosa), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

32. Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...

Comentários: Dissertativo, com aspectos narrativos. Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

33. A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.

Comentários: Dissertativo. Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

34. Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.

Comentários: Descritivo, com aspectos narrativos. Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

35. Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.

Comentários: Predominantemente narrativo, com características descritivas. Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

36. O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.

Comentários: Descrição. Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

37. O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.

Comentários: *Dissertativo, com características narrativas. Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.*

38. Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas...", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.

Comentários: *Dissertação. Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).*

39. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários: Dissertativo. Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto...é no mínimo dramático).

40. O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.

Comentários: Descritivo. A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

41. Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.

Comentários: *Descritivo. Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.*

42. Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.

Comentários: Narrativo. Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

43. Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café esfrie.

Comentários: Narrativo. Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto-de-vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

44. Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.

Comentários: Descritivo. Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

45. Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infra-estrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.

Comentários: Dissertativo. A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica

46. Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Comentários: Narrativo. Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é a de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de transparecer características descritivas – "os olhos do velho orvalhados", "um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante".

47. É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.

Comentários: Dissertativo. A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

48. Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas a suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-se a cabeça de som, cascalho e loucura.

Comentários: Descritivo. Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

49. Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.

Comentários: Dissertativo. Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

50. Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

Comentários: Narrativo. Ações que evoluem no tempo – "assustou-se", "franziu as ventas", "estranhou a ausência" – caracterizam esse texto narrativo.

51. Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Comentários: Descritivo. Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto aos aspectos externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

52. E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.

Comentários: Descritivo. Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

53. Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.

Comentários: Narrativo. Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

54. Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.

Comentários: Descritivo. O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" – mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

55. O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.

Comentários: *Dissertativo. Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").*

56. Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.

Comentários: *Descritivo. Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.*

57. O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.

Comentários: Dissertativo. O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

58. Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...

Comentários: Dissertativo. O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

59. Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.

Comentários: Narrativo. O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés; Tirou os sapatos; Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

60. Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.

Comentários: Descritivo. Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

61. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.

Comentários: Descritivo. Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

62. Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.

Comentários: *Dissertativo. Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.*

Selecionamos algumas provas para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

PROVAS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que irá ilustrar esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão. Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí...

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. **A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:**
   a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo.
   b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos.
   c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos.
   d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela/ Obteve com seus rogos/ Assim foi construída*...). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Gabarito: letra A.

Você percebeu que esse texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...*) e personagens (*humilde lavrador/ rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isto: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos. Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Mas você sabe reconhecer um texto descritivo? **A descrição é** a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata. Veja um exemplo:

> "*O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo.*"
>
> Telles, Lygia Fagundes; A estrutura da bolha de sabão.

Observe como predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...). Sim, porque a descrição tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para... Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em *interrompê-la*, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc.

Ex.: "*Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos.*"

Fonseca, Rubem; Passeio noturno.

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes (*"minha mulher jogando paciência"*, *"minha filha no quarto treinando empostação de voz"*, *"a copeira servia à francesa"*).

Aqui, vale uma dica:

Uma boa maneira de se diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na **descrição**, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, por outro lado, tem-se o texto **narrativo**.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES 2009 – TÉCNICO – CESGRANRIO)

A era do tô me achando

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando". parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"
b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...'"
c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."
d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."
e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista/ encontrei uma amiga/ ela me contou)*. Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Gabarito: letra A.

Agora, o mais interessante sobre esse texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, e sim dissertativo. Seu objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. Vamos conhecer a dissertação?

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se por um lado na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão...). O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

1. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) argumentativo;
d) expositivo;
e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos...*), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados... armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas...*). Assim, podemos dizer que o primeiro parágrafo é predominantemente narrativo com aspectos descritivos.

Entretanto, no 2º parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixar transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a **intenção do autor**, seu *objetivo* ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil. Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo;
b) a fala do narrador para a fala do personagem;
c) um tempo passado para um tempo presente;
d) um tempo presente para um tempo passado;
e) a mudança de narrador.

2. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante;
b) informativo didático;
c) dissertativo opinativo;
d) normativo regulamentador;
e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 1): Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade

descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Gabarito: letra A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração se utiliza de verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Vamos voltar à análise da segunda questão?

2. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:
   a) narrativo moralizante;
   b) informativo didático;
   c) dissertativo opinativo;
   d) normativo regulamentador;
   e) dissertativo polêmico.

Questão 2):

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí...

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil.* Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Vamos, então, falar sobre essa modalidade textual tão comum nas provas, que é o **texto dissertativo**, e conhecer suas subdivisões?

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão. Veja um exemplo de um texto retirado de uma prova elaborada pelo Cespe/UnB:

> Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo.
>
> Buarque, Cristovam; Admirável mundo atual. (Adaptado)

Perceba que o objetivo do autor não é opinar, defender sua tese a respeito de determinado assunto. Aqui, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos: o texto é dissertativo expositivo.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor? Pois bem, o texto tomado como exemplo é dissertativo expositivo/informativo.

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça. Veja mais um exemplo – esse retirado de uma prova elaborada pelo NCE:

> "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do *lixo*. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se vê é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo – pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos, não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **Texto Dissertativo Opinativo, t**ambém chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar – o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento. Veja um exemplo de uma prova elaborada pelo NCE:

> "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser **fato**, para ser **julgamento** – característica do texto opinativo.

Você percebeu, ao longo do texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor? Pois é, muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). Esses vocábulos podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento. Ao perceber que o autor os utiliza, você saberá que o texto é argumentativo. Veja mais um exemplo:

> "O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente,

eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Ao utilizar pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), o autor emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, ele utiliza expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", que demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Tudo isso indica que o texto é dissertativo opinativo, ou argumentativo.

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

Rio + 10 ... por cento!

Apenas uma década depois

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, **Índia e países árabes** exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. **UNO Notícias**. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado;
b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10;
c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10;
d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10;
e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida/ tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Gabarito: letra C.

Critério arriscado

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos.

Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(**Jornal do Brasil**, 17/11/2002, p. A14.)

Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo;
b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo;
c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa;
d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa;
e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Ainda que a argumentação predomine – você deve ter percebido no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), em que o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como características narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o *episódio Pitt*.

Gabarito: letra C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

> Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.
> Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.
> E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.
> É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.
>
> Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências"
b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória"
c) "A vida é cheia de tais convivas"
d) "Não, não, a minha memória não é boa"
e) "Quantas ideias finas me acodem, então".

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

Por outro lado, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Gabarito: letra B.

Mais um retirado de prova do Cespe/UnB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. **Na fronteira do futuro**.
Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.
b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.
d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas provas para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

QUESTÕES PROPOSTAS

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO

O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto II e III é:
a) verso / prosa;
b) poesia / informação;
c) sensibilidade / verdade;
d) vocábulos formais / vocábulos informais;
e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO

Fernando Sabino

Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. **Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:**
   a) registro de fatos históricos em ordem cronológica;
   b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano;
   c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado;
   d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados;
   e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. **O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:**
   a) do passado para o presente;
   b) da descrição para a narração;

c) do impessoal para o pessoal;
d) do geral para o específico;
e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:
a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro;
b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este;
c) manifestar no discurso a opinião dos leitores;
d) expressar o ponto de vista do narrador;
e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:
a) comiseração;
b) remorso;
c) revolta;
d) desprezo;
e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:
a) "Quem nunca viu um menor abandonado?";
b) "Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?";
c) "Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?";
d) "Resolveria o seu problema?";
e) "(Resolveria) A injustiça social?".

TEXTO IV

DA "LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: "Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto V, a expressão "livre manifestação" aparece entre aspas para:
a) distinguir uma citação do resto do contexto;
b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal;
c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão;
d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão;
e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:
a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato;
b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações;
c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações;
d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações;
e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto V deve ser classificado, de forma mais adequada, como:
a) descritivo;
b) narrativo;
c) dissertativo expositivo;
d) dissertativo polêmico;
e) dissertativo informativo.

TEXTO V: *"As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna". (J. Spencer)*

TEXTO VI: *"As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico".*

(J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos VI e VII:
a) o texto 2 é narrativo enquanto o texto 3 é dissertativo;
b) o texto 2 trata de tema menos amplo que o texto 3;
c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial;
d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais;
e) os dois textos têm caráter descritivo.

TEXTO VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;

- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade;
b) objetividade e cientificismo;
c) autoridade e sentimentalismo;
d) suspense e negativismo;
e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VIII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais;
b) denunciar a poluição ambiental;
c) procurar aumentar o conhecimento do assunto;
d) mostrar soluções para o problema do lixo;
e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho;
b) denúncia;
c) acusação;
d) crítica;
e) elogio.

TEXTO VIII

A marca da morte nos cigarros

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto IX se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas;
b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre;
c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca;
d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm;
e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:
a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida;
b) em textos informativos não se usam abreviaturas;
c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta;
d) o texto pretende enfatizar o poder legal;
e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos tipos:
a) didático/informativo;
b) informativo/normativo;
c) normativo/publicitário;
d) publicitário/expressivo;
e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto IX, só NÃO se caracterizam por:
a) objetividade e precisão;
b) abordagem de algo desconhecido do leitor;
c) reduzida participação do autor do texto no enunciado;
d) conteúdo de hipotético interesse de leitores;
e) profunda interação com o leitor.

TEXTO IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível. Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:
a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo;
b) todo produto a ser anunciado requer isso;
c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto;
d) apela para o gosto estético do leitor;
e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. “Explicar o que é, como funciona...”; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário;
b) publicitário, informativo;
c) informativo, instrucional;
d) instrucional, didático;
e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor;
b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua;
c) didático, pois ensina o que é um outdoor;
d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor;
e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. “O anúncio de revista é rico em informações”; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) O horóscopo é rico em previsões;
b) O livro didático é rico em ensinamentos;
c) O dicionário é rico em definições;
d) A bula de remédio é rica em informações;
e) O outdoor é rico em detalhes.

TEXTO X

Processamento da entrevista

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é:

a) 1º
b) 2º
c) 3º
d) 4º
e) 5º

TEXTO XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto;
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título;
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto;
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico;
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático;
b) informativo;
c) normativo;
d) preditivo;
e) publicitário.

TEXTO XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se

de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. “Nada tem de poética a história que vou contar.”; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora;
b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância;
c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra;
d) o fato de a amendoeira ter sido decepada;
e) as lembranças da infância da autora.

TEXTO XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas “primitivas” se encontram, ainda hoje, nesse “grau zero” – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. “Um”, “dois” e... “muitos” constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra. Eles só conhecem dois “nomes de números” propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: “É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!”

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar;
b) comprovar;
c) informar;
d) contradizer;
e) protestar.

TEXTO XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

35. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político;
b) expositivo de tom crítico;
c) informativo de base argumentativa;
d) descritivo de situação;
e) argumentativo de tema social.

TEXTO XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistemadedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) "Mas agride o que o ser humano tem de melhor";
b) "Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil";
c) "Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena";
d) "Fico então com as desvantagens";
e) "Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais;
b) descritivos;
c) narrativos;
d) dissertativos expositivos;
e) dissertativos argumentativos.

TEXTO XVI

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

TEXTO XVII

Arrependimento

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação
b) reprovação / aceitação
c) aprovação / reprovação
d) indiferença / arrependimento
e) neutralidade / reprovação

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing x tatuagens
b) realização X arrependimento
c) aceitação X condenação
d) primeira pessoa X terceira pessoa
e) narração X descrição

TEXTO XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora;
b) demonstrar a correção do pensamento da autora;
c) mostrar que a preocupação da autora é universal;
d) indicar que sua preocupação é válida;
e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

TEXTO XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica

adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo;
b) narrativo;
c) informativo;
d) argumentativo;
e) descritivo.

TEXTO XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

2. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular;
b) informar;
c) explicar;
d) ensinar;
e) prever.

TEXTO XXI

Racismo, discriminação, preconceito... Colocando os pingos nos "is"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de

estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo;
b) publicitário;
c) didático;
d) informativo;
e) normativo.

TEXTO XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem

grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores;
b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores;
c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto;
d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores;
e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

Por trás dos links, as pessoas

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como "os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam de em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do "todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

*(**Dalton Martins** e **Hernani Dimantas**. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)*

1. O texto VI deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.
b) narrativo, somente.
c) narrativo-descritivo.
d) dissertativo.
e) injuntivo.

Texto XXIV

Critério arriscado

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.
Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.
No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.
Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.
A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.
Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo;
b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo;
c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa;
d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa;
e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a "internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto afeito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. ***As barbas do imperador: D. PedroII, um monarca nos trópicos.*** São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.
b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira
c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.
d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.
e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

TEXTO XXVI

SECRETÁRIA *– Luís Fernando Veríssimo*

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala, travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O “tchau” é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) expositivo;
d) argumentativo;
e) conversacional.

TEXTO XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: “Saudades não se pagam...”

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo;
b) informativo;
c) expositivo;
d) descritivo;
e) narrativo.

TEXTO XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil. Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas. Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo;
b) a fala do narrador para a fala do personagem;
c) um tempo passado para um tempo presente;
d) um tempo presente para um tempo passado;
e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois;
b) justificar a reação social contra a violência;
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência;
d) mostrar a violência nas grandes cidades;
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante;
b) informativo didático;
c) dissertativo opinativo;
d) normativo regulamentador;
e) dissertativo polêmico.

TEXTO XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A auto-regulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo “peça para mamãe comprar” ou “faça como eu, use”.

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não;
b) proibir é melhor que educar;
c) educar é mais fácil que proibir;
d) educar é proibir;
e) proibir, segundo a lei.

TEXTO XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos.

O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo;
b) narrativo moralizante;
c) expositivo informativo;
d) argumentativo polêmico;
e) expositivo didático.

TEXTO XXXI

As raízes do Caráter Nacional

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio "ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) argumentativo;
d) conversacional;
e) didático.

TEXTO XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar;
b) informar;
c) prever;
d) prevenir;
e) atemorizar.

TEXTO XXXIII

Por que o Budismo encanta o Ocidente?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não-religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica;
b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças;
c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis;
d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral;
e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

TEXTO XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.
Analise os itens a seguir:

I. "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados."
II. "Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro."
III. "Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra"
IV. "Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas".

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II
b) III – IV
c) IV
d) II – III – IV
e) I – II – III – IV

TEXTO XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história

da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Que escolhe um relógio para comprar, decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo;
b) didático;
c) publicitário;
d) instrucional;
e) normativo.

TEXTO XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia. De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica;
b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida;
c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade;
d) citação de informações sobre determinado objeto;
e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que "Navegar é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta;
b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas;
c) indicam a presença de um texto em outro;
d) documentam uma paródia das palavras do poeta;
e) ironizam as belas palavras do poema.

TEXTO XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA *(fragmento)*

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.
Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.
E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático;
b) informativo;
c) argumentativo;
d) expressivo;
e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos;
b) a sucessão temporal;
c) uso do pretérito perfeito do indicativo;
d) a presença marcante de substantivos e adjetivos;
e) pretende discutir, informar ou expor.

TEXTO XXXVIII

DE UMA VIDA A OUTRA

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante.

Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados. As estatísticas mostram que o Brasil é o segundo do mundo em doações em números absolutos, perdendo dos Estados Unidos. Proporcionalmente ao tamanho da população, fica em nono lugar. Ou seja, o brasileiro é generoso, mas precisa fazer mais.

Isto É, fevereiro de 2003.

1. Este é um texto informativo. Sobre esse tipo de texto só *não* se pode dizer que:

a) o informante deve ter um conhecimento que o receptor não possui;
b) o texto deve ter elementos que produzam interesse pela leitura;
c) a informação veiculada pelo texto deve ser comunicada de forma clara;
d) o texto contém informações de interesse para todos;
e) a fonte da informação do texto é dada de forma clara.

GABARITO COMENTADO:

Textos I e II

1. A incorreta é a letra d). Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. Resposta letra d). O texto "Protesto Tímido" é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra a), portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra b) não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra c), não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. Por outro lado, a letra d) diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.
2. Letra b). Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.
3. Letra d). O uso da primeira pessoal do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso, eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.
4. Letra b). Ainda que o narrador manifeste comiseração ("escurinho, de seis ou sete anos, não mais"), certa revolta ("vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança"), desprezo ("Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação") e tristeza ("Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo..."), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso ("Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.").
5. Letra a). Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra a). As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. Letra d). O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.
2. Letra a). O texto V é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra b), o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra c) não está correta porque só o primeiro argumento é a favor ao aparecimento das pichações, não os dois. Por outro lado, a letra d) extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra e) está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.
3. Letra d). Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Texto VII

1. Letra a). A primeira linha do texto é reescrita na letra a), pois, ao se falar em "recente documento", está se falando em "atualidade" e ao mencionar "elaborado pelo IBGE", quer-se dizer "credibilidade".
2. Letra c). As letras a) e d) são eliminadas por falarem em "criticar" e "mostrar soluções", características do texto argumentativo, e não informativo. A letra b) extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar "poluição ambiental". Da mesma forma, a letra e) extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.
3. Letra b). O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. Letra c). Ao se falar da "marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão "marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra a) omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra b) extrapola o título. A letra d) contradiz o texto. A letra e), embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.
2. Letra e). O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra a) não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra b) é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra c) é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra d) vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.
3. Letra c). A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.
4. Letra e). Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. Letra a). O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é "fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra b) apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra c), o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; Por outro lado, a letra d) confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra e) extrapola o texto.
2. Letra c). O texto que explica, expõe dados é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.
3. Letra a). Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de "vender uma ideia" – o outdoor ("Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.
4. Letra e). O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra e) contradiz o texto.

Texto X

1. Letra e). O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. Letra b). Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras a) e c). Quanto à letra d), o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra e) é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.
2. Letra b). O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grava problema – a água.

Texto XII

1. Letra b). O texto “Raízes” é um texto narrativo, composto por duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia “a história que eu vou contar”.

Texto XIII

1. Letra c). O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. Letra b). O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. Letra d). Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é “fico então com as desvantagens”. Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.
2) Letra e). O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: “Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...”.

Textos XVI e XVII

1. Letra a). Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita “ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano”. Por outro lado, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.
2) Letra e). Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. Letra a). O texto XIX é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre “a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura”. Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso –seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. Letra d). Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de "fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. Letra a). O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. Letra c). O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra d) é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. Letra d). A letra a) não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra b), não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra c), não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra d) está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra e), o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. Letra d).

Texto XXIV

1. Letra c). O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. Letra e). O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras a) e c). A letra b), ao utilizar o verbo "descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra d) é falsa, pois o texto não defende a ideia de que "o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. Letra d). O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderna e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. Letra a). O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. Letra a). Na passagem do verbo no pretérito imperfeito ("dirigia") ao pretérito perfeito ("foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.
2. Letra a). O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.
3. Letra c). O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo ("o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto ("a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. Letra a). Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir ("Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. Letra a). O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do artigo 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra d): a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. Letra c). A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. Letra d.

Texto XXXIII

1. Letra c). O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. Letra b). O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente ("Provavelmente não se descobrirá ainda..."; "... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. Letra b). A intenção da autora é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. Letra c). Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra a), vale observar que

o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas b) e e). Quanto à letra d), não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.

2) Letra c). Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. **Letra c). O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que "todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".**

   2) *Letra d). Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras a), b) e c), pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra e) apresenta perfil de texto dissertativo.*

Texto XXXVIII

1. **Letra d). Todas as características apresentadas na questão são de um texto informativo, exceto a de que ele apresenta informações que interessarão obrigatoriamente a todos. Trata-se de uma generalização excessiva.**

*** O texto 1 ao 15 foram retirados de provas elaboradas pela banca do Cespe/UnB**

Texto I

Até recentemente, o impacto que as atividades humanas tinham sobre o ambiente que nos cerca era relativamente limitado. Provinha da construção das próprias cidades, de estrada e da expansão da fronteira agrícola, que desmatou a Europa Ocidental nos últimos cinco séculos, como está ocorrendo hoje com a Amazônia.

O grande responsável pela degradação ambiental nos últimos cem anos, contudo, foi o uso crescente de energia. À medida que carvão e petróleo começaram a ser usados em grandes quantidades, os problemas ambientais aumentaram, como ficou evidente em acidentes e outros eventos ligados diretamente ao uso de energia.

As causas da degradação ambiental são muitas e incluem produção e uso de fertilizantes, emissões de mercúrio e de chumbo e outras, resultantes de atividades industriais. Entretanto, a mais importante delas é a queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás). Cerca de 75% das emissões de dióxido de carbono, a principal causa do efeito estufa, provêm dessa queima. Cerca da metade do petróleo derramado nos oceanos vem do seu transporte. Mais de 80% do enxofre (responsável pela chuva ácida) e um terço das emissões de partículas são provenientes das impurezas de carvão e petróleo.

Por essa razão, a solução dos problemas ambientais depende do mofo como se produz e consome energia. Será eliminando as causas que se poderão diminuir os efeitos. Soluções existem e elas dependem essencialmente do uso crescente de energias renováveis, como energia hidrelétrica e o uso de biomassa (que é o nome genérico dado à madeira e aos produtos agrícolas, como cana-de-açúcar, da qual se podem produzir combustíveis sofisticados, como álcool). Além dessas, há ainda a energia dos ventos e a transformação direta da luz do Sol em eletricidade.

No mundo todo, a energia renovável representa 16% do consumo, mas a porcentagem é muito maior nos países em desenvolvimento, sobretudo no Brasil, onde atinge 60%.

É claro que o uso de combustível fóssil não vai desaparecer em um futuro próximo, mas é preciso preparar-se, porque as reservas conhecidas de petróleo e gás são finitas e não devem durar mais do que quatro ou cinco décadas. Muito antes disso, haverá escassez desses produtos e custos crescentes. A procura de alternativas energéticas deve começar agora.

(José Goldemberg. ***O Estado de S. Paulo****, 21/03/2000 (com adaptações).*

1. Em relação ao texto I, julgue os itens abaixo:

a) O uso do pronome de primeira pessoa do plural na expressão “nos cerca” (l. 2) indica que o autor desenvolve um texto subjetivo, pessoal, opinativo, em que a impessoalidade e a neutralidade científica estão ausentes.
b) Trata-se de um texto em que predomina a modalidade narrativa, pois o essencial é a focalização nos acontecimentos, nos agentes e nos cenários em as ações se desenrolam.
c) Infere-se do texto que o desmatamento da Amazônia tem como causa a expansão da fronteira agrícola.
d) A ideia central do texto está sintetizada no período das linhas 17 e 18 e no último período (l. 30-31).
e) A argumentação do texto desenvolve-se com base na oposição: energia proveniente de combustíveis fósseis e de reservas finitas *versus* energia proveniente de fontes renováveis.

Texto II

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. ***Na fronteira do futuro****. Brasília: EDUnB, 1989. p.13)*
(com adaptações).

1. Quanto à organização do texto II, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.
b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial-de-liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.
c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.
d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Texto III

Merecemos uma chance

– Até amanhã.

Eram mais de 22 horas de uma segunda-feira quando me despedi de minha amiga e colega M. "Até amanhã", respondeu M. E no amanhã M. não estava mais dando duro em sua cadeira, linda e jovial como a cada dia, cumprindo, compromissos e agendando tarefas. No dia seguinte M. estava num hospital, com hematomas da cabeça aos pés, nariz quebrado, dentes amolecidos e hemorragia interna.

Acontece que entre o até amanhã e o amanhã a juventude e a jovialidade de M. deram de cara com três psicopatas em busca de diversão. Eles a levaram a Osasco, na Grande São Paulo, e bateram nela até cansar. M. foi abandonada numa estrada, seminua e ensanguentada, enquanto seus carrascos procuravam outra vítima, "mais nova que essa". Que tipo de pessoa é capaz de cometer uma brutalidade dessas? Não basta uma classificação psiquiátrica ou sociológica. Tente imaginar a alma de um sujeito assim, e o que se vê é um poço sem fim, o real em estado puro. O horror, o horror.

Certos tipos de crime são independentes da sociedade em que se inserem. Em países ricos ou pobres, em povos cultos ou ignorantes, materialistas ou religiosos, capitalistas ou social-democratas, entre suecos ou tanzanianos, sempre torturadores compulsivos, assassinos seriais, estupradores etc. de alguma maneira, isso faz parte da natureza humana.

Não se trata aqui de uma aposentada na miséria furtando remédios na farmácia (e provavelmente sendo presa). Estamos falando no crime como modo de vida. Existe gente que literalmente vive disso. Se quer dinheiro, rouba. Não para "matar a fome", mas para comprar a melhor cocaína e o último Honda. Se gente assim quer se divertir, junta alguns amigos do mesmo caráter e escolhe mulheres ao acaso no trânsito. Na mesma delegacia onde M. prestou queixa, estavam arquivadas 10 outras ocorrência iguais.

Para casos assim existe essa instituição chamada polícia. Polícia é um serviço público, pago com nossos impostos, e não a encarnação do mal, este papel simplista que intelectuais, jornalistas e artistas costumam lhe reservar. Seu dever é proteger os não criminosos dos criminosos. Mas a polícia não está cumprindo seu papel. Há uma guerra nas ruas. É um assalto dos marginais ao resto, a tão decantada classe trabalhadora. É na periferia das grandes cidades que esses degenerados fazem suas primeiras vítimas. Assassinatos, crimes sexuais, roubo, tudo acontece primeiro e pior em bairros populares.

Qual a solução? Educação? Sim, mas... Um marmanjo que escolhe suas vítimas ao acaso não precisa exatamente de educação. Aliás, muitos criminosos têm educação esmerada, e até mesmo, dinheiro. São violentos porque são.

Policiamento? Óbvio. Mas no Brasil a segurança da população não é prioridade. O salário dos policiais foi enterrado no último prejuízo do Banco do Brasil. a verba das armas foi distribuída entre cabides de empregos de prefeituras falidas. Sem estrutura, paralisada pela burocracia, a polícia brasileira não protege a sociedade de seus criminosos. É o tipo de problema que parece não ter solução. Mas pode ter. Temos que buscar opções, e não apenas chorar o sangue derramado. O importante é que M. não seja mais atacada por psicopatas sem freios. Nem N., nem O., nem P. Nós, os não criminosos, merecemos uma chance.

*Dagomir Marquezi, **Exame**, p.126, 17/12/1997 (com adaptações).*

1. A compreensão de um texto decorre de vários fatores. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem utilizado pelo autor, julgue os itens a seguir.

a) O texto é eminentemente dissertativo, apesar de conter trechos narrativos.

b) O primeiro parágrafo reproduz, em discurso direto, as últimas palavras que o autor ouviu de M. na noite anterior à morte de sua amiga.

c) Há, no segundo e no terceiro parágrafos, passagens descritivas relativas à vítima e aos seus assaltantes.

Texto IV

A conflitante formação de valores das novas gerações

A família tem sido considerada a célula-base da sociedade; ela concebe e desenvolve novos indivíduos, reproduzindo e alterando valores sociais, das mais variadas formas. A ela é confiada a responsabilidade de formar gerações. Questiona-se, entretanto, se a família estaria, realmente, desempenhando esse papel e formando gerações moral e eticamente saudáveis, ou delegando essa responsabilidade a terceiros, arriscando-se a produzir conflitos dessa ordem consigo mesma.

Faz-se necessário verificar que a dinâmica social que enfrentamos impingiu-nos a transferir o papel de criação de nossos filhos às creches e escolas, bem como a diminuirmos nosso tempo de contato com eles, resultando prejudicada a transferência direta de valores de uma para outra geração.

Tende a ocorrer, então, uma padronização nos valores dos novos seres, uma vez que, em cada faixa social, predomina um código ético e moral distinto e bastante definido. Ainda que, por vezes, estes se mesclem, a tendência para uma massificação, quer de grupos ou global, cujo controle nos foge, é inevitável.

A consequência de uma relação social como a descrita, no âmbito da família que carece de tempo de convívio e de ideias comuns, é a suscetibilidade ao rompimento brusco da intimidade familiar, devido a confrontos entre pessoas que, embora ligadas pelo mesmo sangue, não aprenderam juntas os caminhos e o valor da vida. Pode ocorrer, então, o surgimento de uma geração que ficará à mercê de conceitos sociais pluralistas os quais, embora preparem a família para enfrentar e reproduzir a sociedade, não lhe garantem a transferência dos valores entre as gerações.

André Felipe G. Martins. ***Desmistificando a redação.***
Florianópolis: Palloti, 1997. p. 64 (com adaptações).

Texto V

Geração liberal – aplauso ou degola?

Às vésperas do terceiro milênio, labirintos misteriosos da ciência e doenças outrora incuráveis vêm sendo desvendados. Mas, à medida que se desenvolve, o século da urgência expõe à guilhotina famílias inocentes, desnorteadas com o constante processo de mudanças sociais por que passamos.

Depois do período de ditadura militar brasileiro, de 1964 a 1979, o excesso de liberdade e a falta de rigidez na instrução dos filhos surgem como consequência da repressão e do autoritarismo que os pais vivenciaram décadas atrás. As não raras cenas de hoje de violência e injustiça também contribuem para a degradação da família. Habituadas ao cotidiano de assaltos, brigas e sequestros, as crianças levam para dentro dos próprios lares atitudes agressivas – espelho do mundo moderno.

Grande parte dessa culpa atribui-se, ainda, à necessidade de nossa era consumista, que mantém os pais longe de casa, pois o trabalho, colocado em primeiro plano, absolve-lhes bastante tempo. Para compensar a carência afetiva a que estão sujeitos seus filhos, os pais tentam, por meio de dinheiro, recuperar a integração em casa; compra-lhes brinquedos, roupas e calçados da moda.

Assim, o progresso tecnológico, com um riso irônico, lega aos homens seus inventos mirabolantes, mas debocha do crescimento desordenado e rápido de uma sociedade contraditória, que se moderniza cientificamente, mas regride no âmbito dos valores morais. É preciso que se descubra o que torna o homem inerme diante de tal situação, para que se possa resgatar a união e a identidade da instituição família, pois ainda há tempo para se evitar a degola da mesma.

Lisiane Schneider. ***Desmistificando a redação****. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 75 (com adaptações).*

1. Confrontando a tipologia textual e as ideias dos textos V e VI, julgue os itens a seguir.

a) Os dois textos dissertam acerca do mesmo assunto, qual seja, o conflito familiar na educação das novas gerações.
b) Ambos os textos estruturam-se com um parágrafo introdutório, de âmbito geral, dois blocos em que se enfocam desdobramentos do tema e um parágrafo conclusivo, em que se arrematam as ideias já apresentadas.
c) Enquanto o texto IX focaliza o assunto sem detalhar o fator temporalidade, o texto X situa o problema no tempo e no espaço, circunscrevendo-se à realidade brasileira da segunda metade do século XX.
d) Há em comum aos dois textos o argumento de que a diminuição do tempo de permanência dos pais com os filhos é um dos fatores responsáveis pelo aumento de conflitos.

Texto VI

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.

Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a “terra que o viu nascer”. Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.

Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais, que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. para isso ia até o crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do “seu” rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo.

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora, com seus dedos rosados, abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, Arte y diccionario de la lengua guarani ó más bien tupi, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse e tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?"

Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade de seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concentrou o pince-nez, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

– Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

*Lima Barreto. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Record, 2ªed., 1998, p.17-8.*

1. No que diz respeito à tipologia textual, assinale a opção incorreta.

a) Apesar de conter passagens narrativas, o texto é fundamentalmente uma descrição de Policarpo Quaresma.

b) Há, no texto, três ocorrências de discurso direto.

c) Em "do Amazonas em face da do Nilo" (l. 26-27), o vocábulo **extensão** é subentendido.

d) Na linha 29, o trecho entre aspas não se identifica com o estilo predominante no texto. selidade brasileira da segunda metade do o fator temporalidade, o texto X situa o problema no tempo e no espaço, circunscr

e) A expressão "louro Febo" (l. 29) é uma alusão ao **Sol**.

Texto VII

O anônimo

Tão logo o carteiro entregou a correspondência, Eduardo foi em busca daquilo que, a experiência já lhe ensinara, certamente estaria ali: a carta anônima. De fato, não tardou a encontrar o envelope, àquela altura familiar, o seu nome e endereço escritos em neutra letra de imprensa, e a nenhuma indicação de remetente (alguns missivistas anônimos usam pseudônimo. Aquele não fazia concessões, nada fornecia que pudesse alimentar especulações com respeito à identidade).

Com dedos um pouco trêmulos – a previsibilidade nem sempre é o antídoto da emoção – Eduardo abriu o envelope. Continha, como de outras vezes, uma única folha de papel ofício manuscrita em letra de imprensa. Como de hábito, começava afirmando: "Descobri teu segredo.". Nova linha, parágrafo, e aí vinha a acusação.

No presente caso: desonestidade. "Todos acham que você é um homem sério, correto", dizia a carta. "mas nós dois sabemos que você não passa de um refinado patife. Você está roubando seu sócio, Eduardo. Há muito tempo. Você vem desviando dinheiro da firma para a sua própria conta bancária. Você disfarça o rombo com supostos prejuízos nos negócios. Seu sócio, que é um homem bom, acredita em você. Mas a mim você não engana, Eduardo. Eu sei de tudo que você está fazendo. Conheço suas trapaças tão bem como você".

Eduardo não pôde deixar de sorrir. Boa tentativa, aquela, do missivista anônimo. Desonestidade na firma, isto não é tão incomum. Com um sócio tão crédulo como era o Ênio, Eduardo de fato não teria qualquer dificuldade em subtrair dinheiro da empresa.

Só que ele não estava fazendo isso. Em termos de negócios, era escrupulosamente honesto. Mais que isto, muitas vezes repassara dinheiro para a conta de Ênio – um

trapalhão em matéria de finanças – sem que este soubesse. Honesto – e generoso. Contudo, como certos caçadores tão pertinazes quanto incompetentes, o autor da carta anônima atirara no que vira e acertara no não vira.

Eduardo enganava Ênio, sim. Mas não na firma. Há meses – em realidade, desde que aquela história das cartas anônimas começara – tinha um caso com a mulher do sócio, Vera: grande mulher. Claro, não poderia garantir que não sentia um certo prazer em passar para trás o amigo que sempre fora mais brilhante e mais bem sucedido do que ele, mas, de qualquer forma, isto nada tinha a ver com a empresa. Desonestidade nos negócios? Não. Tente outra, missivista. Quem sabe na próxima você acerta. Tente. Tente já.

Sentou à mesa, tomou uma folha de papel ofício e escreveu, numa bela mas inconspícua letra de imprensa: "Descobri teu segredo."

Moacyr Scliar. ***Correio Braziliense****, Caderno Dois, p. 2, 21/12/1997 (com adaptações).*

1. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem do texto, julgue os itens seguintes.

a) A história acerca das cartas anônimas, conforme contada pelo autor, apresentando-se na forma de uma narrativa curta, densa, exemplifica o que é conhecido por conto.
b) Os trechos registrados entre aspas no texto estão dispostos na forma de discurso indireto.
c) As passagens descritivas são predominantes nos quatro últimos parágrafos.

Texto VIII

A OCASIÃO DEFEZ O LADRÃO

Chácaras sempre foram lugares de pequenos furtos. Pás, enxadas, rastelos, galinhas, porcos e cavalos costumam desaparecer mato a dentro e como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio urbano, a população rural costuma dar por encerrado o assunto.

Mas como nem todo mundo é todo mundo, o caseiro Raimundo das Chagas não se contentou em ver desaparecer do quintal do patrão, no Lago Oeste, um carrinho de mão que usava para carregar adubo. Era um veículo velho, rodas desgastadas e desajeitado, que costumava ranger quando convocado ao trabalho.

Desapareceu, no mesmo dia, um botijão de gás. Pois carrinho e botijão sumiram entre o entardecer e o dia claro. Com certeza, saíram um furto sobre o outro.

Raimundo foi criado para ver as coisas sempre no lugar, com um sentimento de justeza raro nesses dias. Resolveu sair a esmo, conversando nos botecos, perto das mesas de sinuca, relatando – com falsa ingenuidade – o sumiço do carrinho de mão.

Soube num quiosque bem mais adiante, quase chegando no Poço Azul, que um rapaz de nome João estava vendendo um botijão de gás. O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.

Não passou meia hora e Raimundo chegava à casa de João, um barraco descascado, de um rosa pálido e manchado, que um dia foi pintado de cal misturada com um pouquinho de tubo xadrez vermelho. O carro de mão encostara-se perto da porta da cozinha e o botijão podia ser visto do outro lado, quase beirando o poço.

João estava lá ouvindo rádio sentado sobre uma tora de madeira. Raimundo não planejou nem avaliou o risco da empreitada. Aproximou-se do moleque – porque o rapaz era franzino, pouco mais que um menino –, levantou a voz apenas um tom acima do habitual, pegou o garoto pela orelha, como faz um pai à moda antiga, e o obrigou a levar o carrinho de mão e o botijão, sete quilômetros acima, até o lugar de onde havia sido tirado.

Não falou muito, não deu lição de moral, tão inevitável numa situação dessas.

O pequeno ladrão obedeceu, pálido, resmungando alguma coisa bem baixinho – não se sabe o quê.

Muitos os viram passar, subindo a ladeira que margeia o Parque Nacional, na DF-001, mas quase ninguém supôs que ali se aplicava um castigo educativo.

– Nunca mais ele mexe no que é dos outros, repete Raimundo nas poucas vezes em que fala do assunto.

A lição parece ter servido. Desde então não mais se teve notícias de furtos naquelas proximidades.

*Caderno Cidades: Coisas da vida **Correio Brasiliense**, 26/1/1998 (com adaptações).*

1. Quanto à tipologia textual apresentada, assinale a opção incorreta.

a) "A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO" é um texto predominantemente narrativo.
b) No primeiro parágrafo, ocorre uma passagem dissertativa: a reflexão acerca dos crimes contra o patrimônio urbano e rural.
c) As indicações "Lago Oeste" (l. 6), "Poço Azul"(l. 14) e "Parque Nacional" (l. 31) não são suficientes para se concluir que o episódio narrado é um fato verídico.
d) A descrição do ladrão, feita pelo autor, encontra-se, principalmente, nos parágrafos quinto e sétimo.
e) O penúltimo parágrafo, iniciado por um travessão, evidencia a presença de um diálogo, ratificando aquele insinuado no parágrafo oitavo.

Texto IX

Esta promissora América Latina

Em sua posse no cargo de ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o embaixador Sérgio Amaral reafirmou o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras. Ficou claro para todos que ele expressava uma posição de governo, enfatizada pelo presidente da República, em uma demonstração de que o espírito das autoridades federais está inoculado pela causa e de que a compreensão do que significa uma ação coordenada, visando à inserção do Brasil na economia internacional, começa a se disseminar. Entre outras coisas, o ministro declarou: "Nossa prioridade é o MERCOSUL".

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos, particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e é uma ampliação e melhoria da infra-estrutura nacional, principalmente no setor de transportes. Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.

Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização. O governo federal não deve fechar-se sobre o MERCOSUL. Precisamos assumir o papel geopolítico de liderança em toda a América do

Sul, até porque nossa condição diferenciada no contexto mundial facilita a captação de capitais internacionais, para financiar, aqui, operações dessa natureza. A infra-estrutura de transportes, geração de energia e telecomunicações e as riquezas do subsolo estão esperando por investimentos. Se não os fizemos, outros farão.

*Emílio Odebrecht. **Ícaro Brasil**, nov/2001, p. 28-30 (com adaptações).*

1. Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto 14.

a) No primeiro parágrafo, fica explícita a disposição do governo em enfrentar o desafio do aumento das exportações brasileiras, prioritariamente junto aos países que compõem o MERCOSUL.
b) No segundo parágrafo, alude-se à ampliação dos limites do mercado, de forma a abranger todo o continente sul-americano, e levantam-se algumas estratégias de ação para viabilizar esse propósito: redução dos juros, aumento da disponibilidade de recursos, reforma tributária, aperfeiçoamento da legislação trabalhista e ampliação e melhoria da infra-estrutura de transportes.
c) O terceiro parágrafo, predominantemente narrativo, apresenta o ponto de vista do narrador acerca do dinheiro, da sabedoria dos antepassados e das estratégias empresariais do governo africano para com o petróleo.
d) O quarto parágrafo descreve o vasto mercado para a exportação da América do Sul, além do MERCOSUL, o papel geopolítico de liderança brasileira na região sul-americana, a condição diferenciada do Brasil no contexto mundial e a infra-estrutura brasileira de transportes, de geração de energia, de telecomunicações e de tecnologia.
e) Nesse texto, eminentemente dissertativo, o autor discute o assunto do incremento das exportações brasileiras na América do Sul, apresentando vários argumentos que teriam, em tese, o intuito de fazer o leitor partilhar do seu ponto de vista, que está resumindo na última ideia do texto: "Se não o fizermos, outros farão".

Texto X

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

1. No segundo parágrafo do texto, o autor usa o exemplo de quem passa a vida "na mesma casa de família" para reforçar sua ideia de que:

a) a convivência rotineira favorece as lembranças de pessoas e fatos.
b) ele próprio poderia ser um conviva de muito boa memória.
c) a vida familiar faz lembrar somente as circunstâncias, e não os fatos.
d) viver em casa de família ou em hospedarias faz mal à memória.
e) viver em família com seus eternos móveis e costumes descansa a mente e estimula a memória.

2. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto.

a) "Há dessas reminiscências".
b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória".
c) "A vida é cheia de tais convivas".
d) "Não, não, a minha memória não é boa".
e) "Quantas ideias finas me acodem, então".

Texto XI

Miss Dollar

Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar. Mas, por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.

Se o leitor é rapaz e dado ao gênio melancólico, imagina que Miss Dollar é uma inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo à flor do rosto dois grandes olhos azuis e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do roastbeef britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. (...) O chá e o leite devem ser a alimentação de semelhante criatura, adicionando-se-lhe alguns confeitos e biscoitos para acudir às urgências do estômago. A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro. (...). A figura é poética, mas não é a da heroína do romance. (...)

A Miss Dollar do romance não é a menina romântica. (...) Miss Dollar é uma cadelinha galga.

Para algumas pessoas a qualidade da heroína fará perder o interesse do romance. Erro manifesto. Miss Dollar, apesar de não ser mais que uma cadelinha galga, teve as honras de ver o seu nome nos papéis públicos, antes de entrar para este livro. O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:

"Desencaminhou-se uma cadelinha galga, na noite de ontem, 30. Acode ao nome de Miss Dollar. Quem a achou e quiser levar à rua de Matacavalos no. ..., receberá duzentos mil-réis de recompensa. Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado em que se leem as seguintes palavras: De tout mon coeur."

Todas as pessoas que sentiam necessidade urgente de duzentos mil-réis, e tiveram a felicidade de ler aquele anúncio, andaram nesse dia com extremo cuidado nas ruas do Rio de Janeiro, a ver se davam com a fugitiva Miss Dollar.

*Machado de Assis. **Contos: uma antologia**, v. I, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 123-5.*

1. Considere que parte dos quatro primeiros parágrafos do fragmento desse conto seja retirada, desaparecendo, portanto, as ideias ali expressas e permanecendo desse trecho apenas o período final do quarto parágrafo — "O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:". Nesse caso, é correto afirmar que o restante do texto ficará:

a) incompreensível.
b) muito prejudicado por perda de informações sobre o perfil da heroína.
c) sem a apresentação de outras personagens que participam da história.
d) sem a informação de que a cadelinha galga era a heroína da história.
e) mais curto apenas, sem perda de qualquer informação importante para a história.

2. O primeiro parágrafo do texto mostra que o autor pretende:

a) não apresentar a heroína, para criar mistério.
b) fazer longas digressões, para criar suspense.
c) encher o papel de ideias inúteis para a história.
d) apresentar logo a heroína e iniciar a ação.
e) hesitar todo o tempo que for possível.

3. O segundo parágrafo do texto consiste principalmente em uma descrição:

a) de personagem secundária.
b) de personagem principal.
c) de alguém que não é a heroína.
d) do local onde vive a heroína.
e) da vilã da história.

4. O autor do texto manifesta opinião pessoal no(s) trecho(s):

I. "Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber".
II. "publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa".
III. 'Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado'.
Assinale a opção correta.

a) Apenas um dos itens está certo.
b) Apenas os itens I e II estão certos.
c) Apenas os itens I e III estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.
e) Todos os itens estão certos.

Texto XII

Globalização

A globalização começou no dia em que um anônimo primitivo, em alguma parte do continente ainda sem nome, movido por um sentimento de curiosidade, caminhou além dos limites conhecidos por sua tribo e encontrou um grupo de desconhecidos, com o qual entabulou algum tipo de comunicação. A partir daquele momento, os homens nuca mais pararam de caminhar, de olhar ao redor e de integrar-se em um processo de globalização cada vez mais amplo.

Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, esse processo se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo.

O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo. O conhecimento das informações, o acesso às coisas e a influência do poder ficaram internacionais e chegam ao mesmo tempo em todas as partes. Globalização é essa "simultaneidade totalizante", que se instalou sem uma integração entre os homens. Para surpresa de todos que observam o mundo global, a globalização torna iguais os seres, não importa o grupo a que pertençam, mas faz com que dentro de cada grupo as pessoas sejam mais diferentes entre elas do que no passado.

Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. A globalização é um processo de disseminação das ideias, da cultura e dos objetivos sociais dos Estados Unidos. No lugar de globalização, há uma ameriglobalização. A melhor prova disso é que esse país defende a abertura comercial, mas fecha suas fronteiras e toma medidas protecionistas sempre que necessário.

Cristovam Buarque. ***Admirável mundo atual – dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado.*** *São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 29 (com adaptações).*

1. Analisando a tipologia do texto e a síntese das ideias nele desenvolvidas, assinale a opção incorreta.

a) O primeiro parágrafo apresenta o mais remoto indício da globalização, título do texto, de forma expositiva, sem haver posicionamento explícito do autor frente aos acontecimentos.

b) O segundo parágrafo mostra a evolução do processo, em uma retrospectiva histórica, desde o final do século XV, tempo e, que a influência europeia no mundo se fez marcante, até o século XIX, quando as informações chegavam a diversos lugares do mundo "em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo".

c) No terceiro parágrafo, o autor, de forma descritiva e privilegiando a apresentação do quadro global em vários pontos do planeta, discorre a respeito do processo de total simultaneidade, instalada sem uma integração entre os homens.

d) No quarto parágrafo, o autor desmistifica a visão corrente de que a globalização é um processo neutro de internacionalização, exemplificando com a atuação da sociedade norte-americana perante o mundo.

e) Em todo o texto predomina a estrutura dissertativa, por meio da qual o assunto é abordado, em linguagem objetiva e referencial, obedecendo a um viés cronológico, do passado ao presente.

Texto XIII

O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções — condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça, cumprindo seu papel como um dos principais instrumentos de garantia aos Direitos Universais do Homem.

Não importa se vítima ou agressor: o periciado tem o direito de ser visto e respeitado como homem, sendo examinado em ambiente neutro, sem a presença de estranhos, devendo sentir-se seguro e livre de coações. Enfim, contar com total liberdade para relatar sua versão dos fatos. Por sua vez, o médico-legista deve exercer seu mister livre de constrangimentos, coações ou pressões de quaisquer espécies, mantendo o respeito incondicional pelo homem.

Para deixar mais claro: a própria Resolução CFM nº 1.635, de 9 de maio de 2002, veda ao médico a realização de exames médico-periciais de corpo de delito em seres humanos no interior dos prédios e(ou) dependências de delegacias, seccionais

ou sucursais de polícia, unidades militares, casas de detenção e presídios. Proíbe, ainda, exames de corpo de delito em seres humanos contidos por algemas ou por qualquer outro meio — exceto quando o periciado oferecer risco à integridade física do médico-perito.

Como ficaria a posição do legista, trabalhando no interior de delegacias policiais, quartéis ou casas de detenção, repleta de policiais, caso assistisse à violação dos direitos humanos? Seria uma simples testemunha ou um perito médico, com obrigação legal de relatar os fatos? Um legista não é (e não pode ser visto como) testemunha ou cúmplice dos fatos.

Nunca, jamais, devem acontecer ocorrências que levem o periciado a confundir a figura imparcial e isenta do médico-legista (interessado na busca da verdade, por meio da prova técnica) com o aparelho repressor do Estado. Sua função é descrever, por meio da observação atenta e minuciosa, os fatos ocorridos, interpretando-os para a justiça, com seus conhecimentos de medicina.

Internet: <www.bioetica.org.br> (com adaptações).

1. A partir do texto, assinale a opção que resume, corretamente, a ideia do parágrafo correspondente.

a) primeiro parágrafo – apresentação de função, característica e objetivo dos laudos médicos-periciais.
b) segundo parágrafo – relato da necessidade de agressores e vítimas descreverem as versões dos fatos, responsavelmente.
c) terceiro parágrafo – narrativa sintética dos princípios da Resolução CFM nº 1.635, de 9 de maio de 2002.
d) último parágrafo – argumentação imparcial em defesa da isenção dos médicos-legistas.

Texto XIV

Tempo e artista

Imagino o artista num anfiteatro
Onde o tempo é a grande estrela
Vejo o tempo obrar a sua arte
Tendo o mesmo artista como tela
Modelando o artista ao seu feitio
O tempo, com seu lápis impreciso
Põe-lhe rugas ao redor da boca
Como contrapesos de um sorriso
Já vestindo a pele do artista
O tempo arrebata-lhe a garganta
O velho cantor subindo ao palco
Apenas abre a voz, e o tempo canta
Dança o tempo sem cessar, montando
O dorso de exausto bailarino
Trêmulo, o ator recita um drama
Que ainda está por ser escrito
No anfiteatro, sob o céu de estrelas
Um concerto eu imagino
Onde, num relance, o tempo alcance a glória
E o artista, o infinito.

Chico Buarque de Holanda. Para todos.
SONOPRESS, BMG, Ariola Discos Ltda.

1. Considerando as ideias do texto, é correto afirmar que o autor

a) apresenta o tempo como um inimigo implacável da carreira do artista.
b) mostra divergências existentes entre a imaginação do artista e a ação do tempo.
c) relata acontecimentos vividos por um artista através dos tempos.
d) sustenta que, na sua imaginação, a estrela do espetáculo é o tempo, e não o artista.

Texto XV

Lembrei-me daquele começo de campanha e do seu esforço para conseguir uma notinha. Você, que nunca foi jornalista, acionou a imprensa como nós todos juntos não conseguimos. No início, cheguei a ouvir: "Mais velho do que a fome só o Betinho". Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia. Você se impôs e nos pôs a serviço de sua causa.

Algumas pessoas o classificavam como assistencialista, idealista, utópico, querendo dizer que não passava de um sonhador. Como bom mineiro, você ria. Elas não percebiam que você sabia que não ia abolir a fome nem erradicar a miséria. O que queria era tirar o país do conformismo, passar da indignação à ação, mostrar que a fome e a miséria são um escândalo. O que você quis foi derrotar a razão cínica e substituí-la por uma razão ética.

Zuenir Ventura. Como imaginar que dessa vez era pra valer? In: Crônicas de um fim de século. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p. 216 (com adaptações).

1. Com relação às ideias e aos aspectos gramaticais do texto, julgue os itens que se seguem.

a) No primeiro parágrafo do texto, o autor narra o empenho de uma pessoa para instituir uma campanha de combate à fome e à miséria.
b) No segundo parágrafo do texto, o autor estabelece uma oposição entre dois tipos existentes de "razão".

GABARITO:

Texto I

a) Errada. O fato de o autor utilizar-se da 1ª pessoa do plural (nos) é uma forma de ele se incluir no texto, eis que se trata de problema que atinge a todos, mas não pode ser considerado um indício de que o texto seja pessoal, subjetivo.
b) Errada. No texto, há predominância da modalidade dissertativa – ele discorre sobre a questão energética.
c) Certa. Na linha 3 ao mencionar que a expansão agrícola desmatou a Europa Ocidental, indica que o mesmo aconteceu com a Amazônia, como se pode observar pelo trecho "como está ocorrendo hoje com a Amazônia".
d) Certa. De fato, a tese do texto é "a solução dos problemas ambientais depende do mofo como se produz e consome energia". Tal informação retorna ao final do texto.
e) Certa. O texto analisa o problema da energia cuja reserva tem fim e sugere o investimento em energias renováveis.

Texto II

1.

a) Errada. A argumentação do texto não se estrutura em torno de três textos, mas de dois: o eixo científico e tecnológico e o humanista.
b) Certa. De fato, essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada."
c) Errada. O texto é de fato predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (exemplos) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.
d) Certa. Tal afirmativa reescreve a tese do texto, podendo, portanto, ser sua continuidade.

Texto III

1.

a) Certa. Ainda que apareçam trechos narrativos-descritivos, em que se relatam acontecimentos para ilustrar a tese, o objetivo maior do texto é o de discorrer sobre o crime como modo de vida.

b) Errada. Trata-se de discurso reproduzido de forma direta, por meio da utilização de aspas e de verbo elocucional ("respondeu M."). Entretanto, o texto não indica que tenham sido suas últimas palavras antes de sua morte, mas sim antes de ser hospitalizada.

c) Errada. De fato, há trechos descritivos, mas relativos às vítimas, não aos assaltantes.

Texto IV e V

1.

a) Certa. Os textos tratam do mesmo tema.

b) Certa. Ambos os textos seguem a estruturação de um texto dissertativo padrão: introdução com apresentação do tema e parágrafos de desenvolvimento seguidos de um parágrafo final conclusivo.

c) Certa. Apenas o texto V trata do tema situando-o em relação ao tempo ("às vésperas do terceiro milênio") e espaço – o Brasil.

d) Certa. Além de os textos tratarem do mesmo assunto, eles o analisam sob o mesmo enfoque – a ausência dos pais e os conflitos por ela gerados.

Texto VI

1. Resposta letra b). A letra a) está correta – o objetivo maior do texto é caracterizar Policarpo Quaresma. Ainda assim, há passagens narrativas, principalmente nos 2º e 4º parágrafos. A letra c) está igualmente correta, eis que a presença do artigo na contração "da" em "em face da do Nilo", pressupõe o substantivo subentendido. A letra d) está correta, pois o trecho apresenta uma linguagem mais arcaica, estilo que não predominou no texto. A letra e) de fato indica uma alusão ao Sol. Já a letra b) está errada, pois não há três ocorrências de discurso direto no texto: há somente duas, uma na linha 35 e outra na linha 41.

Texto VII

1.

a) Certa. De fato, essa é uma narrativa curta, narrativa curta e concisa em torno de um único núcleo: a correspondência para Eduardo.

b) Errada. As aspas são o indício de que o discurso utilizado pelo narrador é direto.

c) Errada. Nos quatro últimos parágrafos, o que predomina é a narração.

Texto VIII

Resposta letra e)

a) Certa. A intenção maior do texto é relatar acontecimentos: a história do caseiro Raimundo das Chagas.

b) Certa. O autor inicia sua narrativa fazendo considerações, observações pessoais ("como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio"), mas do 2º parágrafo em diante inicia o seu relato.

c) Certa. O fato de o autor mencionar localidades que existem não faz de sua narrativa um acontecimento verídico.

d) Certa. Nos parágrafos 5 e 7, o narrador descreve o ladrão ("o rapaz era franzino, pouco mais que um menino", ("O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.").

e) Errada. Não há diálogo, o que se vê aqui é um pensamento do personagem.

Texto IX

a) Certa. A alternativa é a reescritura do início do texto ("o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras"; "Nossa prioridade é o MERCOSUL".).
b) Certa. De fato, o objetivo do 2º parágrafo é de enumerar a agenda de definições e atos do governo federal, devidamente reescritas na alternativa.
c) Errada. O terceiro parágrafo não narra, ele discorre, discute um assunto por meio de um exemplo.
d) Errada. O quarto parágrafo é dissertativo, ele não descreve, mas sim discute um assunto o vasto mercado da América do Sul.
e) Certa. De fato, a tese do texto vem explicitada no seu final, quando o autor alude à necessidade de se realizarem de imediato ações de incremento às exportações.

Texto X

1. Letra a). No texto, o autor diz que "A quem passe a vida na mesma casa de família, ... é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição."
2. Letra b). Todas as outras alternativas são exemplos de trechos dissertativos, abstrações, conceitos. Somente a alternativa b) relata um acontecimento da vida do narrador.

Texto XI

1. Letra d). A supressão dos parágrafos descritivos não prejudicaria a compreensão da história, daí eliminarmos as alternativas a) e b). Quanto à letra c), vale observar que os parágrafos descrevem apenas uma personagem – sua heroína. A letra e) vai além da realidade, ao julgar que tais parágrafos apresentam informações sem importância para a história. A resposta correta é a letra d), pois o objetivo dos parágrafos era o de descrever a personagem principal do texto.
2. Letra d). Ainda que o autor não apresente de imediato a heroína no texto, percebe-se que sua intenção inicial era a de apresentá-la ("Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.")
3. Letra b). O item I apresenta passagem opinativa, por meio da expressão "era conveniente". O mesmo ocorre com o item II, por meio do trecho "linhas reverberantes de promessa". Já o item III não apresenta opinião, apenas um fato.
4. Letra b). Ambas as assertivas I e II apresentam vocábulos modalizadores. Nesses trechos observa-se a presença de adjetivos com valor subjetivo: conveniente, reverberantes. Tais adjetivos indicam a opinião do autor do texto. Já o item III apresenta um fato, uma afirmação destituída de conteúdo pessoal, subjetivo.

Texto XII

Resposta letra c). Todas as alternativas estão corretas, exceto esta. O terceiro parágrafo é dissertativo; ele discorre sobre um assunto – a globalização como uma "simultaneidade totalizante". Daí a alternativa estar errada: o autor não apresenta o assunto de forma descritiva, mas sim dissertativa.

Texto XIII

Resposta letra a). A alternativa a) é a paráfrase do 1º parágrafo ("O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções — condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça"). Neste parágrafo, apresentam-se as funções (prova técnica), característica (isento de tendências, vícios e distorções) e objetivo (descrever e interpretar fatos médicos). A letra b) está errada, pois o 2º parágrafo não relata acontecimentos – ele discorre sobre a necessidade de uma postura respeitosa por parte do médico-legista. Quanto à letra c), encontra-se de imediato um erro ao se afirmar que o parágrafo 3 narra os princí-

pios da Resolução CFM: não há narrativa, há exposição do que se sabe sobre a Resolução. Já a letra d) apresenta erro ao afirmar que a argumentação que finaliza o texto é imparcial: pelo contrário, se o autor opina, suas ideias são apresentadas de forma parcial no texto.

Texto XIV

1. Resposta letra d). O texto é dissertativo – nele o autor discorre sobre o tempo como estrela do espetáculo em um anfiteatro do artista ("onde o tempo é a grande estrela"). A letra a) extrapola o que o texto afirma, pois não se falou no tempo como "um inimigo implacável" do artista. A letra b) erra ao falar sobre a imaginação do artista – trata-se da imaginação do autor e também não há divergências entre ela e a ação do tempo. Quanto à letra c), o erro está no fato de que o texto não objetiva narrar acontecimentos vividos por um artista, mas abstrair sobre um tema – a ação do tempo.

Texto XV

1.

a) Certa. O objetivo do parágrafo é relatar acontecimentos: a campanha de Betinho contra a fome e a miséria ("Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia").
b) Certa. Por outro lado, o segundo parágrafo tem como objetivo apresentar a dualidade da campanha de Betinho, apresentando características expositivas.

Capítulo 22

Estruturação Argumentativa

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo da aula de hoje é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

A ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de se interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** – observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

TEXTO COMENTADO

QUALIDADE DE VIDA

Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ

É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana[1]*, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles*[2]*, há maiores possibilidades de se obterem alimentos adequados*[3] *e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras*[4].

Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso[5]*. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.*

Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis[6]*. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.*

Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais[7]*. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.*

Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade[8]*. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo*[9].

---

[1] tese;
[2] tópico frasal 1;
[3] tópico frasal 2;
[4] tópico frasal 3;
[5] reescritura do tópico frasal 1;
[6] reescriura do tópico frasl 2;
[7] reescritura do tópico frasl 3;
[8] reescriura da tese;
[9] acréscimo de opinião do autor.

O Parágrafo Argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, *"o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela"*. O parágrafo seria, portanto, uma espécie de mini-texto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

O Tópico Frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico-frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo. Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

A Estruturação do Parágrafo Argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1) Uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2) Desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3) Conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Observe:

"O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

Análise da estruturação do parágrafo:

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infra-estrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

COMO EXPANDIR O PARÁGRAFO

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada através de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um <u>contraste</u> (que enfoca as diferenças) ou um <u>paralelo</u> (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação**(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências:

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se assim em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: um crescimento horizontal por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; um crescimento vertical, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, mecanismo de maior gravidade, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

> (...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.
>
> Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirma-la com o exemplo, há de amplifica-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.
>
> (Sermão da Sexagésima. In: – Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas – finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1) Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata;
2) Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática;
3) Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4) Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.
5) Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

Comentários:

1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana." Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos." Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

Comentários:

2) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço." Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita." Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente."

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

Comentários:

3) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas." Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade. Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

Comentários:

4) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes. Parágrafo sem conclusão.

5. "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

Comentários:

5) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não." Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

6) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

7. "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

Comentários:

7) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

8) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características. Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

9) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo. Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

10) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano. Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

11) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

12) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. Conclusão do

parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

13) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

14) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

15) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. 4º objetivo – A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas. Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

16) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos. Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida

pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

17) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores."

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

18) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Disso resultaram duas noções. Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura. Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

19) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má-vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores. Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

20) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país. Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

21) (Parágrafo indutivo) Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio. Apresentação do tópico frasal: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

22) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

23) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris). Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

24) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

25) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: Lagartixas são excelentes alpinistas. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície. Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

QUESTÕES DE ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

Enunciados mais comuns:

"O texto se estrutura..."; "Os argumentos do autor se fundamentam em..."; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos..."; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto..."; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que..."; "O tema do texto é..."; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de..."

"Agora que você já treinou a estruturação do parágrafo argumentativo, o próximo passo é ver a aplicabilidade dessa técnica nas provas de concursos públicos. Vamos às provas comentadas?"

Provas Comentadas

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

> "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".
>
> (Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados;
b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período;
c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores;
d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo;
e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. **“De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos...”; a expressão sublinhada tem a finalidade de:**
   a) retificar informações anteriores;
   b) ampliar informações já fornecidas;
   c) confirmar informação prestada anteriormente;
   d) explicar informações pouco claras;
   e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Questão 1:

Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo*. Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresentam *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo)*. Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

Gabarito: letra C.

Questão 2:

Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve*.

Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

Gabarito: letra C.

Você percebeu, pela questão, que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada através de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores*...

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de <u>contrastes</u> (que enfocam as diferenças) ou <u>paralelos</u> (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação****(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou

o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

> *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência,* ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

> *As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras* ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.*

Percebeu como o autor, no 2º período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se assim em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

> *Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas* ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: *"Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."*

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: *"Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos."*

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: *"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".*

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: *"No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual* ***os conhecimentos venceram o tempo e o espaço****."*

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: *"**Venceram o tempo**, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. **Venceram o espaço**, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita."*

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: *"Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente."*

3. "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: *"Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não."* A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: *Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas.*

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: *Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.*

Bom de se ler e de se copiar em uma futura redação, não é?

4. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: *Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três.*

Logo, a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: *A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas.*

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: *Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.*

5. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência.* O desenvolvimento do parágrafo ocorre por meio da apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: *O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.* Observe que esse parágrafo não tem conclusão.

6. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:
Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. **Parágrafo indutivo** é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos, etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

Agora é a sua vez. Selecionamos algumas provas que abordam as técnicas do texto dissertativo, para você treinar. Ao final, o gabarito. Bom trabalho!

QUESTÕES PROPOSTAS

TEXTO 1

O que é cidadania

Gilberto Dimenstein

Cidadania é o direito de ter uma ideia e poder expressá-la. É poder votar em quem quiser sem constrangimento. É processar um médico que cometa um erro. É devolver um produto estragado e receber o dinheiro de volta. É o direito de ser negro sem ser discriminado, de praticar uma religião sem ser perseguido.

Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento, está o respeito à coisa pública.

O direito de ter direitos é uma conquista da humanidade. Da mesma forma que a anestesia, as vacinas, o computador, a máquina de lavar, a pasta de dente, o transplante do coração. Foi uma conquista dura. Muita gente lutou e morreu para que tivéssemos o direito de votar. E outros batalharam para você votar aos dezesseis anos. Lutou-se pela ideia de que todos os homens merecem a liberdade e de que todos são iguais diante da lei.

Pessoas deram a vida combatendo a concepção de que o rei tudo podia porque tinha poderes divinos e aos outros cabia obedecer. No século XVIII, a rebeldia a essa situação detonou a Revolução Francesa, um marco na história da liberdade do homem.

No mesmo século surgiu um país fundado na ideia da liberdade individual: os Estados Unidos. Foi com esse projeto revolucionário que eles se tornaram independentes da Inglaterra.

Desde então, os direitos foram se alargando, se aprimorando, e a escravidão foi abolida. Alguém consegue hoje imaginar um país defendendo a importância dos escravos para a economia?

Mas esse argumento foi usado durante muito tempo no Brasil. Os donos da terra alegavam que, sem escravos, o país sofreria uma catástrofe. Eles se achavam no direito de bater e até matar os escravos que fugissem. Nessa época, o voto era um privilégio: só podia votar quem tivesse dinheiro. E para se candidatar a deputado, só com muita riqueza em terras.

No mundo, trabalhadores ganharam direitos. Imagine que no século passado, na Europa, crianças chegavam a trabalhar até quinze horas por dia. E não tinham férias. As mulheres, relegadas a segundo plano, passaram a poder votar, símbolo máximo da cidadania. Até há pouco tempo, justificava-se abertamente o direito do marido de bater na mulher e até de matá-la.

Em 1948, surgiu a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), ainda na emoção da vitória contra as forças totalitárias lideradas pelo nazismo, na Europa. Com essa declaração, solidificou-se a visão de que, além da liberdade de votar, de não ser perseguido por suas convicções, o homem tinha direito a uma vida digna. É o direito ao bem estar. A onda dos direitos mudou a cara e o mapa do mundo neste final de milênio. Assistimos à derrocada dos regimes comunistas, com a extinção da União Soviética. Os países do Leste europeu converteram-se à democracia.

Na África do Sul, desfez-se o regime de segregação racial. A América Latina, tão viciada em ditadores, viu surgir na década de 80 uma geração de presidentes eleitos democraticamente.

1. Para defender seus pontos de vista o autor só NÃO emprega:

a) exemplificação;
b) citação de fatos históricos;
c) interação com o leitor, questionando-o;
d) apelo a opiniões pessoais;
e) utilização do humor e da ironia.

2. O texto apresenta uma ideia principal que é:

a) a cidadania é uma conquista diária de todos nós;
b) ser cidadão é ter direitos;
c) a América Latina é um local de cidadania plena;
d) a cidadania deve compreender as mulheres;
e) ser cidadão é cuidar do público em detrimento do privado.

3. O autor se refere à cidadania como uma conquista; a palavra do texto que NÃO está relacionada a essa ideia de conquista é:

a) "lutou e morreu";
b) "batalharam";
c) "revolucionário";
d) "respeito";
e) "lutou-se".

4. Podemos dividir o texto em cinco partes, que estão indicadas abaixo com a síntese de seu conteúdo; a alternativa em que a indicação do conteúdo NÃO está correta é:

a) do início do texto até "sem ser perseguido" – a definição de cidadania;
b) de "Há detalhes" até "a coisa pública" – exemplos de cidadania;
c) de "O direito a ter direitos" "até diante da lei" – a conquista difícil da cidadania;
d) de "Pessoas deram a vida" até "de matá-la" – fatos históricos na luta pelos direitos humanos;
e) de "Em 1948 surgiu" até o fim do texto – os direitos humanos antes da guerra.

TEXTO 2

ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER

(Diretor da ONG contra superstições) – Veja, n. 1733

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?

MS –A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

1. Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apóia em testemunhos de autoridade;
b) a tese apresentada está explícita em “a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade”;
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo;
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão;
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

2. O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) “Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato.”;
b) “O mesmo não ocorre na arte, por exemplo.”;
c) “Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres.”;
d) “Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade.”;
e) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir”.

TEXTO 3

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Pauliceia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a “geografia humana”, a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

(...)

1. A inclusão do personagem do Petit Prince tem a utilidade textual de:

a) opor-se, por seus valores, a Pierre Desfontaines;
b) defender a ideia de uma geografia científica;
c) mostrar uma posição ideal do geógrafo;
d) traçar pontos de semelhança com a geografia atual;
e) dar autoridade ao que é citado no texto.

TEXTO 4

NÃO

Salomão Rabinovich (Psicólogo)

A adolescência tem características particulares. São próprias dela a prepotência, a luta pela auto-afirmação, a sensação de que se pode tudo. Mas é sabido que, nessa fase da vida, somos inexperientes, inseguros, mais desatentos e um tanto desengonçados. Os jovens ainda estão em fase de crescimento, e o desenvolvimento biológico ainda não está completo. Por todos esses motivos, não é recomendável dar a carteira de motorista a um menor de 18 anos. O Brasil é campeão mundial de acidentes de carro. O trânsito em nossas grandes cidades é caótico e violento. Os motoristas com idade entre 18 e 25 anos são os que mais correm e por isso a incidência de acidentes é maior nessa faixa etária. Desde o início do ano, temos o novo Código de Trânsito Brasileiro que vem sendo criticado por ser rigoroso demais, e é nesse contexto que se deseja dar a carteira de motorista aos maiores de 16 anos. Para quê? Não é possível esperar dois anos para começar a dirigir?

Ser contra esse projeto de lei não é ser contra os jovens. Quando um adolescente vota, ele pode até estar fazendo uma escolha errada, mas ainda assim terá aprendido a exercer sua cidadania. Com um voto, porém, ele não vai morrer nem matar – o que pode acontecer se estiver dirigindo um carro. As vítimas, suas famílias e as pessoas que causaram acidentes sabem como é doloroso conviver com isso, principalmente quando um jovem morre ou fica inválido. Para ser contra a carteira de motorista para maiores de 16 anos, basta visitar os hospitais das grandes cidades e ver o estrago que a morte de um adolescente causa. Já temos muitos problemas para resolver em relação ao trânsito e aos jovens brasileiros. Não precisamos de mais esse.

1. **Entre os argumentos apresentados pelo autor do texto na defesa de seu posicionamento só NÃO está:**
   a) o número excessivamente grande de acidentes de trânsito no Brasil;
   b) a maior insegurança e inexperiência dos mais jovens;
   c) o trânsito das grandes cidades ser caótico e violento;
   d) o já grande número de problemas com os jovens no trânsito;
   e) a velocidade maior de carros dirigidos pelos mais jovens.

2. **“Para quê? Não é possível esperar dois anos para se começar a dirigir?”; sobre esse segmento do texto pode-se afirmar que:**
   a) a segunda pergunta explicita a primeira;
   b) as duas perguntas se referem à finalidade da concessão da carteira;
   c) as duas perguntas podem ser respondidas com sim ou não;
   d) a segunda pergunta se refere à ideia de consequência;
   e) as duas perguntas se dirigem a interlocutores diferentes.

TEXTO 5

Jovens Endividados

Vítimas do consumismo e do crédito fácil, eles gastam mais do que ganham e devem mais do que podempagar. A conta sobra para os pais.

Camilo Vanuchi e Milton Gamez

A casa dos Vieira, no bairro paulistano Alto de Pinheiros, está sempre cheia. Aos 67 anos, o empresário José Vieira ainda divide o sofá da sala e a conta bancária com seus três filhos homens, todos com mais de 25 anos. Dono de uma fábrica de peças de plástico, ele já se conformou com a ideia de viver para sempre com os rapazes. E, quem sabe, com as futuras noras e netos.”Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos”, diz seu José.

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito. A fatia dos jovens no universo dos inadimplentes cresce de forma assustadora: 10% deles têm até 20 anos e 39% têm idade entre 21 e 30 anos (sim, os balzaquianos também são considerados jovens nos dias de hoje). Juntos, os consumidores até 30 anos foram responsáveis por 49% dos calotes dados em 2006 junto a bancos, administradoras de cartão de crédito e financeiras. Em 2005 somaram 44%. Os dados foram divulgados pela Telecheque. "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos. Ficaram deslumbrados e perderam o controle", diz Antônio Praxedes, vice-presidente da Telecheque.

Revista Isto É, 24/01/2007, p. 64-5 (fragmento)

1. Em sua estrutura discursiva, o texto:

a) analisa primeiro a situação geral para num segundo momento expor casos particulares;
b) apresenta opiniões que se contrapõem e as sustenta com exemplos e relatos;
c) começa sua argumentação apontando as causas do problema para posteriormente dar soluções;
d) narra exemplos da situação em foco para em seguida formular uma hipótese;
e) justifica com dados numéricos um questionamento feito na introdução.

TEXTO 6

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

Ainda há uma dificuldade em relacionar os problemas ambientais aos nossos hábitos de consumo cotidianos. Quando compramos uma roupa, não pensamos nos agrotóxicos usados na plantação de algodão ou no trabalho escravo encontrado nas fazendas.

Entretanto, se queremos justiça social e preservação da natureza, vamos ter de mudar nossos hábitos de consumo.

1. A palavra "entretanto", que inicia o 3º parágrafo, foi empregada para introduzir:

a) a exemplificação de uma ideia a partir de um novo argumento;
b) a contraposição a ser estabelecida entre uma solução e um problema;
c) o reforço de uma opinião polêmica anteriormente defendida;
d) a confirmação de uma ideia sugerida no parágrafo anterior;
e) a negação de uma tese contrária à que está sendo defendida.

TEXTO 7

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

1. Na defesa de seu ponto de vista, o autor do texto marca suas opiniões de vários modos; assinale o item em que o termo sublinhado NÃO desempenha essa função textual:

a) "Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação...";
b) "Sabiamente esse conceito evoluiu.";
c) "...a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores.";
d) "Há o caminho correto: educar."
e) "a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível".

TEXTO 8

MAR SANGRENTO

A foca-da-groenlândia é um dos mamíferos marinhos mais caçados do mundo. O Canadá está entre os poucos países que permitem a matança e onde o governo fornece subsídios e estabelece uma cota para a caça. Em 2003, o número foi recorde – 350 mil animais – mas, segundo os ambientalistas, as mortes vão muito além. Várias focas atingidas escapam para morrer logo depois e os filhotes órfãos não conseguem sobreviver.

(Revista Superinteressante, agosto-2003)

1. O texto é composto por um título e 4 períodos; assinale o item em que a correspondência das partes e seu papel textual NÃO é correto:

a) título – referência metafórica ao conteúdo do texto;
b) 1º período – constatação de um fato;
c) 2º período – exceção em relação à afirmação anterior;
d) 3º período – quantificação com valor de protesto;
e) 4º período – apelo sentimental.

TEXTO 9

COM QUE CORPO EU VOU?

Maria Rita Kehl, Folha de São Paulo, 30/06/2002

O cuidado de si volta-se para a produção da aparência, segundo a crença já muito difundida de que a qualidade do invólucro muscular, a textura da pele e a cor dos cabelos revelam o grau de sucesso de seus "proprietários". Numa praia carioca, escreve Stéphane Malysse, as pessoas parecem "cobertas por um sobrecorpo, como uma vestimenta muscular usada sob a pele fina e esticada..."

São corpos em permanente produtividade, que trabalham a forma física ao mesmo tempo em que exibem os resultados entre os passantes. São corpos-mensagem, que falam pelos sujeitos. O rapaz "sarado", a loira siliconada, a perna musculosa ostentam seus corpos como se fossem aqueles cartazes que os homens sanduíches carregam nas ruas do centro da cidade. "Compra-se ouro". "Vendem-se cartões telefônicos". "Belo espécime humano em exposição". A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer... É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico.

Nesse caldo de cultura insalubre, desenvolvem-se os sistemas sociais da drogadição (incluindo o abuso de hormônios e anabolizantes), da violência e da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia e sem sentido.

1. A loira siliconada, citada no texto, serve de exemplo de:

a) corpos em permanente produtividade;
b) cultura da saúde;
c) sintoma social da drogadição;
d) violência e depressão;
e) despreocupação com a aparência.

2. O texto lido apresenta um conjunto de posicionamentos; o item que mostra um posicionamento que NÃO corresponde a uma opinião do autor é:

a) a cultura do corpo é algo diferente da cultura da saúde;
b) o corpo humano deve ter alguém como recheio;
c) a cultura excessiva do corpo fecha o sujeito em si mesmo;
d) a dedicação exclusiva ao corpo é parte de um caldo cultural nocivo;
e) os corpos sarados escondem seus verdadeiros “proprietários”.

3. Os argumentos apresentados pelo autor do texto são predominantemente:

a) depoimentos de autoridades no assunto tratado;
b) exemplos retirados de experiência profissional;
c) pesquisas realizadas na área do combate às drogas;
d) opiniões de caráter pessoal;
e) de base estatística.

TEXTO 10

Ecodúvidas

Luc Ferry

Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor: a dimensão real dos perigos ligados ao “buraco da camada de ozônio” permite debates acirrados, da mesma forma que as causas e a extensão do fenômeno conhecido como “efeito estufa”. Quanto ao aquecimento da Terra e à elevação do nível do mar que resultaria do derretimento do gelo nos pólos, as opiniões mais autorizadas estão em perfeita contradição: segundo os dados e os modelos matemáticos de previsão elaborados pela própria Nasa, é possível que o nível baixe, que se eleve ou que se mantenha.

Tudo depende! Seria bom, portanto, dispor de um balanço mais definitivo sobre essas questões e algumas outras que agitam a imprensa com tanto vigor. Pois quanto maior a incerteza científica tanto maior a propagação do dogmatismo entre os profissionais da ecologia política, que aproveitam a indeterminação dos dados para avivar o “grande medo planetário”, base da paixão democrática nessa questão.

1. O texto procura demonstrar:

a) a necessidade de maior precisão científica;
b) o descuido do homem com o meio ambiente;
c) a indiferença do homem a problemas graves do planeta;
d) o aproveitamento político de questões ecológicas;
e) a arrogância do conhecimento científico.

2. O buraco na camada de ozônio e as causas e a extensão do efeito estufa são citados no texto como:

a) casos controversos de discussão;
b) exemplos de desprezo do homem pelo meio ambiente;
c) demonstrações de casos com dimensão científica;
d) situações em que se demonstra a preocupação com o meio;
e) problemas criados pelo homem na Terra.

3. “Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, // embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor”; o que se opõe entre os dois segmentos dessa parte do texto é:

a) dimensão científica X dados objetivos;
b) precisão X suposição;

c) ciência X dados controversos;
d) preocupação X despreocupação;
e) abstração X dados objetivos.

TEXTO 11

COMUNICAR É AGIR

José Luiz Fiorin

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

Comunicar é também agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação. Se se vale de outras formações discursivas, ajuda a colocar em xeque as estruturas sociais. No entanto, pode-se estar em oposição às estruturas econômico-sociais de uma maneira reacionária, em que se sonha fazer voltar um mundo que não mais existe, ou de uma maneira progressista, em que se deseja criar um mundo novo. Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação.

1. O segundo parágrafo do texto, em relação ao primeiro, funciona como:
a) oposição;
b) retificação;
c) acréscimo;
d) concessão;
e) explicação.

2. "Comunicar é também agir num sentido mais amplo"; com esta frase inicial do segundo parágrafo, o autor do texto:
a) amplia o significado do verbo "agir", empregado no parágrafo anterior;
b) reforça a mesma ideia de "ação" atribuída anteriormente ao ato de comunicar;
c) corrige o emprego do verbo "agir", utilizado no primeiro parágrafo;
d) quer mostrar que "comunicar" e "agir" são ações equivalentes;
e) mostra certa ironia diante da ação humana de comunicar algo.

TEXTO 12

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, The science of culture)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apóiam em fatos historicamente comprovados;
b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período;
c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores;
d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo;
e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. Segundo o autor do texto 1, todas as coisas materiais são extensões ou prolongamentos do que o homem fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo. Entre as alternativas abaixo, aquela que NÃO apresenta um exemplo adequado dessas extensões ou prolongamentos é:

a) os óculos: extensão da vista;
b) a espada: extensão do braço;
c) o navio de carga: extensão das costas;
d) os transportes: extensão dos pés;
e) o perfume: extensão do olfato.

3. "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão sublinhada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores;
b) ampliar informações já fornecidas;
c) confirmar informação prestada anteriormente;
d) explicar informações pouco claras;
e) acrescentar dados aos já fornecidos.

TEXTO 13

CÂNCER

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

A palavra câncer vem do latim câncer, cancri, que significa "caranguejo". No próprio latim passou a designar também os tumores da mama porque, segundo alguns autores, as veias que partem deles apresentam certa semelhança com as patas do crustáceo. Para outros estudiosos, a metáfora decorre de essas úlceras roerem as carnes como um caranguejo. Com o tempo, o termo foi estendido para qualquer tipo de tumor maligno. Do termo latino derivou também "cancro", que é um sinônimo de "câncer". O mais interessante é que a origem do nosso termo "caranguejo" é exatamente a mesma, só que passando pelo espanhol "cangrejo".

1. "Para outros estudiosos, a metáfora..."; a metáfora a que se refere o texto se prende a semelhança entre:

a) caranguejo e crustáceo;
b) veias e patas;
c) mamas e carnes;
d) latim e português;
e) patas e crustáceo.

2. Após a leitura desse pequeno texto aprendemos que:

a) as palavras portuguesas provêm do antigo latim;
b) algumas palavras latinas desapareceram;
c) alguns significados são extensões do sentido original;
d) alguns idiomas desapareceram com o tempo;
e) as palavras portuguesas são originárias do latim e do espanhol.

3. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação de câncer;
b) homenagear o idioma latino;
c) alertar a população para os perigos da doença;
d) mostrar o progresso da ciência brasileira;
e) indicar os caminhos de prevenção contra o câncer.

TEXTO 14

DOENÇA DE CHAGAS

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

Embora "chaga" seja uma lesão da carne, uma ferida aberta, a doença de Chagas não tem qualquer relação com esse tipo de problema. Trata-se de um mal irreversível, com várias implicações, incluindo problemas cardíacos. Na origem do termo está o nome do médico e cientista brasileiro Carlos Chagas (1879-1934) que, com apenas trinta anos, descobriu o agente causador e descreveu em detalhes tudo o que se relacionava com a doença: "Saibam todos", resumiu ele, "que o inseto conhecido por barbeiro ou chupão, encontrado nas casas de pau-a-pique dos sertanejos do Brasil, é portador de um paraita que causa febre, anemia, cardiopatias e aumento dos gânglios." Como "homenagem" ao sanitarista Oswaldo Cruz, com quem trabalhava, o cientista deu o nome ao parasita trypanosoma cruzi. Essa estranha homenagem de doença foi feita também a ele, quando o povo passou a chamar a parasitose de "doença de Chagas".

1. Das duas homenagens citadas no texto:

a) o nome de Oswaldo Cruz homenageou o parasita;
b) o nome de Oswaldo Cruz homenageou a doença;
c) o nome dado à doença homenageou Carlos Chagas;
d) só a segunda atribui valor à descoberta;
e) só a primeira representa, de fato, uma homenagem.

2. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação da doença de Chagas;
b) homenagear Carlos Chagas;
c) homenagear Oswaldo Cruz;
d) mostrar o progresso da ciência brasileira;
e) ensinar o povo a proteger-se da doença de Chagas.

TEXTO 15

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado

sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

1. **Em relação à primeira frase do texto, todo o trecho seguinte do primeiro parágrafo funciona como:**
   a) contradição;
   b) exemplificação;
   c) comparação;
   d) explicação;
   e) conclusão.

2. **O trecho entre parênteses – que ele azedou – no primeiro parágrafo do texto:**
   a) explica uma afirmação anterior;
   b) exemplifica um fato citado;
   c) corrige algo dito anteriormente;
   d) acrescenta algo ao que foi dito;
   e) ratifica um pensamento expresso antes.

TEXTO 16

FUMAR?

Vera Lúcia Scognamiglio

Um pai ou uma mãe que fumam podem trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar. Penso que o cigarro é atraente para o adolescente por ser um símbolo do mundo adulto. Às vezes, do mundo adulto que “deu certo”, como sugerem as propagandas de cigarro: homens e mulheres independentes, felizes, bem-sucedidos... Mas, neste sentido, acredito que a mídia exerça mais influência que o exemplo dos pais. E o grupo de pares, mais ainda. Fumar é um hábito de uma parte da tribo humana que acolhe os que se identificam com ela e com seus rituais, linguagem, gestos comuns, etc. Se um adolescente frequenta uma turma em que todos fumam, a influência será muito forte para que adote esse hábito do grupo como seu. Nesses momentos, pedir ou dar um cigarro ou fumar coletivamente facilita muito a aproximação com o outro e abre um canal de comunicação numa linguagem comum a todos. O que importa é que o jovem se sinta integrado ao grupo, adotando os mesmos padrões e comportamentos da turma, que nessa etapa da vida é quem dita as normas.

Além disso, o cigarro pode ser muito prazeroso, pois sabemos que ele se relaciona em algum nível com as gratificações orais da infância que podem ser reativadas em qualquer idade. Dessa forma ele pode muito bem funcionar como substituto de alguma coisa ou de alguém que está faltando, uma espécie de companheiro de toda hora. Para alguns adolescentes o cigarro pode aplacar a ansiedade, funcionando como um apoio quando, por exemplo, eles têm de enfrentar uma situação social nova. A adolescência é uma fase carregada de situações estressantes, e o cigarro, a exemplo de outras drogas, lícitas ou ilícitas, tem o poder de relaxar.

Retomando a questão da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos, me parece que, se ocorre de fato alguma influência, o mais comum é que ela opere no sentido contrário. Os filhos de pais fumantes frequentemente abominam o cigarro,

se sentem mal e se irritam quando os pais fumam por perto, e mesmo se preocupam com os riscos que o cigarro representa para a saúde dos pais, tentando persuadi-los para que parem de fumar.

1. Segundo o primeiro parágrafo do texto, o fato de pai e mãe fumarem:

a) é causa necessária e suficiente na iniciação dos filhos no hábito de fumar;
b) é razão determinante na formação, nos filhos, do vício de fumar;
c) é causa necessária, mas não suficiente para que os filhos fumem;
d) não é causa necessária nem suficiente para que o vício do fumo chegue aos filhos;
e) não é causa necessária, mas é suficiente para a iniciação dos filhos no fumo.

2. No último parágrafo do texto, a autora retoma o tema da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos para:

a) confirmar uma opinião dada anteriormente;
b) acrescentar um dado esclarecedor sobre um aspecto abordado no 1º parágrafo;
c) fazer uma concessão a um pensamento expresso no parágrafo inicial;
d) trazer uma opinião que contradiz algo expresso anteriormente;
e) expressar uma certeza que apóia ideias contrárias ao tabagismo.

TEXTO 17

ALIMENTAÇÃO E RENDIMENTO ESCOLAR

Arnaldo Niskier, Educação em primeiro lugar

As crianças brasileiras, em geral, chegam à escola com problemas de desnutrição crônica. Se elas não adquirirem, nos seus primeiros anos de vida, os 10 bilhões de neurônios necessários à constituição adequada do cérebro, com certeza terão dificuldades de passar pela etapa de alfabetização, a partir dos 6 anos de idade.

O cientista pernambucano Nelson Chaves tem uma teoria sobre a criação de uma "geração nanica", que se estaria desenvolvendo no Nordeste, devido à falta de proteínas. Para ele, "o problema da desnutrição é econômico e social. É preciso elevar o nível econômico das populações e isso é um problema geral de governo".

No plano geral, a saúde é da responsabilidade do Estado. E é inadmissível que tenhamos desenvolvido a prática de medicina curativa, a custos altíssimos para os contribuintes, quando a medicina preventiva seria muito mais aconselhável e barata. Essa última relaciona-se com a educação sanitária, envolvendo aspectos sociais, como saneamento básico, vacinações, conhecimento de parasitoses, higiene corporal e outros.

Já a medicina curativa, a mais praticada no Brasil, volta-se para a resolução de problemas de saúde que poderiam não ter surgido se a educação sanitária fosse amplamente praticada.

1. "As crianças brasileiras, em geral,..."; a expressão em geral:

a) indica a totalidade das crianças brasileiras;
b) leva em consideração a minoria pobre;
c) mostra que a afirmação é duvidosa;
d) despreza dados menos significativos;
e) enfatiza problemas que afetam todas as crianças.

2. O segundo período do primeiro parágrafo:

a) mostra uma opinião pessoal do autor do texto;
b) destaca um conhecimento científico estabelecido;
c) indica um problema que justifica a aprovação escolar;
d) comprova uma afirmação anterior do texto;
e) apresenta argumentos do autor a favor da desnutrição.

3. Todas as alternativas a seguir se referem à "geração nanica", referida no segundo parágrafo do texto, exceto:

a) as crianças dessa geração padecem de desnutrição crônica;
b) essa geração é fruto da falta de proteínas na infância;
c) esse mal atinge as crianças brasileiras, em geral;
d) a geração nanica é marca flagrante no Nordeste;
e) as crianças dessa geração não adquiriram 10 bilhões de neurônios.

TEXTO 18

ENTREVISTA

Isto é, novembro de 2005

Revista: É verdade que muitos brasileiros estão voltando a procurar tratamento contra o câncer fora do país?

Roberto Gil: Sem dúvida. Começamos a ter dificuldade de acesso a determinados tratamentos. Não estamos conseguindo aprovar a entrada de medicamentos de ponta lançados no mercado internacional porque não se chega a um acordo de preço. Então, a alternativa de ir para fora aparece como opção para obter melhor tratamento. Isso é muito ruim. Primeiro para quem vai, que terá de se afastar de seus familiares, de seus amigos, de suas referências justamente no momento em que mais precisa desse apoio. Depois, para quem está doente e fica, resta a sensação de que a terapia que está recebendo é inferior à que receberia se estivesse em outro país, apesar de termos profissionais altamente qualificados. Por fim, isso faz com que alguns hospitais se especializem prioritariamente no atendimento a esse tipo de paciente, de elite. Não temos ainda números, uma estatística de quantos brasileiros estão procurando tratamento fora, mas posso afirmar isso baseado na minha rotina e na de meus colegas.

1. A finalidade da pergunta da revista é:

a) resolver um problema;
b) confirmar uma informação;
c) esclarecer uma dúvida;
d) tomar conhecimento de algo;
e) saber a razão de um fato.

2. Segundo o entrevistado, entre as consequências de muitos pacientes de câncer procurarem tratamento fora do Brasil está:

a) o tratamento diferenciado segundo as classes sociais;
b) a criação de novos hospitais;
c) a valorização de nosso sistema de saúde;
d) a má consideração dos médicos estrangeiros;
e) a perda da relação médico/paciente.

3. A opinião dada pelo médico:

a) tem base estatística;
b) fundamenta-se na experiência;
c) provém das estatísticas hospitalares;
d) é originária do noticiário da imprensa;
e) foi transmitida por profissionais qualificados.

TEXTO 19

POSSO TOMAR BANHO APÓS A REFEIÇÃO?

(Marcelo Duarte – O guia dos curiosos)

Tomar banho frio ou entrar numa piscina depois de ter comido não oferece riscos. O que não se deve fazer é qualquer tipo de exercício físico intenso, como nadar ou surfar. Isso desvia o sangue do estômago para os músculos que estão trabalhando. Após as refeições, boa parte do seu sangue vai para o estômago e o intestino a fim de realizar uma digestão adequada. Ao praticar esportes depois de comer, a pessoa fica com dificuldades na digestão e acaba passando mal (enjoo, suor frio e tontura). Tomar banhos longos e quentes dilata os vasos sanguíneos da pele e também acaba desviando o sangue do estômago.

1. "Posso tomar banho depois de uma refeição?"; segundo o texto, a melhor resposta para essa pergunta é:

a) Sim, pois isso nenhum mal faz;
b) Sim, pois a digestão se processa normalmente;
c) Não, pois isso traz problemas graves;
d) Sim, mas é desaconselhável, pois os exercícios físicos prejudicam;
e) Sim, desde que não sejam demorados e com água quente.

2. Os atos de nadar e surfar são citados no texto como:

a) exemplos de exercícios que devem ser evitados;
b) atos que em nada prejudicam;
c) atividades que auxiliam na digestão;
d) prejudiciais ao desenvolvimento físico;
e) causadores de problemas nos intestinos.

3. Pela leitura do texto, a resposta dada pelo autor se apóia em:

a) dados resultantes de pesquisas;
b) informações de autoridades médicas;
c) conhecimentos pessoais do autor;
d) opiniões superficiais de caráter popular;
e) depoimentos de autoridades da área da saúde.

TEXTO 20

A ROLINHA E O ELEFANTE

Ao ver a rolinha carregando em seu bico água do rio até um incêndio que se alastrava na floresta, o elefante perguntou:

– Você está querendo apagar aquele fogaréu com essas gotinhas d'água?

A rolinha respondeu:

– Estou apenas fazendo a minha parte.

1. A mensagem a ser depreendida do texto é:

a) Quem tudo quer, tudo perde;
b) Deus ajuda a quem cedo madruga;
c) Não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe;
d) A indiferença é o pior de todos os males;
e) De boas intenções o inferno anda cheio.

TEXTO 21

PALAVRA DE ESPECIALISTA

Divergência sobre situação do país. Dois economistas que acompanham a produtividade brasileira têm opiniões contrárias sobre a situação institucional do país. Para Pedro Cavalcanti, professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) não há piora no quadro institucional brasileiro que justifique uma queda tão significativa no ranking.

– O fato de a corrupção estar clara hoje não significa que não existia no passado. E o país avançou. Aprovou a lei de falências que deu mais garantias a quem empresta e mudou o crédito imobiliário. A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva.

Cavalcanti afirma, porém, que a alta carga tributária, que subiu de 25% do PIB (Produto Interno Bruto) para 36% em 15 anos sem a contrapartida de melhoria nos serviços é um entrave para aumentar a competitividade.

Fábio Fonseca, professor do Ibmec, vê retrocessos no país, principalmente com a crise política. Outro fator a empurrar para baixo, segundo o economista, foi o desempenho melhor de países como África do Sul, Índia, Indonésia.

– Não há transparência nos gastos do governo. E quando há é somente para iniciados. O regime tributário é caótico e a Receita Federal comemora todo mês a arrecadação recorde como se fosse algo bom.

1. Só NÃO se pode dizer sobre o subtítulo dado ao texto – divergência sobre situação do país – que ele:

a) indica o tema central do texto;
b) antecipa o assunto do texto;
c) resume o que vai ser tratado;
d) indica uma posição do jornalista;
e) mostra ser tema de interesse nacional.

2. O texto diz que as pessoas que expressam opiniões são "dois economistas que acompanham a produtividade brasileira"; a única alternativa que NÃO justifica o fornecimento dessa informação é que:

a) as pessoas consultadas são igualmente competentes;
b) os dois economistas merecem credibilidade;
c) os dois economistas estão bastante atualizados;
d) o assunto tratado é do conhecimento de ambos;
e) o jornal só contrata pessoas de alto gabarito.

3. A aprovação da lei de falências e a mudança do crédito imobiliário foram citadas no texto para mostrar:

a) a deterioração do sistema econômico brasileiro;
b) o progresso do Brasil no setor do crédito;
c) o avanço do Brasil nas conquistas democráticas;
d) o retrocesso político do país;
e) exemplos de medidas que só beneficiam o capital.

4. "A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva"; a pesquisa referida é a que:

a) mostrou o avanço econômico do país;
b) causou a queda do Brasil no ranking;
c) demonstra o acerto das medidas tomadas;
d) confirma a diminuição da corrupção no país;
e) indica o progresso legal do Brasil.

5. **No início do terceiro parágrafo aparece a conjunção porém, que mostra uma oposição entre o que foi dito e o que está expresso nesse terceiro parágrafo. A oposição referida se verifica entre:**
   a) passado X presente;
   b) política X economia;
   c) governo anterior X governo atual;
   d) ditadura X democracia;
   e) aspectos positivos X aspectos negativos.

TEXTO 22

SOLIDARIEDADE

Betinho, Jornal do Brasil, 12/09/1993

"[...] Assim como a miséria foi sendo construída com a indiferença frente à exclusão e à destruição das pessoas, a negação da miséria começa a se realizar com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas.

Por isso o gesto de solidariedade, por menor que seja, é tão importante. É um primeiro movimento no sentido oposto a tudo que se produziu até agora. Uma mudança de paradigma, de norte, de eixo, o começo de algo totalmente diferente. Como um olhar novo que questiona todas as relações, teorias, propostas, valores e práticas, restabelecendo as bases de uma reconstrução radical de toda a sociedade. Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.

A luta contra a miséria nos obriga a um confronto com a realidade naquilo que nos parece mais brutal: a pessoa desfigurada pela fome, desesperada pela comida ou por qualquer gesto de reconhecimento de sua existência humana. Se a distância perpetua a miséria, a solidariedade interrompe o ciclo que a produz e abre possibilidades imensas para se reconstruir a humanidade destruída em 32 milhões de pessoas e negada em outros milhões de pessoas que vivem na pobreza.

Se a indiferença construiu esse apartheid monstruoso, a solidariedade vai destruir suas bases. E essa energia existe com uma força surpreendente entre nós, uma força capaz de contagiar quem menos se espera e de produzir uma nova cultura, a do reencontro.

Quando o Movimento da Ação da Cidadania começou, ninguém esperava que fosse capaz de andar tão rápido, de se expandir com tanta força, de tocar tantas e tão diferentes pessoas, de encher auditórios e de se espalhar por todos os cantos do país. Há uma tremenda força de mudança no ar, na terra. Há um movimento poderoso, tecendo a novidade através de milhares de gestos de encontro. Há fome de humanidade entre nós, por sorte ou por virtude de um povo que ainda é capaz de sentir, de mudar e de impedir que se consume o desastre, o suicídio social de um país chamado Brasil".

1. **O texto é uma reflexão sobre a solidariedade, motivo de um movimento – o Movimento da Ação da Cidadania – criado por Betinho, autor do texto, alguns anos atrás. O primeiro parágrafo do texto é construído numa estrutura comparativa, em que só NÃO correspondem:**
   a) a miséria / a negação da miséria;
   b) foi sendo construída / começa a se realizar;
   c) indiferença / prática;
   d) exclusão, destruição / solidariedade;
   e) das pessoas / ampla e generosa.

2. O fato de o texto começar por colchetes com pontos suspensivos – [...] – indica que:
a) havia outros segmentos anteriores que não foram reproduzidos;
b) se trata de um texto reflexivo e que é necessário pensar sobre o que é dito;
c) o texto é cópia de um original já publicado anteriormente;
d) há citações alheias inseridas no corpo do texto;
e) a publicação do texto é matéria paga pelo próprio autor.

3. "A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas."; entre os problemas referidos nesse segundo parágrafo do texto só NÃO está o(a):
a) egoísmo;
b) violência;
c) indiferença;
d) corrupção;
e) medo.

4. A palavra democrática, ao final do terceiro parágrafo, funciona, em relação aos segmentos anteriores do mesmo parágrafo, como:
a) retificação;
b) síntese;
c) explicação;
d) confirmação;
e) comparação.

TEXTO 23

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados.

Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você percebe que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes.

Quem escolhe um relógio para comprar, decide com base em suas preferências pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto?

Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma

leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada.

Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar, atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Infere-se do primeiro parágrafo do texto que:

a) o texto é dirigido aos que só conhecem arte tradicional;
b) a finalidade do texto é mostrar que arte é vida;
c) a arte referida no texto é a produzida pelo povo;
d) seu objetivo é atrair leitores não-iniciados em arte;
e) o público-alvo do livro são estudantes de pouca idade.

2. Ao dizer que "nossa vida está cercada dela por todos os lados" a autora do texto faz alusão à definição de "ilha", presente em nossos livros didáticos de geografia. Nesse caso, a equivalência correta para "arte" é:

a) a ilha;
b) a água;
c) a terra;
d) o céu;
e) o vento.

3. O segundo parágrafo do texto só NÃO tem a função de:

a) explicitar a última afirmação do primeiro parágrafo;
b) indicar um exemplo de desconhecimento de arte;
c) mostrar a presença da arte em torno de nós;
d) exemplificar um caso de proximidade da arte;
e) demonstrar que a arte é uma necessidade em nossa vida.

TEXTO 24

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. O texto corresponde às primeiras linhas de um livro cujo título é Ciência e navegação; o segmento do texto onde NÃO há qualquer referência à ciência é:

a) "Foi numa época em que os homens de coragem e de saber,";
b) "Para isso foram necessários avanços técnicos...";
c) "Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses,...";
d) "... a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI.";
e) "... transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval".

2. O segundo período do texto – Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos – tem a função textual de:

a) causar suspense no leitor para manter seu interesse pela leitura;
b) explicar o porquê de ser essa uma saga de extraordinária beleza;
c) localizar a época sobre a qual o livro vai concentrar suas atenções;
d) antecipar a consequência das grandes navegações portuguesas;
e) valorizar o conhecimento científico da época destacada.

3. O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:

a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

TEXTO 25

FALSA HARMONIA

Wellington Silva

Um dos principais argumentos dos que se opõem à adoção de políticas de ação afirmativas é a pretensa harmonia com que negros e brancos sempre conviveram no Brasil. Os defensores da adoção de cotas nas universidades federais estariam importando um remédio feito sob medida para a racista sociedade americana, o que provoca no doente um efeito colateral grave: o surgimento de conflitos entre negros beneficiados pelas cotas e brancos "excluídos". Diferentemente dos EUA, onde ocorreram e ocorrem manifestações explícitas de segregação, no Brasil negros e pardos não são vítimas de preconceito racial: aqui não existem guetos, e negros e brancos circulam livremente em todos os aspectos sociais. A cota seria um perigo, pois poderíamos transformar o país em um barril de pólvora com a criação de um fenômeno até então inexistente: o preconceito racial.

Os defensores dessa tese precisam encontrar outro argumento para bombardear o projeto do governo federal que institui as cotas nas universidades federais. Lamento informar, mas existe segregação racial no Brasil, sim. Claro que, devido às histórias e formações culturais distintas, temos um racismo com nuances diferentes, mas cuja essência é a mesma do americano. Aqui, como nos EUA, existem espaços demarcados, espaços cujos acessos tradicionalmente são vedados para os negros. Talvez os adversários das ações afirmativas não percebam essa realidade pelo simples fato de ela não os afetar, uma vez que são em sua maioria brancos. E uma coisa é analisar o racismo, outra é viver o racismo.

A perspectiva da qual se olha um problema quase sempre faz toda a diferença. A afirmação de que não existe racismo no Brasil só pode ser resultado da experiência de quem vê essa questão da perspectiva do "branco", pois o racismo existe e há muito tempo. Quem é negro sabe, pois convive com ele todo dia, desde a hora em que acorda até hora em que vai dormir.

1. O título do texto – "Falsa harmonia" – se refere à ideia falsa de que:

a) não há racismo no Brasil;
b) brancos e negros são inimigos no Brasil;
c) todos conseguem emprego com facilidade;
d) negros podem viver no mesmo espaço que os brancos;
e) no Brasil há miscigenação.

2. O texto começa:

a) pelos argumentos favoráveis ao estabelecimento de cotas para negros;
b) pelos argumentos contrários ao estabelecimento de cotas para negros;
c) pela defesa do governo federal, ao estabelecer cotas para negros nas universidades;
d) pela oposição ao projeto do governo que matricula negros nas universidades;
e) pela apresentação de um problema, sem tomada de posição.

3. Ao final da leitura do texto constata-se que a posição do jornalista que é autor do texto é a de que:

a) o racismo existe no Brasil e é mais forte que o americano;
b) o racismo não existe no Brasil, onde pretos e brancos convivem em harmonia;
c) o racismo existe no Brasil, mas é diferente do americano;
d) não existe racismo no Brasil, pois as leis não permitem;
e) só existe racismo no Brasil para quem vê o problema da perspectiva branca.

TEXTO 26

Capaz de minar as mais sólidas estruturas econômicas e sociais do País, o contrabando pode ser apontado como um dos principais instrumentos de degradação social, produzindo um sem número de problemas e esgarçando o tecido das relações comerciais e das transações financeiras.

(Adaptado de *www.unafisco.org.br*, 30/10/2000)

1. Assinale a opção em que o argumento apresentado não reforça a ideia principal do texto abaixo.

a) Devido ao seu caráter ilegal, marginal e ilegítimo, o contrabando expõe a economia doméstica formal à concorrência desleal.
b) Em última instância, o contrabando atenua a questão do desemprego, pois representa uma forma assistemática de absorção informal de mão de obra.
c) O sistema que mantém o contrabando também propicia e patrocina o crime organizado, pois favorece o tráfico de armas e drogas.
d) Embora não se enfoque sempre essa questão, o contrabando vulnerabiliza a saúde pública e põe em risco a vida das pessoas com a introdução no mercado de produtos sem qualquer controle regulamentar.
e) A entrada ilegal de substâncias químicas fragiliza o meio ambiente pela introdução de produtos perigosos sem qualquer controle e propicia a destruição e a degradação de reservas naturais.

TEXTO 27

"Dizia o sociólogo norte-americano, Robert Merton, que o que há de mais relevante e espantoso com as profecias é que elas se auto-realizam, como um vaticínio, um augúrio."

1. Assinale, entre as opções propostas, aquela que se desvia, ainda que parcialmente, do conceito e da direção argumentativa expressos no período abaixo.

a) Ao serem concebidas pela imaginação ilimitada dos homens, As profecias potencializam a chance de se transformarem em realidade, projetando e fortalecendo um desejo ou temor coletivo.
b) Pelo simples fato de que foram inventadas por alguém, com ousadia e eficácia simbólica, ganham existência real, criando a probabilidade de serem incorporadas à vida social em futuro imediato ou distante.
c) Quando uma grande(ou pequena) ideia se cristaliza, sua força transformadora entra em ação com os mesmos poderes que comandam as leis da Física.

d) Acima de profetas e messias, está o império da história, que constrói o futuro com seus próprios vetores e forças internas atuando à revelia do desiderato e do fado humanos.
e) A história da humanidade registra fatos que provam a existência de uma simbiose natural entre os grandes sonhos e as grandes mudanças, fruto da magia pessoal e de uma vontade inabalável.

(Com base em artigo de Aspásia Camargo)

TEXTO 28

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos Estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

(Raimundo Nina Rodrigues, As Coletividades Anormais, S. Paulo, 1939)

1. Julgue se as proposições I, II e III expressam a leitura correta do texto, reproduzindo as ideias nele contidas sem distorcer e desvirtuar a significação textual. Marque, a seguir, a opção correta.

I. Dada a situação de repúdio às relações sociais do homem sertanejo, falece-lhe a capacidade mental responsável pelo pensamento abstrato.
II. No aspecto religioso, a população sertaneja padece da mesma inferioridade que demonstra ter em relação à representação política.
III. Menos por ingenuidade e mais por ignorância, a população do interior adere instintivamente e se submete passivamente ao ideário monarquista.

a) Todas as proposições estão corretas.
b) Todas as proposições estão incorretas.
c) Está correta apenas a proposição 1.
d) Estão incorretas as proposições 1 e 3.
e) Estão corretas as proposições 1 e 2.

2. Assinale o parágrafo que, ao dar continuidade ao trecho de Raimundo Nina Rodrigues, produz uma <u>ruptura</u> na linha de argumentação e de desenvolvimento das ideias do texto.

a) O que não se pode exigir delas é que perfilhem entre os que estão de posse do poder e os que disputam essa posse, capitaneados por verdadeiros régulos de que os jagunços representavam apenas o exército, a força material.
b) O que é pueril é exigir que essas populações compreendam que a federação republicana é a condição, a garantia da futura unidade política de um vasto país que não pode oferecer a centralização governamental da Monarquia.
c) Consequentemente, o que predomina soberana é a vontade, são os sentimentos ou os interesses pessoais dos chefes, régulos ou mandões, diante dos quais as maiores garantias da liberdade individual ou se transformam em recurso de perseguição contra inocentes, se desafetos, ou se anulam em benefício de criminosos quando amigos.
d) Seria ingênuo esperar que pudesse ser outro o sentimento político do sertanejo; seria preciso negar a evolução política e admitir que os povos mais atrasados e incultos podem, sem maior preparo, compreender, aceitar e praticar as formas de governo mais liberais e complicadas.
e) Todas as grandes instituições que, na civilização deste fim de século, garantem a liberdade individual e dão o cunho da igualdade dos cidadãos perante a lei são mal compreendidas, sofismadas e anuladas por essa gente.

TEXTO 29

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elba G. Q. Maia, "A Inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais", Tributação em Revista, julho/setembro de 1999)

1. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.
b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.
c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.
d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão do sigilo bancário.
e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

TEXTO 30

UM JOGO, OS JOGOS

Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.

Ao dirigirmos um olhar atento às manifestações mais recentes da arte interacional, verificamos a expressiva tendência à utilização, em uma única obra, da combinação das variadas formas artísticas. É comum, por exemplo, atualmente, ouvir referências não a exposições de trabalho, mas a performances, instalações, instalações multimídias ou termos equivalentes. A eletrônica define o futuro da arte interacional e revela uma nova consciência da evolução da arte, inserida em uma era voltada para a interatividade e a realidade virtual.

A arte contemporânea busca, intencionalmente, uma multiplicação de significados. Em um único livro, o leitor é convidado a conviver com uma pluralidade de histórias, de gêneros e de direções de leitura. Ocorre um movimento de desindividualização dos gêneros de arte. A literatura se associa aos roteiros de TV, à pintura, à escultura, à música, ao cinema, inaugurando, em sua estruturação original, um amplo e inequívoco projeto interativo, não fora esse o seu maior desafio.

(Maria Angélica Alves. Leitura e literatura infantil; a questão do ser, do fazer e do sentir, Brasília, 2000)

1. Julgue as ideias dos períodos a seguir quanto à possibilidade de introduzirem um novo parágrafo final, corretamente grafado, mantendo coerência com o texto acima.

a) Assim, um grande desafio para a literatura, na modernidade, é saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos em uma visão pluralística e multifacetada do mundo.
b) Em síntese, o narrador e o leitor dos livros interativos reconhecem que, para vencer todos os obstáculos e cumprir a missão proposta no início da narrativa, é preciso utilizar a esperteza e o conhecimento.
c) Finalmente, alguns livros modernos propõem desafios ou tarefas ao leitor para que ele possa vencer as etapas da leitura; outros estimulam a entrada do leitor na obra, por meio de alternativas ou opções propostas pelo narrador.
d) A mudança do comportamento nas formas de interpretação do produto artístico reflete a mudança de comportamento exigida pela vida contemporânea.
e) Vivemos em uma sociedade de opções e alterar a ficção significa tão-somente expressar um desejo de alteração da própria realidade; alterar histórias e alterar a História.

TEXTO 31

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

1. Os itens abaixo correspondem, na mesma sequência, aos parágrafos do texto LP-I. Julgue se cada item expressa as ideias centrais do respectivo parágrafo.

a) O leitor é personagem da modernidade só porque sua emancipação traduz o processo de liberação de que se originou a sociedade contemporânea.
b) O individualismo da sociedade burguesa, o antropocentrismo estimulado pelo Renascimento, o desenvolvimento da imprensa e a expansão da escola são alguns dos fatores que criaram o espaço social propício à leitura.
c) Do progresso tecnológico do século XIX resultaram duas noções: de um lado, a de público, que parte da, ou toda a literatura, pode reconhecer ou não; de outro, a de leitor, figura que o escritor busca seduzir com seu texto.
d) O leitor, mesmo sendo presença poderosa, capaz de influenciar os mecanismos literários, não é figura de dimensão única, nem de direção unitária.
e) Talvez porque no Brasil a leitura não seja prática sólida, nem sejam consistentes algumas das instituições culturais encarregadas de sua difusão, reclama-se uma atuação mais produtiva do Estado, no sentido de melhorar a cultura e a educação do país.

TEXTO 32

INIMIGOS NA TRINCHEIRA

Quando, esporadicamente, um gaúcho aparece em um programa de televisão líder de audiência em nível nacional, julgamos equivocadamente que nos descobriram. Nós nos conscientizamos da ilusão assim que notamos que novamente é um fato isolado. O mesmo acontece com a chamada integração cultural do MERCOSUL. Algumas investidas sem a mínima programação normalmente não geram fatos com a solidez necessária para o fim. Mas esses não são os maiores problemas gaúchos.

Para alcançarmos ambas as expectativas, temos que calar inimigos na própria trincheira. Quando se fala em integração cultural com os países do Prata, sempre aparece um Padre Rômulo para contestar, apoiado exclusivamente em seu preconceito. Quando alguém fura o bloqueio e brilha na mídia nacional, os caranguejos gaúchos de plantão afiam suas garras.

A integração cultural requer programação, apoio dos governos, boa vontade das partes e muito desprendimento. Da mesma forma, a difusão do gauchismo em todo o território nacional.

Antes de pensarmos em convencer os de fora, temos que procurar mostrar aos daqui que somos capazes de uma convivência pacífica e harmoniosa com o mundo exterior. Necessitamos com urgência quebrar alguns espelhos para que os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria. Se, apesar desses obstáculos, estamos conseguindo, é porque vislumbramos o objetivo certo.

Paulo de Freitas Mendonça. "Editorial". **Jornal de Nativismo**, nº 158. nov./2001. p.2 (com adaptações).

1. A partir da leitura interpretativa do texto 32, julgue os itens seguintes.

a) O título do texto aponta para a existência de adversários em campo de guerra; o texto esclarece que os habitantes do MERCOSUL, nomeados de "caranguejos gaúchos", são adversários dos demais habitantes dos países do Prata, nomeados de "mundo exterior".
b) O texto estrutura-se segundo uma linha de raciocínio que vai do particular para o geral e do concreto para o abstrato, sob o foco de um gaúcho.
c) Para a solução do problema que está em discussão no texto, são empecilhos a falta de programa e de apoio por parte dos governantes, além da má vontade e da vaidade de algumas pessoas.

d) Muda-se o sentido, mas não se alteram as relações sintáticas na reescritura de “os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria” como **os narcisos avistem outra imagem que não seja a própria, verdadeiramente bela**.

e) Ao afirmar, no primeiro parágrafo do texto, que o “mesmo acontece com a chamada integração cultural do MERCOSUL”, o autor refere-se ao elevado nível de afinidade existente hoje entre os países-membros do Mercado Comum do Sul no que diz respeito ao comércio, às políticas internas, ao sistema financeiro e, sobretudo, à cultura.

TEXTO 33

INDIVIDUALISTAS E COMPORTADOS. E DAÍ?

Laura Greenholg. Socieadade dos poetas vivos.
In: Elle, ago./1990. p. 35 (com adaptações).

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito “viver dignamente” como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item “justiça social” foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de “novos individualistas”. O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro **Um Toque de Juventude**, celebra com otimismo os “moralistas de blue jeans”: “eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração”, explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apóiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. “Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...”, lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margaret Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em uma pesquisa da revista **Look Now**, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto 10.

1. **O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até “cartilhas ideológicas”. (l. 5)**
2. **O primeiro período (l. 1-2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.**
3. **Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (l. 15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.**
4. **A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.**
5. **Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.**

TEXTO 34

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. Com a primeira frase do texto – Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual – o autor do texto:

a) quer mostrar que esse é um assunto de pouca importância;
b) indica que já explorou esse tema em outros textos;
c) demonstra que seus argumentos foram reprovados por alguns leitores;
d) destaca a existência de novos dados sobre o assunto;
e) deseja alertar os leitores para o perigo de não conhecer-se bem um assunto.

2. Na primeira frase do texto o autor diz que é de seu desejo comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual; lendo integralmente o texto podemos afirmar que o autor:

a) fez exatamente o que desejava;
b) não fez nada que prometeu;
c) só abordou uma desvantagem do mundo virtual;
d) só abordou as vantagens do mundo virtual;
e) na verdade, comparou o mundo virtual com o mundo real.

3. Segundo o texto, a principal desvantagem do mundo virtual é:

a) não permitir o erro;
b) não favorecer a criatividade;
c) impedir o movimento;
d) opor-se ao ato de pensar;
e) facilitar o conformismo.

4. "Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio. Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir"; com esses segmentos o autor do texto pretende:

a) indicar o ponto de vista sob o qual o tema será tratado;
b) mostrar a estruturação do texto;

c) especificar o assunto a ser tratado;
d) identificar a autoridade de quem fala sobre o tema;
e) demonstrar seriedade no tratamento do tema.

5. "o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória"; com essas marcas, o autor do texto quer destacar uma qualidade do homem que é:

a) a imprevisibilidade;
b) a criatividade;
c) o egoísmo;
d) a religiosidade;
e) a limitação.

6. "E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura"; essa frase, ao final do terceiro parágrafo, mostra a presença, argumentativamente falando, de:

a) uma consequência derivada de uma causa;
b) uma conclusão a partir de um raciocínio anterior;
c) uma simplificação exagerada;
d) uma afirmação sem argumentos de base;
e) uma ideia contrária às premissas.

TEXTO 35

No discurso, tanto o dos políticos como o dos eleitores, a educação é sempre prioridade. Mas basta dar uma espiada nas avaliações internacionais e nacionais de desempenhos de alunos para constatar o desastre que é o ensino brasileiro.

No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas, a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também de 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. É um fracasso.

E a situação tende a piorar no futuro. Como mostrou a reportagem principal do último Sinapse, publicado na terça-feira, a profissão de professor corre risco de extinção no país. Como praticamente não existem estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos.

Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?

A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas pelas escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, os professores ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social.

A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

(Folha de São Paulo, 3 de outubro de 2005 – editorial)

1. Ao argumentar, pode o falante valer-se de estratégias variadas, tais como:
I. apoiar-se na autoridade de instituições especializadas em matéria de discussão;
II. ilustrar com narração de fato, real ou não, para tornar mais convincente a proposição que defende;
III. apresentar dados estatísticos precisos, capazes de gerar convicção.
IV. recorrer ao raciocínio indutivo ou a generalizações a partir de fatos específicos, concretos.
No texto, o autor se vale das seguintes estratégias acima mencionadas:
a) I, II, III;
b) I, III, IV;
c) II, III, IV;
d) I, II;
e) apenas IV.

Gabarito

Texto 1
1. E
2. B
3. D
4. E

Texto 2
1. C
2. A

Texto 3
1. A

Texto 4
1. D
2. A

Texto 5
1. D

Texto 6
1. B

Texto 7
1. C

Texto 8
1. C

Texto 9
1. A
2. E
3. D

Texto 10
1. A
2. A
3. C

Texto 11
1. C
2. A

Texto 12
1. C
2. E
3. C

Texto 13
1. B
2. C
3. A

Texto 14
1. C
2. A

Texto 15
1. B
2. D

Texto 16
1. D
2. D

Texto 17
1. D
2. B

Texto 18
1. B
2. A
3. B

Texto 19
1. E
2. A
3. C

Texto 20
1. D

Texto 21
1. D
2. E
3 .B
4. B
5. E

Texto 22
1. E
2. A
3. D
4. B

Texto 23
1. D
2. B
3. E
4. B

Texto 24
1. D
2. B
3. A

Texto 25
1. A
2. B
3. C

Texto 26
1. B

Texto 27
1. D

Texto 28
1. D
2. A

Texto 29
1. D

Texto 30
1. C
2. E
3. E
4. C
5. C

Texto 31
1. E
2. C
3. E
4. C
5. C

Texto 32
1. E
2. C
3. C
4. C
5. E

Texto 33
1. C
2. E
3. E
4. E
5. C

Texto 34
1. B
2. C
3. B
4. B
5. E
6. C

Texto 35
1. B

Capítulo 23

Coesão e Coerência

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **COESÃO**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

Por outro lado, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **COERÊNCIA**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície Textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica Textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível se construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO	+	COERÊNCIA	=	TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

PROVAS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para10 repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, 13 dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos16 nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.
>
> Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:
a) “se” em “Debruçando-se”.
b) “autor maldito”.
c) “Ele”.
d) “filósofo”.
e) “príncipe”.

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".
b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação;
c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel;
d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.
e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referencia a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.
Gabarito: letra E.

Mais uma, da mesma prova:

> A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.
>
> O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.
b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.
c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.
d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.
e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram anteriormente mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.
b) Certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".
c) Errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.
d) Errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.
e) Errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Gabarito: letra B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.
b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.
d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.
e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.
b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).
c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.
d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".
e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.
Gabarito: letra C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo signo da não-violência. Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" — sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.
b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.
c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.
d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.
e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Nesse texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.
b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º parágrafo.
c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.
d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.
e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto. Gabarito: letra E.

5. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo: Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infra-estruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.
b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em desenvolvimento.
c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.
d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.
e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Nessa questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.
b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa, presente...".
c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.
d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.
e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando-se pelos interesses..." sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Gabarito: letra B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.
( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.
( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4
b) 3, 5, 1, 4, 2
c) 2, 4, 3, 5, 1
d) 4, 1, 3, 5, 2
e) 2, 1, 4 5, 3

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nessa questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral (*últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral.* Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão ... pela primeira vez na História ... nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Portanto, a sequência a transformar os trechos apresentados em texto seria:

a) 5, 1, 3, 2, 4.

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso, vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de se resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase, as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis). É, aliás, um ótimo momento para você rever os conceitos que já estudamos no Capítulo 9.7 (As Funções Textuais dos Pronomes). Ao treinarmos tais provas, estaremos fixando os conceitos de Coesão e Coerência. Faça as questões e confira o gabarito ao final. Bom trabalho!

QUESTÕES PROPOSTAS

TEXTO 1

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste";
b) um artigo definido, determinando a oração seguinte;
c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele";
d) um pronome interrogativo, juntamente com "que";
e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa <u>nisso</u>". O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas;
b) ao fato de sermos atendidos por máquinas;
c) ao teste de integração no mundo moderno;
d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou;
e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

TEXTO 2

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. **Um ano depois**, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem". (...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003;
b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002;
c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002;
d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003;
e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "...a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada;
b) sistema orgânico;
c) causa de uma infecção;
d) defesa do organismo;
e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente **esse conceito** evoluiu";
b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver **reivindicação** mais justa";
c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES **que** não sejam consumidores do produto";
d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com **sua** condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis";
e) "a publicidade (....) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (....); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas **recomendações** são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

TEXTO 3

SUSTENTABILIDADE, CONSUMO E PUBLICIDADE

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) A sociedade já teve atitudes mais firmes;
b) Se houver apagão, já sabemos o motivo;
c) Os estudos já estão publicados na imprensa;
d) Todos já começam a se preocupar com o futuro;
e) Faz já décadas que a poluição é grande.

TEXTO 4

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores;
b) balzaquianos;
c) moços e moças;
d) três irmãos;
e) bancos e financeiras.

TEXTO 5

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. **"Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la"; o pronome sublinhado se refere a:**
   a) pobreza;
   b) endemia;
   c) falha;
   d) filantropia;
   e) sociedade.

TEXTO 6

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. **Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:**
   a) pessoas / as crianças;
   b) doenças / males;
   c) água / água contaminada;
   d) até 2002 / mesmo período;
   e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais.

TEXTO 7

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

TEXTO 8

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. **"... resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros..."; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:**
   a) "... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..."; (texto 7)
   b) "... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina."; (texto 7)

c) "... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..."; (texto 7)
d) "Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;"; (texto 8)
e) "Não tê-lo é ser escravo." .

2. A ideia de o petróleo ser uma panacéia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto 8), e de forma mais específica no segmento:
a) "Esse produto é o sangue da terra";
b) "é a alma da indústria moderna";
c) "é a eficiência do poder militar";
d) "é a soberania; é a dominação";
e) "tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas".

TEXTO 9

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. "Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás..."; o emprego de naquele, neste contexto:
a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro;
b) mostra que o dia referido está distante no tempo;
c) assinala uma distância de lugar;
d) identifica o dia como algo a ser esquecido;
e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. "Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública"; nesse parágrafo, a expressão "desse comportamento":
a) refere-se à última das ações citadas;
b) retoma o conjunto de ações anteriores;
c) alude somente a aspectos negativos;
d) corresponde a um procedimento condenável;
e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

TEXTO 10

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com

as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. "Em troca do status de um nobre homem"; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) "vendem a alma ao diabo";
b) "aparentar ser bem intencionado";
c) "destaca os fatos verdadeiros";
d) "culpar fatores exógenos e bodes expiatórios";
e) "demonstra o absurdo das teorias românticas".

TEXTO 11

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele;
b) projetos – que;
c) ameaçou vetar projetos – a ameaça;
d) a ameaça – ela;
e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) "mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça";
b) "Mas ontem ele fez uso do veto";
c) "aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira";
d) "um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes";
e) "O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) Toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas;
b) Os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos;
c) As autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos;

d) As leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade;
e) São bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

TEXTO 12

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos;
b) os que possuem e não possuem liberdades públicas;
c) os que praticam e sofrem injustiças;
d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva;
e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

TEXTO 13

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil;
b) a que está sendo implantada no Brasil;
c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil;
d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil;
e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

TEXTO 14

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo “manto diáfano da fantasia”.

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do “poder trava poder”. Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má-vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia” – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. “De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle...”; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) “Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora...”;
b) “A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário.”;
c) “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia”;
d) “A autonomia dos poderes[...] é a única garantia que temos da estabilidade da República...”;
e) “Falar em cidadania é falar em Judiciário.”

2. Em relação aos “mecanismos endógenos”, referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. “... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,...”;

II. "Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do 'poder trava poder'.";
III. "Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico.".
Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III;
b) I – II – III;
c) II – III;
d) I – II;
e) III.

TEXTO 15

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. "Um pouco de realismo sempre faz bem."; a mesma ideia reaparece em:

a) "Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas.";
b) "Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.";
c) "Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional...";
d) "... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,...";
e) "uma carga tributária extorsiva e crescente;".

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) "Afinal também na economia <u>a esperança pode mover montanhas</u>. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos." – pronome demonstrativo;
b) "busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para <u>as instituições</u> que nos circundam." – pronome relativo;
c) "Tempo de <u>limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores</u> que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,..." – hiperônimo;
d) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u>, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,..." – pronome relativo;
e) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u> [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas." – pronome pessoal.

3. "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele;
b) este / esse;
c) aquele / este;
d) aquele / esse;
e) esse / este.

TEXTO 16

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

1. Os "desiludidos do amor" reaparecem em:

a) "os médicos estão fazendo a autópsia ...";
b) "... dos que se mataram";
c) "Que grandes corações eles possuíam";
d) "Vísceras imensas, tripas sentimentais";
e) "estômago cheio de poesia".

2. *"Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela"*; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas;
b) ela = uma delas;
c) grandes monumentos = bibliotecas;
d) desaba = vem abaixo;
e) delas = das bibliotecas.

TEXTO 17

"O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência." (Steve Allen)

1. "É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência."; o pronome *quem* se refere:

a) a qualquer espectador de TV;
b) ao espectador sensível;
c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência;
d) ao espectador que contempla a mediocridade;
e) ao espectador de programas medíocres.

TEXTO 18

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária.Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 100 anos em 2008, o autor (Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca;
b) o príncipe regente ser medroso;
c) a corte portuguesa ser corrupta;
d) os portugueses terem enganado Napoleão;
e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

TEXTO 19

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos;
b) progresso da ciência;
c) conhecimento de novos espaços;
d) comunicação com o novo;
e) abandono do passado.

TEXTO 20

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à

sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. **Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:**

a) "mas *nenhuma* suplanta..." = extraordinária beleza;
b) "Foi *uma época*..." = séculos XV e XVI;
c) "Para *isso*..." = homens de coragem e de saber;
d) "... essenciais à *sua* precisão,..." = informações geográficas;
e) "... até aquela época, para *eles*, incógnitos." = portugueses.

TEXTO 21

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. **Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:**

a) "Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade." – o alcoolismo;
b) "Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência" – o alcoolismo;
c) "Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país" – um cenário;
d) "... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens" – 10%;
e) "Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga" – brasileiros.

TEXTO 22

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) “<u>Daqui</u> a mais ou menos 1 bilhão de anos”;
b) “A elevação da temperatura no terceiro <u>planeta do sistema solar</u>”;
c) “Estamos <u>nós</u>, seres vivos...”;
d) “E por quanto tempo <u>ainda</u> viveremos nós...”;
e) “<u>Isso</u> significa que a vida em nosso mundo...”.

2. Se tivéssemos o raciocínio: “A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo”, o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa;
b) se troca a causa pela consequência;
c) se apela ao princípio da autoridade;
d) se troca a razão pela intuição;
e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) “No limite do <u>seu</u> material combustível, o Sol estará se expandindo”;
b) “A elevação da temperatura no <u>terceiro planeta do sistema solar</u>”;
c) “<u>Isso</u> significa que a vida em nosso mundo...”;
d) “para presenciar <u>essas mudanças</u>?”;
e) “Isso significa que a vida em <u>nosso mundo</u>”.

TEXTO 23

Tchecov escreveu: “Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui.”

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) A partir de <u>hoje</u> teremos uma vida nova;
b) Os homens <u>nunca</u> irão viver eternamente;
c) A vida na <u>Terra</u> é breve;
d) O futuro <u>sempre</u> está distante;
e) A partir de <u>1992</u>, o mundo mudou.

2. “Não tomaremos parte <u>nessa</u> vida, é verdade...”; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente;
b) em referência a um lugar próximo do interlocutor;
c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido;
d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado;
e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:

a) pronomes pessoais e demonstrativos;
b) pronomes pessoais e artigos;
c) artigos e pronomes demonstrativos;
d) pronomes pessoais;
e) pronomes demonstrativos.

TEXTO 24

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:

a) "Quando o meu filho Pedro, de 16 anos..."
b) "... antes de dizer-lhe um sonoro não"
c) "Muito pelo contrário, ele é um ser independente..."
d) "A partir daí, não me preocupa..."
e) "Para treinar a sua rebeldia..."

TEXTO 25

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem;
b) que existiram assassinos e tiranos;
c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis;
d) que eles caíram;
e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito

Texto 1
1. A
2. B

Texto 2
1. C
2. C
3. D

Texto 3
1. A

Texto 4
1. C

Texto 5
1. C

Texto 6
1. A

Textos 7 e 8
1. A
2. E

Texto 9
1. B
2. B

Texto 10
1. B

Texto 11
1. E
2. E
3. D

Texto 12
1. C

Texto 13
1. D

Texto 14
1. A
2. B

Texto 15
1. B
2. D
3. C

Texto 16
1. B
2. C

Texto 17
1. B;

Texto 18
1. B;

Texto 19
1. E;

Texto 20
1. B

Texto 21
1. D

Texto 22
1. A
2. A
3. A

Texto 23
1. A
2. E
3. D

Texto 24
1. A

Texto 25
1. A

página deixada intencionalmente em branco

Bibliografia

BECHARA, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em Construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso Prático de Gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

página deixada intencionalmente em branco